

COMBATE À DESERTIFICAÇÃO

Investimentos somam R\$ 3 milhões

Pesquisas financiadas pelo Estado visam o planejamento de ações para mitigar os problemas. *Página 20*

Foto: João Pedrosa



Clima junino contagia famílias paraibanas e leva colorido às casas

Bandeirinhas e balões multicoloridos são alguns dos adereços que pessoas como o militar aposentado José Luiz de Almeida (foto acima), de 71 anos, costumam utilizar para enfeitar residências e celebrar, com familiares e amigos, os festejos de São João com muita fé, música, dança e comidas típicas.

Página 5

Foto: Beth Torres/Arquivo pessoal



Animais idosos exigem mais atenção dos tutores e cuidados especiais

Alterações no humor, mudanças na relação com os outros pets e complicações de saúde são alguns problemas comuns nesta fase. Por isso, as consultas com veterinários precisam ser mais frequentes.

Página 6

Embriaguez ao volante cresce 43% na Paraíba entre janeiro e maio deste ano

Alta no número de infrações nos primeiros meses de 2025 levou ao reforço do policiamento da PRF nas rodovias paraibanas durante todo o período junino, época que marca, também, os 17 anos de vigência da Lei Seca no Brasil.

Página 7

Foto: Divulgação/PRF



Gonzaga Rodrigues

Página 2

Escritores e EPC vão a Coimbra

Escritores Sérgio de Castro Pinto e Marília Arnaud, além da jornalista Naná Garcez, participam, a partir de hoje, da 46ª Feira de Livros na cidade portuguesa.

Página 9

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

JUNHO VERMELHO
MÊS DE INCENTIVO À DOAÇÃO DE SANGUE

O bem corre em suas veias



Ilustração: Bruno Chiossi

Pensar

Nesta edição, o suplemento aborda a nomofobia infantil, uma condição que é caracterizada por uma dependência excessiva do aparelho celular e afins, com consequências para a saúde mental e o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Páginas 29 a 32



Aos 16 anos, cajazeirense surge como nova força do tênis de mesa

Multiesportista desde a infância, Izzye Rolim vem alcançando patamares cada vez mais altos em competições por todo o país, e é atual terceira colocada no ranking nacional sub-19.

Página 21

Editorial

Forró da polêmica

As festas juninas já estão em andamento em várias cidades nordestinas, como, por exemplo, Campina Grande, Caruaru e Salvador — em João Pessoa, os shows começaram na sexta-feira (20) —, mas o São João, de fato e de direito, como se diz, acontece na noite de amanhã, véspera do grande tributo que antes se prestava à fertilidade da terra e à colheita e, posteriormente, transformou-se na celebração do nascimento de São João Batista.

É a festa nordestina por excelência, musicalmente falando, por conta, principalmente, do forró (de cuja fórmula participam o xote, o xaxado e o baião), sem desmerecer o frevo pernambucano nem o axé dos baianos. As fogueiras estão sendo apagadas pelos ventos da consciência ambiental, e o estrondo das bombas está sendo substituído pela estética luminosa, porém silenciosa, dos modernos fogos de artifício.

O São João é feito, atualmente, não apenas de canjica, pamonha, cantos e danças, mas também de muita polêmica. Há quem critique a presença de artistas ligados, por exemplo, à música brega sertaneja e ao axé da Bahia nos palcos nos quais deveriam prevalecer os músicos ditos autênticos, ou seja, comprometidos com o forró, portanto com a identidade cultural nordestina representada pelo período junino.

O assunto realmente “dá pano pra manga”. Trios nordestinos ressentem-se da falta de agenda durante quase todo o ano, sendo os festejos juninos os momentos por excelência para ganhar o dinheiro que vai lhes garantir a sobrevivência nos meses de escassez. No entanto, reclamam que são aliados dos palcos, agora abertos quase que exclusivamente para os “astros e estrelas” de outros rimos e lugares.

A vida ensina que nada é eterno. O importante é que o povo tenha voz, para expressar o que quer, e todos tenham vez. No caso da Paraíba, que não falte nunca agenda para uma Elba Ramalho ou um Flávio José, para ficar apenas em dois grandes artistas, e que jamais caiam em esquecimento os legados de talentos como Jackson do Pandeiro, Sivuca, Marinês, Antônio Barros, Biliu de Campina, Genival e João Lacerda.

Que a harmonia seja a tônica e que a música, enquanto expressão da verdadeira criatividade popular, aproxime as pessoas, levando-as a se confraternizar pela arte. O bom senso deve reger as políticas de incentivo cultural dos gestores públicos, para que ninguém seja expulso dos palcos. E que o espírito de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, paire sobre todas as mentes e corações de todas as cidades onde se festeja São João.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O confronto esquerda-direita

No cenário político nacional, a luta pelo poder político vem sendo mantido através de um confronto entre as forças políticas de esquerda e de direita. Tais termos nasceram durante a Revolução Francesa, espalhando-se pelo mundo ocidental e contribuindo para que ocorresse uma transformação social e econômica. Na contemporaneidade, essas denominações também se definem como confrontos entre progressistas e reacionários, conservadores contra liberais.

Com a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética, percebe-se que essas posturas ideológicas sofreram mudanças de compreensão em relação às identidades tradicionais. A esquerda foi impelida a se reorganizar, de forma a estabelecer uma nova configuração no sistema político mundial. A verdade é que as linhas divisórias entre esquerda e direita se tornaram menos nítidas.

Temos visto partidos de esquerda assumindo posições de direita em certas questões e vice-versa. Isso tem dificultado a rotulação esquerda-direita. Essa confusão ideológica fez surgir no Brasil um campo político apelidado de “centrão”, formado por parlamentares de direita, a partir de interesses corporativos e fisiológicos, praticando a troca de apoio a projetos do governo, por cargos em órgãos estatais e emendas parlamentares.

Em anos recentes, algumas lideranças políticas têm se alinhado com a estratégia da extrema direita internacional, produzindo narrativas conspiratórias com objetivos golpistas.

O ex-deputado federal José Dirceu analisa que os governos de esquerda muitas vezes se veem forçados a admitir alianças políticas que desfiguram o viés ideológico de origem. Assim ele explica o terceiro Governo Lula: “Foi montado um governo que não é de centro-esquerda, pois é um governo que tem apoio da direita. Eu falo isso e todo mundo fica indignado dentro do PT. Mas essa é a exigência do momento histórico e político que nós vivemos. Tendo um pequeno número de parlamentares no Congresso, se vê obrigado a fazer alianças para fora do escopo da esquerda”.

Não há homogeneidade no ativismo político desses grupos antagônicos. Neles en-

contramos correntes que possuem uma base social mais orgânica, enquanto outros são controlados por cúpulas e burocracias autônomas. Essa confusão ideológica provoca mudanças de acordo com a conjuntura política. Porém, a identificação das organizações e indivíduos da direita se afirma por princípios da ideologia liberal, na defesa intransigente da propriedade privada, da meritocracia e da livre iniciativa do mercado, ainda que entre eles existam divergências programáticas ou pontuais. Todavia, há um ponto em comum: o posicionamento contra os interesses e lutas da classe trabalhadora.

Já os partidos e movimentos sociais identificados como de esquerda defendem ideias em consonância com os princípios de igualdade, justiça, liberdade e solidariedade, criticando os alicerces que sustentam o modo de produção capitalista, a exploração do trabalho e a violência praticada pelo Estado burguês. Esses militantes políticos são classificados por seus opositores, como comunistas, anarquistas e socialistas.

O mais preocupante nesse confronto político-ideológico é o tom das campanhas eleitorais, influenciadas pelos discursos de raiva e indignação, na conformidade do humor da opinião pública. Essa fragmentação partidária e inconsistências ideológicas colaboram para que se pratique o oportunismo eleitoral.

“

O mais preocupante nesse confronto político-ideológico é o tom das campanhas eleitorais

Rui Leitão

Foto Legenda

Julio Cezar Peres



Ambulantes dos tempos juninos

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Era no tempo de JK x Lacerda...

Era a minha estreia no Rio de Janeiro, levado no meio de uma delegação de militantes da secção local da União Brasileira de Escritores, uma das muitas entidades culturais dos anos 1950 que funcionavam a pretexto de justificar o patrocínio dessas iniciativas. Íamos participar de um festival de escritores, creio que o primeiro no Brasil, e me incluíram nessa delegação beneficiada pelos estímulos à cultura no Governo Pedro Gondim.

Não deixa de ter sido estímulo, uma forte emoção no meu caso. Descer no Rio de Janeiro que a música popular brasileira tornara de todos nós. Tão longe de Alagoa Nova e tão dentro de nós pelas vozes de Marlene, de Dircinha, de Dalva de Oliveira em sua “Ave Maria no morro”. De fazer ajoelhar. Vozes portadoras de um Rio mais bulçoso, já sem o charme machadiano das ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias, transferido por Diky Farney ou Lucio Alves para Copacabana, a princesinha do mar.

E eis-nos na Praça Paris, tão feinha, onde ficava a pensão. Como era o nome da rua? Não tenho mais a quem perguntar. Além de Cartaxo, éramos Wilton Veloso, Waldemar Duarte, Wills e Carlos Romero. E na mesma noite nos vimos cara a cara, em carne e osso, com as entidades míticas que encimavam as capas do Jubiabá, do São Bernardo, da Evocação do Recife, da última página de O Cruzeiro corporizada em Rachel de Queiroz ou do rodapé do Jornal do Brasil de Alceu Amoroso Lima. Muita gente doida, frenesi, a empacar minha timidez na procura ansiosa dos mitos do meu convívio delirante com seus livros.

Eu estava diretamente interessado, de modo contrito, em Graciliano Ramos, que já não se chateava mais entre os vivos, mas intensamente vivo aparecia ali, representado por D. Eloísa, a esposa. Já era muito para a minha admiração fervorosa. A Eloísa que eu antevira nas “Memórias do Cárcere”, na partida de trem do marido para a prisão no Recife, nas peregrinações pela Colônia Penal, a se confortar naqueles poucos e atormentados minutos de convívio vigiado.

De repente, todo o shopping center ocorre ba-

“

E eis-nos na Praça Paris, tão feinha, onde ficava a pensão. Como era o nome da rua?

Gonzaga Rodrigues

rulhento e volumoso a um dos acessos do festival. Nesse tempo, o substantivo “pão” deixava de ser o da padaria para se tornar o “gatão”, uma interjeição de sexo e volúpia.

E vi rolar sobre mim um bando de amazonas, nuas dentro do vestido, aos gritos de “pão”, ele é um “pão”, o que já haviam feito, minutos antes, com a chegada de Cauby Peixoto. Dessa vez o pão era Lacerda, que entrava trazido pela onda de cabeças femininas. Minutos depois via-se o mesmo com Juscelino.

Olhei Lacerda de perto, naqueles olhos duros e severos, e, por mais que me intrigassem as suas ideias, deslumbrou-me a onda solta em que navegava. A fera com as suas fagulhas de tribuna cedia o lugar, de repente, ao narrador de Xanam e outras histórias, lançado àquela hora, e que o escritor, o memorialista de “A Casa do meu avô” viria confirmar.

Anos depois, muito depois, estou no primeiro gole de café, não no Rio, mas em Campina Grande, quando descubro, vizinho a mim no mesmo balcão, a figura única de Lacerda. Sem gritaria nem multidão, tomando o São Braz que eu tomava num balcão que sempre me pareceu universal.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Evandro Pereira

Já foram concluídas as fundações de diversos apoios nas margens do rio, utilizando estacas escavadas de grande diâmetro

CONSTRUÇÃO

Ponte do Futuro tem obras avançadas no Rio Paraíba

Complexo viário vai interligar os municípios de Cabedelo, Santa Rita e Lucena

Priscila Perez
 priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Nem a temporada de chuvas tem freado o avanço da Ponte do Futuro, obra sobre o Rio Paraíba que vai interligar os municípios de Cabedelo, Santa Rita e Lucena, na Região Metropolitana de João Pessoa. Imagens compartilhadas no dia 15 deste mês pelo governador João Azevêdo mostraram as primeiras vigas fixadas no leito do rio e o progresso da fundação nas margens, marcando o início da etapa estrutural. “É assim que o sonho se parece quando está virando realidade”, disse ele em publicação nas redes sociais. As próximas etapas do projeto incluem a instalação das vigas pré-moldadas e, na sequência, a concretagem da laje.

De acordo com o engenheiro Aluísio Lucena, responsável pelo empreendimento, a obra já alcançou um estágio considerado avançado. “Já foram concluídas as

fundações de diversos apoios nas margens do Rio Paraíba, utilizando estacas escavadas de grande diâmetro”, afirma. Ele destaca ainda o avanço nas travessas da mesoestrutura, com vários apoios já finalizados. Na superestrutura, três longarinas — vigas longitudinais — já foram concretadas e, segundo ele, a expectativa é intensificar a produção nas próximas semanas, mantendo o ritmo de execução e preparando o terreno para as etapas seguintes.

Mesmo com o período chuvoso, a expectativa do Governo do Estado é manter o cronograma intacto e concluir a obra até dezembro de 2026.

Segundo o secretário de Infraestrutura e Recursos Hídrico da Paraíba, Deusdete Queiroga, as chuvas afetam mais as frentes de trabalho na estrada, mas, até o momento, não têm prejudicado a execução da ponte. “O consócio Jampa [formado pelas construtoras Gaspar e Arteleste Construções] continua nos as-

segurando que tem condições de entregar a obra no final de 2026. Em si, a questão da chuva já faz parte do nosso calendário”, afirma o secretário.

Canteiro de obras

Os trabalhos seguem avançando nos dois lados do Rio Paraíba, de Cabedelo para Santa Rita e vice-versa. No fim de maio, do lado de Cabedelo, já tinham sido concretadas seis estacas, cada uma com 30 m de profundidade, além de três travessas. Em Lucena, o avanço também já era visível, com 10 estacas finalizadas, sendo duas dentro do rio. A próxima etapa, já em andamento, é a preparação das travessas para receber as vigas pré-moldadas — longitudinais e transversais. E, a partir daí, a Ponte do Futuro, que terá 2 km de extensão, começará a ganhar forma sobre o leito do rio. “Depois que colocarmos essas vigas, faremos a concretagem da laje e já vamos avançando sobre o rio”, detalhou Queiroga.

Sobre o impacto visual, o secretário de Infraestrutura adiantou que, até o fim deste ano, a estrutura da ponte principal já começará a se destacar na paisagem, ficando visível para quem passar pela região. “A partir do próximo mês, talvez a gente já consiga fazer o primeiro vão, interligando uma linha de pilares com a outra”, afirmou. Ele estima que, em um prazo de três a quatro meses, a obra já apresente um avanço mais expressivo, com 100 m de ponte.

De acordo com o Departamento de Estradas de Rodagem da Paraíba (DER-PB), neste momento, as equipes também trabalham na concretagem das estacas no Rio Una, na construção de novas travessas e na confecção das vigas e pré-lajes que vão compor a estrutura da ponte principal. A expectativa é que, ao fim da obra, os municípios de Santa Rita, Cabedelo e Lucena sejam diretamente beneficiados.

Redesenhando a mobilidade urbana na Grande JP

Com início no bairro de Intermare, em Cabedelo, a Ponte do Futuro promete redesenhar a mobilidade urbana na Grande João Pessoa a partir de 2026. O acesso será feito pelo km 9,64 da BR-230, próximo ao Viaduto de Intermare, onde também está prevista a construção de um novo viaduto, de 40 m de extensão, sobre a linha férrea. A partir dali, a estrutura segue até a Ilha Stuart, em Santa Rita, cruzando o Rio Paraíba, e depois avança até a PB-011, nas proximidades de Forte Velho. Serão 2 km no total, com ciclovia, calçada e um mirante voltado para o pôr do sol no Jacaré, um dos cenários mais conhecidos da região.

Mas não se trata de uma única estrutura viária. A Ponte do Futuro faz parte de um complexo viário maior, que inclui obras complementares, como a construção de uma segunda ponte, com 420 m, sobre o Rio da Guia, o prolongamento da PB-011 até a PB-019, de Forte Velho a Lucena, com 11,2 km de extensão; e a adequação da PB-025 até o entroncamento com a BR-101. Juntas, essas in-

tervenções têm como objetivo ampliar as conexões entre os municípios da Região Metropolitana e, por consequência, melhorar o acesso ao Porto de Cabedelo, facilitando o transporte de cargas. Além disso, a nova estrutura viária tem potencial para fortalecer o turismo no Litoral Norte ao facilitar o acesso às praias da região.

Segundo o secretário de Infraestrutura da Paraíba, Deusdete Queiroga, a ponte secundária, em Lucena, deve ter as obras iniciadas dentro dos próximos dois meses. “Ela deve terminar bem antes dessa maior”, afirmou. Em relação aos trechos de estrada, o desmatamento já foi concluído nesses locais e as equipes estão trabalhando no terraplenagem, com cortes e aterros em execução. “Quando passar o período chuvoso, será possível iniciar a segunda ponte e trabalhar simultaneamente em todas as frentes de serviço”, destacou. O investimento total no Complexo da Ponte do Futuro é de R\$ 465,5 milhões.

O engenheiro Aluísio Lucena explica que, por conta das chuvas, as atividades de terra-

plenagem na rodovia de acesso à ponte principal estão, neste momento, praticamente paralisadas. Mas isso não significa uma interrupção no andamento das obras, como ele bem destaca. “Estão sendo priorizadas as frentes que não dependem de boas condições de solo, como a produção de longarinas, as armações de mesoestrutura e os serviços sobre o leito do rio”, afirma. As equipes seguem concentradas nas fundações, na montagem das travessas, na concretagem das longarinas e nas operações de logística náutica. Já em relação à segunda ponte, no município de Lucena, Aluísio acrescenta que o projeto está em fase de finalização, com previsão de início da supressão vegetal na primeira quinzena de julho.

Benefícios

Em nota, o DER-PB destacou que os benefícios proporcionados pelo empreendimento vão além da mobilidade urbana, com reflexos diretos na segurança viária e na qualidade ambiental da região. A expectativa é que a obra contribua

para a redução de acidentes e ajude a diminuir os índices de poluição provocados pelo trânsito. “Além de reduzir o tempo de deslocamento entre os municípios da Região Metropolitana, a nova estrutura vai proporcionar mais qualidade de vida para a população”, informou o departamento.

Queiroga também destacou os impactos que a nova ligação deve trazer para a região. “Vamos conseguir tirar uma quantidade grande de caminhões da BR-230 e desafogá-la um pouco nesse trecho. Você vai ter a opção de cruzar a ponte e já estar na BR-101 sem precisar dar toda essa volta”, pontuou o secretário. Segundo ele, a obra também pode abrir caminho para a criação de uma retroárea em Santa Rita, ou seja, um local com potencial logístico para atender ao Porto de Cabedelo. “Você tem do outro lado do município de Santa Rita uma grande área já de plantio de cana. Não teria maiores problemas ambientais para se criar lá distritos industriais e áreas de implantação de empresas de logística”, completou.

Opinião

Lúcio Vilar

Fundador e produtor do FestAruanda | Colaboração

Cinema e memória pelas lentes do CinePE

Convidados pela organização da 29ª edição do CinePE — a quem agradecemos em nome do casal Bertini, anfitriões de excelência —, estivemos em Recife na semana passada para o lançamento do livro “Luz, Cinefilia... Crítica! Arqueologia e Memória do Crítico Linduarte Noronha”. Publicado pela Editora A União (EPC), o livro oferece ao leitor um raro panorama das críticas e crônicas do pernambucano-paraibano, publicadas nas páginas culturais deste centenário jornal entre as décadas de 1950 e 1960.

Estar na terra de Kleber Mendonça Filho — cineasta laureado pelo Festival de Cannes 2025 com “O Agente Secreto” — foi também uma oportunidade de “sentir o pulso” desse novo e vibrante momento do cinema nacional. O festival apresentou uma seleção expressiva de curtas e longas-metragens, evidenciando a retomada do audiovisual brasileiro após um período sombrio, marcado pelo negacionismo cultural (2016–2022). Desde 2023, com a recriação do Ministério da Cultura, a reativação da Ancine e a implementação das leis Aldir Blanc e Paulo Gustavo, o país retoma os trilhos da produção e da diversidade artística.

A ministra da Cultura, Margareth Menezes, esteve na cerimônia de abertura do CinePE e anunciou o edital Arranjos Regionais, que destinará R\$ 300 milhões à produção audiovisual em todo o Brasil. A chamada pública será voltada a órgãos e entidades culturais estaduais e municipais, com

um teto de até R\$ 30 milhões por estado. Vale destacar que 70% dos recursos serão priorizados para as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Esse cenário de retomada e incentivo mobiliza jovens e veteranos realizadores, produtores, diretores, atores e técnicos. Foi nesse ambiente fértil que apresentamos essa faceta pouco conhecida de Linduarte Noronha — e a recepção foi excelente. Entre os que adquiriram a obra, destacam-se os cineastas Beto

“

Cristovam Buarque mostrou grande interesse por Linduarte Noronha

Lúcio Vilar

Brant, Walter Carvalho e Rosemberg Cariry, além dos jornalistas Miguel Barbieri e Luiz Carlos Merten (Estadão). No plano acadêmico, vale destacar a presença do educador, escritor e ex-senador Cristovam Buarque — com quem dividimos uma mesa-redonda que contou também com o economista, filósofo e membro da ABL Eduardo Giannetti.

Num bate-papo que se estendeu após o evento, Cristovam Buarque mostrou grande interesse por Noronha — conterrâneo pernambucano que adotou a Paraíba na década de 1940 —, o que instigou os demais presentes a fazer consultas sobre o mentor de Aruanda (1960). Alguns, que nunca haviam assistido ao curta paraibano, já o baixaram na web, via plataforma Aruandaplay (<https://www.aruandaplay.com.br/>) e nos relataram entusiasmo com a obra após chamarmos atenção para o filme em nossa fala de apresentação.

Em resumo: nossa convicção sobre a relevância da pesquisa foi reforçada — e ficou claro que é urgente reforçar o circuito de lançamentos da obra, que resgata o legado esquecido de Linduarte Noronha bem antes de ele se destacar como cineasta em 1960. Por isso, o livro se encaixa perfeitamente em festivais, universidades e espaços culturais. Já temos um roteiro de próximas sessões confirmadas: dia 25 de julho na Cinemateca Brasileira (São Paulo), atendendo ao convite dessa instituição guardiã de nosso acervo cinematográfico, sob a chancela da diretora Maria Dora Mourão, e, em agosto, no Festival Guarnicê de Cinema, em São Luís (MA), a convite da professora e doutora Roselis Barbosa (UFMA), coordenadora do evento.

E, assim, seguimos adiante na firme e tenaz expectativa de que esse percurso reverberará o eco de Noronha entre novas gerações, legitimando sua voz crítica e abrindo caminhos para a valorização da memória cinematográfica brasileira a partir dos escritos de um cronista que, embora distante dos grandes centros há 70 anos, permaneceu absolutamente afinado e conectado com sua época. Como destacou Marília Franco (Eca-USP), uma das colaboradoras do livro, “Linduarte vem de ontem falando ainda com ‘outros hojes’ que ele sequer conheceu”.



Geraldo Moreira de Menezes

Diretor-geral da Agevisa

“Tudo que envolve a saúde pública passa pelo nosso olhar”

Em entrevista ao **Jornal A União**, gestor do órgão detalha como a agência estadual atua em diversas frentes de fiscalização

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Com uma missão que vai muito além da fiscalização, a Agência Estadual de Vigilância Sanitária (Agevisa) tem se consolidado como um dos pilares fundamentais da saúde pública na Paraíba. Criada em 2002, a autarquia estadual está presente em todas as regiões sanitárias do estado, promovendo ações que vão desde o controle de medicamentos e equipamentos hospitalares até a orientação de profissionais e estabelecimentos de saúde. Recentemente, a Agevisa intensificou operações de combate à venda de cigarros eletrônicos — proibidos no Brasil — e tem interditado farmácias que comercializam medicamentos de forma irregular, sem receita ou com prazos de validade comprometidos. À frente dessa estrutura, está o diretor-geral Geraldo Moreira de Menezes, que detalha nesta entrevista exclusiva ao **Jornal A União**, como a agência atua em frentes diversas: do uso racional de antibióticos à fiscalização de comunidades terapêuticas clandestinas, passando pela educação sanitária nas escolas, o reforço da segurança do paciente e o combate à automedicação. Confira, na íntegra:

A entrevista

■ Qual é o papel da Agevisa na proteção da saúde dos paraibanos?

A Agevisa é uma autarquia estadual, criada em 2002, com uma missão muito abrangente. Como o próprio nome já diz, é uma agência de vigilância. Isso significa que a gente vigia desde uma pasta de dente no supermercado até uma sala de Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Fiscalizamos rótulos, embalagens, transporte de produtos, mamografias em caminhões itinerantes, equipamentos de raios X e até cigarros eletrônicos. Ou seja, tudo que envolve a saúde pública passa pelo nosso olhar.

■ O senhor mencionou os cigarros eletrônicos. Como a Agevisa atua nesse caso?

O cigarro eletrônico é proibido no Brasil. E, na Paraíba, temos legislações rigorosas contra o tabagismo. Esses dispositivos chegam de forma ilegal, sem nota fiscal, muitas vezes como contrabando. Eles causam danos à saúde e, ainda por cima, ferem a lei. Por isso, agimos em parceria com órgãos como o Procon, o Ministério Público do Estado, a Polícia Federal e o Fisco estadual, para combater o uso e a comercialização desses produtos, especialmente em eventos de massa.

■ Em maio deste ano, a Agevisa participou de uma campanha sobre o uso racional de medicamentos e a higiene das mãos. Qual a importância dessas ações?

Essas ações seguem orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e se encaixam na segurança do paciente. A higiene das mãos, por exemplo, é fundamental para evitar infecções hospitalares. Começa na pulseirinha de identificação, segue com protocolos no atendimento e se estende até a sala de cirurgia. É uma prática que deve acontecer todos os dias, em todas as etapas do atendimento.

■ E o uso racional de medicamentos

também está relacionado à segurança do paciente?

Com certeza. Tomar antibióticos indiscriminadamente pode gerar resistência. Isso exige, no futuro, o uso de medicamentos mais potentes e com mais efeitos adversos. Um exemplo: o diclofenaco, indicado para o controle de dor aguda, leve a moderada. Se usado de forma exagerada, pode afetar os rins. Por isso, orientamos e fiscalizamos o uso consciente, tanto nas farmácias quanto nas unidades de saúde.

■ Recentemente, enfermeiros passaram a poder prescrever alguns medicamentos. Como a Agevisa acompanha isso?

O Conselho Regional de Enfermagem da Paraíba (Coren-PB) nos provocou sobre essa pauta. Reunimos o Conselho Regional de Medicina (CRM-PB), o Conselho Regional de Farmácia (CRF-PB), o sindicato das farmácias e as vigilâncias sanitárias de Campina e João Pessoa. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ainda não atualizou o Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC) para registrar o número do Coren dos enfermeiros. Então, a Agevisa publicou uma instrução normativa exigindo que as farmácias criassem um sistema próprio de controle e nos informassem mensalmente os medicamentos prescritos por esses profissionais. Se identificarmos irregularidades, informamos ao Coren, que pode abrir um processo ético.

■ O Brasil tem uma cultura forte de automedicação. Como a Agevisa atua nesse campo?

Fazemos ações educativas em hospitais e unidades de saúde públicas e privadas. A automedicação é perigosa e pode gerar erros de dispensação ou efeitos adversos. Por isso, treinamos profissionais e atuamos para que o farmacêutico esteja atento à correta entrega do medicamento, sempre respeitando a prescrição.

■ A agência também é responsável pelo controle de receituários?

Quando um médico precisa receitar medicamentos controlados, como os da receita amarela (tipo A), ele solicita a liberação à Agevisa. Nós fornecemos a numeração — que vem da Anvisa — e controlamos onde e como esses receituários são usados. Essa numeração é nacional e permite rastrear até quando o receituário da Paraíba é usado em outro estado, como São Paulo, por exemplo.

■ Diante de uma atuação tão ampla, como a Agevisa consegue atender todo o estado?

Temos nossa sede e quatro gerências regionais: Guarabira, Campina Grande, Patos e Sousa. Cada unidade atende os chamados “regulados” — que são estabelecimentos que precisam de licenciamento sanitário, desde hospitais até clínicas e farmácias. Os serviços podem ser solicitados presencialmente ou pela internet. É uma rede que cobre todas as regiões sanitárias da Paraíba.

■ A Agevisa também fiscaliza comunidades terapêuticas. Como é esse trabalho?

Atuamos com base em denúncias e com um comitê formado por vários órgãos, como o Ministério Público, Secretaria de Saúde, Coren-PB, conselhos de farmácia, psicologia, entre outros. Muitas dessas comunidades não têm legalização sanitária e realizam práticas irregulares, como procedimentos invasivos sem autorização. Em alguns casos, encontramos situações graves de trabalho análogo à escravidão, pessoas vivendo em condições precárias e até misturando homens e mulheres no mesmo ambiente, o que gera outros riscos.

■ E o que acontece quando uma irregularidade é constatada?

Se não seguem protocolos, interditamos. Já fechamos unidades em Queimadas e, recentemente, no Conde. Muitas atuam clandestinamente. Recebem dinheiro dos familiares e dos próprios internos, inclusive se apropriando de cartões de aposentadoria. Algumas ainda tentam mudar de município, rapidamente, para fugir da fiscalização. É um problema grave e crescente, mas estamos atentos e atuando com rigor.

■ O senhor falou que, além de fiscalizar, a Agevisa também orienta. Como é esse processo?

Nós não só fiscalizamos, como também orientamos. Quando uma empresa ou instituição nos procura, explicamos o que é permitido, o que não é, e como se adequar. Nosso papel é garantir a saúde pública, e isso passa tanto por corrigir irregularidades quanto por orientar quem quer fazer o certo. Hoje, nossa missão vai além da punição. Atuamos com educação, orienta-

ção, formação e diálogo com a população e com os profissionais. Queremos alertar sobre riscos, prevenir antes de punir. É uma mudança de cultura institucional.

■ Como a população pode denunciar irregularidades em clínicas, comunidades terapêuticas ou outros serviços que oferecem risco à saúde?

A população pode nos acionar por diversos canais. A população em geral pode se comunicar conosco pelo WhatsApp, tanto no sistema de telefonia móvel quanto pelo número (83) 3218-5935, atendido pelo setor de Cadastro da instituição. Além do número fixo, os contatos via WhatsApp podem ser feitos por ligação para os números (83) 98640-8359, da área de Medicamentos e Alimentos, (83) 98829-1228, da área de Ciência e Tecnologia Médica, (83) 98829-1055, da área de Saúde e (83) 98640-8359, da Ouvidoria. Há, ainda, nosso site com acesso à ouvidoria, a Ouvidoria-Geral do Estado e, claro, o Ministério Público. Também estamos sempre de portas abertas para receber qualquer cidadão que deseje relatar uma situação suspeita. A partir daí, investigamos com responsabilidade e cautela.

■ E como essas investigações são conduzidas?

Primeiro analisamos com calma. Verificamos se há CNPJ, se a atividade registrada corresponde ao que está sendo realmente praticado. Por exemplo, há lugares que se registram como clínicas, mas funcionam como comunidades terapêuticas, ou vice-versa. Nosso papel é identificar isso. A Agevisa atua onde houver risco à saúde, seja na prevenção, no combate ou no cuidado.

■ Quais são os projetos em andamento que o senhor destaca para este segundo semestre?

Um dos principais é o Anvisa Educa, um programa em parceria com a Anvisa e com a Secretaria de Educação, voltado à formação de professores como multiplicadores de vigilância sanitária. Hoje, atuamos em cerca de 240 escolas da Paraíba, começando pela 1ª Região de Ensino.

■ Como esse projeto funciona na prática?

Os professores passam por um curso *on-line* que os capacita a abordar temas de vigilância sanitária com os alunos. O objetivo é que as crianças desenvolvam o olhar crítico para situações do cotidiano, como conferir a validade de alimentos ou identificar ingredientes que podem causar alergias. Isso forma cidadãos mais conscientes desde cedo.

■ Além da educação, há frentes voltadas diretamente à segurança do paciente?

Sim. Teremos, no dia 15 de julho, um grande evento com o Ins-

tituto Brasileiro de Segurança do Paciente, em João Pessoa. Serão convidados gestores e profissionais de saúde para discutir eventos adversos e promover uma cultura de segurança. Nosso foco é incluir também a atenção básica nesse debate, porque erros podem acontecer em qualquer ponto da rede, inclusive nas unidades do Programa de Saúde da Família, os PSFs.

■ Há uma atuação específica para os profissionais de Vigilância Sanitária nos municípios?

Estamos com um projeto, que deve ser executado até o fim do ano, para capacitar os profissionais municipais. Queremos que todos saibam, exatamente, como proceder numa inspeção, o que observar, como agir. A Agevisa é o órgão regulador do Estado, e, por meio da descentralização do Sistema Nacional de Vigilância Sanitária, somos representantes da Anvisa na Paraíba. Isso exige de nós responsabilidade e orientação técnica aos municípios.

■ Recentemente, a Agevisa intensificou a fiscalização de cigarros eletrônicos. Como tem sido essa atuação?

Estamos reforçando a fiscalização, especialmente, durante os festejos juninos, como no Parque do Povo. Apreendemos cigarros eletrônicos e orientamos a população sobre os riscos desse produto, que traz sérios prejuízos à saúde.

■ E no que diz respeito às farmácias?

Temos intensificado as fiscalizações para coibir a venda de medicamentos controlados e antibióticos sem retenção de receita ou nota fiscal. Isso fere diretamente a Portaria nº 344/1998, do Ministério da Saúde. Após as apreensões, retiramos do mercado medicamentos vencidos ou próximos do vencimento e destinamos os que estão em bom estado para instituições filantrópicas.

■ O senhor recebeu recentemente uma homenagem importante do Conselho Regional de Medicina. O que representa essa comenda?

Foi uma honra receber a comenda Amicus Medicinae, concedida pelo CRM-PB. Ela reconhece a atuação de pessoas que contribuem para a medicina, mesmo sem serem médicos. Fico grato pelo reconhecimento ao trabalho da Agevisa, que tem buscado, todos os dias, proteger e promover a saúde da população paraibana.

■ Para encerrar, como o senhor define, hoje, a missão da Agevisa?

A Agevisa é um organismo vivo, em constante evolução. Atuamos na prevenção, no cuidado e no combate. Fiscalizamos, educamos, orientamos. E, acima de tudo, estamos cada vez mais próximos da população, cumprindo nosso dever com seriedade e compromisso.

TRADIÇÕES JUNINAS

Festas exaltam valores e costumes

Dentro e fora de casa, paraibanos comemoram o São João com religiosidade, música, dança e gastronomia

Marcelo Lima
marcelolimnatal@yahoo.com.br

Até o pedestre mais desatento percebe que o Dia de São João está chegando, ao atravessar a pequena Rua João Mendonça Fonseca, no bairro Valentina de Figueiredo, em João Pessoa. Isso porque o militar aposentado José Luiz de Almeida, de 71 anos, faz questão

de anunciar o período festivo com as bandeirinhas quadriculadas, balões multicoloridos e adereços de toda sorte, na varanda de sua casa, há 40 anos.

Ele e sua família fazem parte dos 93% de pessoas residentes no Nordeste que pretendem comemorar os festejos juninos neste ano. O dado foi divulgado, no mês passado, pela empresa de pesquisas de merca-

do Offerwise, a partir de um levantamento realizado junto a 800 moradores distribuídos pela região.

Na casa de José Luiz, a preparação para as celebrações começa na primeira semana de junho. Sob o telhado da varanda, é afixada uma constelação de bandeirinhas, ilustradas com imagens que remetem aos santos do mês. No alto da por-

ta de entrada para a sala, Santo Antônio, São João e São Pedro aparecem, ombro a ombro, numa composição mais tradicional.

“Sou devoto de São João, São Pedro, Santo Antônio e São José”, declarou José Luiz, que revela ser um católico engajado. Há mais de duas décadas, o morador do Valentina integra o terço mariano dos ho-

mens no bairro, deslocando-se pelos lares locais, a pedido de fiéis. “Vou com mais de 650 casas rezadas. É um terço mariano muito bonito, muito forte, com testemunho até de cura”, contou.

Forró, comida e quadrilha

Mas a festa da família Almeida não é exclusivamente religiosa. “A gente bota um

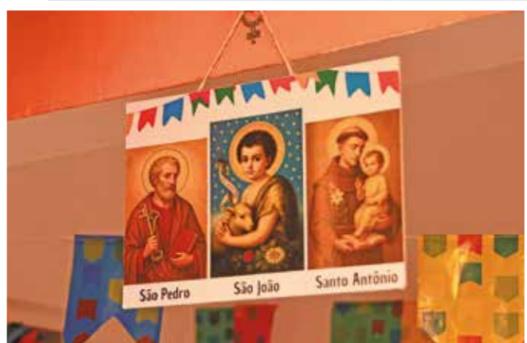
forrozinho para tocar e amanece o dia. Às quatro horas da manhã, a gente encerra”, disse José Luiz, que costuma receber cerca de 40 convidados para o evento, incluindo seus dois filhos, cinco netos e inúmeros amigos da vizinhança, da igreja e dos bairros de Mangabeira e Torre.

As tarefas de preparação para a confraternização são divididas entre ele e sua mulher, a dona de casa Maria das Dores Almeida, que planeja e prepara a comida. “Canjica, bolo, pamonha, milho assado, queijo assado, carne assada, churrasquinho. E, a quem vier, traga um prato!”, advertiu Maria das Dores, em referência ao costume que trouxe de sua cidade natal, Arara, no Agreste paraibano.

Embora, diferentemente de seu marido, não seja devota dos santos do mês, a dona de casa também é uma grande apreciadora do clima junino. “É alegria, né? Tudo fica contagiado. Tem comida de milho, de que gosto muito. A gente gosta de vestir xadrez, jeans, uma coisinha na cabeça, maquiagem... Cada qual do seu jeito”, acrescentou.

Para completar a festa, a família Almeida ainda faz uma quadrilha improvisada, com casamento matuto e tudo. Por todos os momentos de alegria que divide em sua residência, José Luiz defende a simplicidade nas celebrações da época. “Acho que o certo seria toda família brincar em casa. Às vezes, a família tem um cantor, um sanfoneiro, então faz a festa. É melhor do que se destacar para longe, ficar sujeito a um acidente ou coisa pior”, ponderou o militar da reserva.

Fotos: João Pedrosa



Devoto de Santo Antônio, São João, São José e São Pedro, o militar aposentado José Luiz de Almeida mantém um costume de 40 anos: ao lado de sua esposa, ele decora sua casa, prepara pratos típicos e recebe familiares e amigos para uma noite colorida e animada

Período de confraternização celebra fé e saúde das relações, afirma teólogo

Para a antropóloga Luciana Chianca, pesquisadora especializada em festas populares contemporâneas, o período junino pode ser, de fato, até mais relevante para as populações do Nordeste do que as festas de fim de ano, quando se trata de ocasiões para encontros e reencontros de círculos sociais. “Tem muita gente em São Paulo e no Rio de Janeiro que prefere tirar as férias em junho para retornar para cá. Uma vez, fiz uma pesquisa na rodoviária [e constatei] que tinha mais ônibus vindo do Centro-Sul nessa época do que no Natal e no fim de ano. O encontro das famílias, dos amigos, dos vizinhos que trocam pratos de canjica; a socialização na escola e no trabalho — essas são situações fundamentais da vida social”, pontuou.

Luciana aponta, ainda, a crescente desfiguração da face religiosa dessas celebrações. “A Igreja Católica perdeu o domínio da festa. Muitas pessoas não fazem a conexão entre os santos e as comemorações. As festas são espaços de liberda-

de; as pessoas fazem coisas que talvez o padre não aprove, mas desde o Brasil colonial, a gente tem registros de festas religiosas que tiveram que ser disciplinadas pela Igreja”, lembrou.

Por outro lado, na visão do teólogo, historiador e diácono da Arquidiocese da Paraíba, Vanderlan Paulo, o período conjuga a celebração da vida — da boa colheita de milho e da saúde dos relacionamentos — e da religião. “No caso de São Pedro e São Paulo, até mesmo onde eles não são padroeiros, são lembrados com novenas, trezenas, quermesse e forró pé de serra, dentro do espaço das paróquias. Tudo isso acontece com muito entusiasmo e devoção”, exemplificou. Apesar disso, Vanderlan reconhece que a Igreja Católica deve se envolver mais com o povo. “A Igreja precisa tomar decisões importantes, atuar com mais inserção social para transformar a realidade. Os religiosos precisam aproximar-se mais da sociedade, a partir dos temas que ela provoca, para que opinem e reflitam”, avaliou.

De todo modo, conforme observa Luciana, a pujança econômica dos grandes eventos juninos têm reafirmado o impacto dessas manifestações. “[Os festejos] têm perdido essa conexão com a religiosidade, mas ganharam em outras coisas, como no aspecto comercial, que traz uma dinâmica muito intensa para o São João”, analisou a antropóloga.

“

No caso de São Pedro e São Paulo, até mesmo onde eles não são padroeiros, são lembrados com novenas, quermesse e forró pé de serra

Vanderlan Paulo

Para antropóloga, eventos públicos marcam transformação no interior

Na avaliação de Luciana Chianca, as festividades juninas do Nordeste passaram a apresentar contornos econômicos mais fortes no fim do século passado. A antropóloga lembra que cidades como Campina Grande, Caruaru (PE), Crato (CE), Estância (SE), Mossoró (RN) e Feira de Santana (BA) eram, no passado, entrepostos comerciais importantes, fora das capitais da região. E, se no início do século 20, as principais trocas comerciais, nas feiras locais, eram de produtos de primeira necessidade, atualmente nota-se que as mercadorias de destaque são outras, especialmente no mês de junho.

“Muitos sertanejos vêm para Campina e muitos pessoenses também. É como um ponto de encontro, não mais para vender e trocar produtos de feira, mas para vender e trocar tradições. Da mesma forma como as pessoas iam à feira para comprar legumes, vão ao Parque do Povo, hoje, para ‘consumir’ cantores”, argumentou.

Como produtos turísticos e culturais bem-sucedidos, a antropóloga frisa que as festas juninas desses mu-

nicipios são resultado de políticas públicas. “Nos anos de 1980, a Embratur [Agência Brasileira de Promoção ao Turismo] resolveu investir no turismo do Nordeste. Algumas cidades desenvolveram o turismo de praia e sol e outras investiram nas tradições culturais. [As festas de] Campina Grande e Caruaru surgiram na mesma gestação”, contextualizou Luciana.

No entanto, a pesquisadora evita decretar que é essa transformação em produto cultural que garantirá o futuro dos festejos juninos. “Isso significa que essa tradi-

ção soube se adaptar ao capitalismo, e que o capitalismo foi esperto o suficiente para transformá-la em um negócio. É uma via de mão dupla”, definiu.

Apesar disso, Luciana critica o que considera uma preferência e uma valorização excessiva de atrações musicais de renome nacional, em detrimento de pequenos artistas que insistem na tradição. “Mas também não vamos negar que, quando a banda está tocando num palco grande, tem mais interesse e mais pessoas olhando para o pequeno sanfoneiro ali perto”, salientou.



Foto: Divulgação/Codecom-CG

Em CG, o São João tornou-se um fenômeno comercial

ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Quanto maior é a idade, mais cuidado eles necessitam

Mudanças no humor, na relação com os outros animais e complicações de saúde passam a ser mais constantes

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Ao se tornar tutor de um *pet*, a pessoa assume a responsabilidade de zelar pelo bem-estar do animal. Com o envelhecimento, é comum que esses animais desenvolvam problemas de saúde e passem por alterações no organismo e no comportamento, o que exige atenção e cuidados específicos. Condições como artrite, artrose, complicações cardiovasculares, endócrinas e renais, além de disfunção cognitiva, podem surgir nesta fase da vida. Assim como os humanos, os animais de estimação também enfrentam desafios à medida que envelhecem, e é

fundamental que seus tutores estejam preparados para oferecer o suporte necessário.

A jornalista Beth Torres, é tutora de quatro gatos, um deles é o Sebastian, de 10 anos, da raça Maine Coon, conhecida como “gato gigante”. Beth conta que, a medida que o felino foi ficando mais velho apresentou algumas mudanças de comportamento, ficou mais apegado a ela e mal-humorado com os outros gatos. “Ele come a comida de todos, e se algo o desagrada, dá patadas. Na hora do sachê, por exemplo, tenta pegar o dos outros. Eu preciso ficar perto, fazendo um rodízio entre os potes. Também ficou mais ciumento comigo”. Sebastian ainda passou

a arrancar roupas do varal, destruir objetos e até atacar a comida de sua tutora, coisas que não fazia quando era mais novo.

Outra característica notada foi a redução da paciência e da disposição para as brincadeiras com os demais gatos. Apesar dos quatro ainda brincarem, correrem pela casa, quando Sebastian não quer mais, ele é agressivo. “Ficou mais egoísta com as coisas. Tem um parquinho para eles aqui no apartamento, quando algum gato fica na casinha, ele sobe na ponte e bloqueia a saída. Já precisei tirá-lo da ponte para os outros conseguirem passar”, narra a tutora.

Algumas mudanças na



Sebastian, da raça Maine Coon, conhecida como “gato gigante”, tem 10 anos de idade

alimentação do felino também foram adotadas pela tutora para evitar problemas e melhorar sua saúde. “Como é um gato grande, ele já comia uma ração de alta qualidade. Agora, passou a comer sachê

mais vezes, com adição de água para aumentar a ingestão hídrica. Também procuro dar carne para ele”, destaca.

Com o passar do tempo e a idade avançada, Sebastian, o gato gigante, apresentou al-

guns nódulos na orelha que precisaram ser retirados por meio de operação. “Suspeitaram que fosse câncer, mas felizmente não era”. Beth informa que Sebastian também desenvolveu rinite.

Gatos tornam-se idosos a partir de oito anos

A médica veterinária Ludmila Costa informa que a literatura considera gatos idosos aqueles que têm de sete a 10 anos, no entanto, na prática cotidiana, convencionou-se identificá-los a partir de oito anos de vida. Os cães, em média, entram na fase idosa a partir dos sete anos. No entanto, essa idade pode variar de acordo com o porte do animal, já que cães de porte pequeno costumam viver mais e, por isso, envelhecem mais tarde. Cães de pequeno porte são considerados idosos a partir dos nove anos; os de médio porte, a partir dos oito; e os de grande porte, alguns já são classificados como idosos aos seis anos, devido à menor expectativa de vida.

A veterinária explica que, além do porte, esse processo também depende dos cuidados oferecidos ao animal e da presença de possíveis doenças pré-existentes, que podem acelerar o envelhecimento.



Deve-se visitar com mais regularidade o veterinário, no mínimo, uma vez por ano para fazer um check-up básico

Ludmila Costa

Quando os animais entram nessa fase, alguns cuidados tornam-se essenciais, especialmente com a

alimentação. “Atualmente, existem várias opções de rações específicas para animais sênior, formuladas com a finalidade de suprir as necessidades nutricionais dessa fase. Elas, por exemplo, contêm ômega 3, que auxilia na proteção da saúde cardiovascular”, destaca.

Além das rações, muitos tutores optam pela alimentação natural. Nesses casos, é fundamental que um veterinário especializado, como um nutrólogo, elabore uma dieta adequada, evitando deficiências nutricionais.

Quanto aos passeios, Ludmila orienta que eles devem ser mantidos, porém com menor intensidade. Isso porque os *pets* idosos tendem a sentir mais o impacto, desenvolvem fadiga com maior facilidade e podem, conseqüentemente, ter um agravamento de quadros como artrite e artrose.

O ambiente também pode influenciar na qualidade de vida dos animais

idosos. “Geralmente, esses animais são criados em casas ou apartamentos com porcelanato ou piso liso, o que pode dificultar a mobilidade. Além disso, é importante evitar que eles subam ou desçam de sofás e camas de forma brusca. Uma solução é utilizar escadinhas ou adaptadores, ajudando a reduzir o impacto nas articulações”, ressalta.

Outro ponto que os tutores devem ficar atentos é quanto a hidratação, isso porque, com a idade, esses animais tendem a ficar mais desidratados, o que pode causar problemas renais. “Obviamente, deve-se visitar com mais regularidade um veterinário, no mínimo uma vez ao ano, levar o seu bichinho para fazer um *check-up* básico, pelo menos um hemograma e uma avaliação física, e continuar vacinando e vermifugando esses animais de forma regular”, enfatiza a veterinária.



Beth, tutora do felino, diz que ele passou a ter mais ciúme

Problemas cardiovasculares são comuns

Dependendo da raça e dos cuidados que o animal recebe ao longo da vida, com o avanço da idade os *pets* podem desenvolver problemas de saúde. “O que é mais comum aparecer em animais de estimação idosos são problemas cardiovasculares, eles costumam ficar mais cansados. Essas doenças associadas ao coração podem vir acompanhadas de uma tosse seca, a língua pode ficar um pouco mais roxa”, destaca Ludmila.

Outras condições, como problemas articulares, podem ser recorrentes, principalmente em cães de grande porte. “Existe um desgaste natural das articulações, e isso pode gerar dor, afetando sua maneira de andar. Nos animais que têm a coluna mais

alongada, é muito comum desenvolver hérnia de disco”, explica.

Ela cita que os animais ainda podem apresentar problemas endócrinos, renais e têm mais propensão à doença periodontal. Nesses casos, é possível fazer limpezas mais regulares, sem precisar extrair ou sem que o animal entre em sofrimento. “Porque a boca é a porta de entrada para muitos órgãos, e pode gerar graves problemas de saúde também para os animais, assim como para os humanos”, destaca a médica veterinária.

Disfunção cognitiva também é uma condição que pode acometer os *pets*, semelhante ao Alzheimer nos humanos. “O animal vai apresentar um comportamento diferente, às

vezes um pouco de agressividade, às vezes ele vai esquecer de algumas pessoas, o horário de comer e de passear, isso é muito comum”, afirma.

Ludmila também enfatiza que todas essas questões devem ser avaliadas e acompanhadas por um veterinário. “Às vezes, o animal não está apresentando nenhum sintoma visível para o tutor, mas ele pode estar doente ou começando um processo de adoecimento. Quanto mais cedo se descobre, mais fácil tratar. Por isso é importante ir ao veterinário com mais frequência”, reforça e afirma, ainda, que o envelhecimento é algo natural, mas que pode ser vivido com mais qualidade, desde que se tenha os cuidados adequados.

Acompanhamento

Ao longo da vida, para contribuir com a saúde dos *pets* na fase idosa, os tutores devem manter hábitos essenciais, como vacinação, alimentação balanceada, passeios regulares, ambiente enriquecido para promover bem-estar e evitar o estresse, que pode também causar doenças. Além disso, é preciso tratar as possíveis enfermidades de forma imediata, sem postergar a procura por atendimento, pois a demora pode levar ao agravamento do quadro de saúde dos animais. “Prestando todos os cuidados e todo carinho que o animal merece, ele vai ter uma velhice saudável”, conclui a veterinária.



Na fase idosa, o acompanhamento veterinário é fundamental

EMBRIAGUEZ AO VOLANTE

Infrações aumentam 43% nas BRs

Apesar dos avanços com a Lei Seca, que completa 17 anos, o combate à alcoolemia desafia a PRF, dentro e fora do estado

Lilian Viana
 lilian.vianacananea@gmail.com

A Lei Seca completou, na última quinta-feira (19), 17 anos de vigência no Brasil, consolidando-se como uma das legislações mais relevantes para a segurança viária no país. Sancionada em 2008, a norma que instituiu “tolerância zero” para o consumo de álcool por condutores de veículos salvou, na primeira década desde a sua criação, cerca de 40 mil vidas, além de ter evitado 235 mil casos de invalidez permanente, de acordo com estimativas da Escola Nacional de Seguros.

Apesar dos avanços e do impacto positivo na redução de mortes no trânsito, os desafios persistem — especialmente, no que diz respeito à mudança de comportamento dos motoristas brasileiros. A Paraíba enfrenta um cenário preocupante, como indicam dados divulgados pela Polícia Rodoviária Federal (PRF): somente entre janeiro e maio deste ano, 53 condutores foram detidos por dirigirem sob efeito de bebida alcoólica nas estradas federais que atravessam o estado.

O número representa um aumento de 43% em relação à marca registrada no mesmo período do ano passado, quando 37 pessoas foram presas pela mesma prática criminosa. A estatística coloca a Paraíba à frente de estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Distrito Federal — todos com frotas e populações maiores.



Foto: Carlos Rodrigo

De janeiro a maio deste ano, 53 condutores foram detidos por dirigirem sob efeito de bebida alcoólica nas rodovias federais que cortam a Paraíba

Diante desse crescimento alarmante, as equipes da PRF na Paraíba têm reforçado o policiamento em toda a malha viária federal, principalmente, durante períodos de maior movimentação nas estradas. Por exemplo: neste feriado, que começou com a celebração de Corpus Christi, na última quinta-feira (19), e continua até a próxima

terça-feira (24), Dia de São João, a instituição vem promovendo a Operação Festejos Juninos 2025.

A iniciativa, que será estendida até o dia 27 de julho, mobiliza, inclusive, policiais rodoviários vindos de outros estados, para dar conta do intenso tráfego de veículos por ocasião das tradicionais comemorações, realizadas por todo o ter-

ritório paraibano. Distribuídos em pontos estratégicos de rodovias, como a BR-101 e a BR-230, os agentes estão atentos não apenas a ocorrências de alcoolemia ao volante, mas também a infrações como excesso de velocidade e ultrapassagens indevidas. Também têm sido feitas abordagens educativas, junto a motoristas e passageiros, a respeito

dos cuidados necessários no trânsito. Segundo o superintendente-executivo da PRF na Paraíba, Jeová Querino, a prudência continua sendo, de fato, o principal fator de prevenção contra acidentes. “A PRF reforça que a segurança no trânsito também depende da atitude responsável de cada cidadão. Contamos com a colaboração e consciência dos condu-

tores, para que evitem comportamentos de risco, como o excesso de velocidade, a mistura de álcool e direção, ultrapassagens indevidas e o desrespeito à sinalização. Nosso objetivo é preservar vidas e garantir que os festejos juninos na Paraíba sejam celebrados com alegria, cultura e segurança”, resumiu o representante da instituição.

Números do Detran-PB alertam para casos nas vias estaduais

Na Paraíba, as ações da Polícia Rodoviária Federal somam-se aos esforços realizados pelo Departamento Estadual de Trânsito (Detran-PB), que também atua no combate à direção perigosa. No ano passado, a Operação Lei Seca do Detran-PB autuou 3.881 condu-

tores, sendo 1.731 flagrados dirigindo sob efeito de álcool. Foram aplicados 13.404 testes de etilômetro — ou bafômetro, como é conhecido o equipamento que afere o teor alcoólico presente no organismo —, resultando na remoção de 639 veículos aos pálios do órgão.

O aumento nas ocorrências de trânsito na Paraíba é significativo: o número de acidentes em rodovias estaduais cresceu de 1.499, em 2023, para 2.192, em 2024 — uma alta de 46%. Apenas em João Pessoa, 670 acidentes foram contabilizados. O total de infrações, em um

ano, também subiu de forma expressiva: de 77.400 para 109.673. Outro índice alarmante é o número de mortes. Segundo o Instituto de Polícia Científica (IPC), de 1º de janeiro a 29 de abril de 2025, foram registrados 27 óbitos no trânsito, em todo o esta-

do: 19 homens e oito mulheres. Na capital, no mesmo período, esse número chegou a 76 mortes. O Código de Trânsito Brasileiro (CTB) prevê que os condutores de veículos flagrados sob efeito de álcool estão sujeitos a uma multa no valor de R\$ 2.934,70 e po-

dem responder a um processo administrativo de suspensão do direito de dirigir por um ano. Em caso de reincidência, será cobrado o dobro do valor da multa e o infrator poderá responder por um processo de cassação de sua Carteira Nacional de Habilitação (CNH).

Dados sobre recusa ao bafômetro reforçam tese das autoridades

A alcoolemia ao volante continua sendo um dos maiores causadores de acidentes nas rodovias brasileiras. De janeiro a maio deste ano, de acordo com dados nacionais divulgados pela Polícia Rodoviária Federal, foram contabilizadas 1.494 colisões e 93 mortes provocadas por motoristas embriagados.

Ainda conforme o levantamento oficial da instituição, no primeiro trimestre de 2025, um condutor foi autuado, a cada 10 minutos, por desobedecer à Lei Seca nas estradas federais. No total, os agentes da PRF observaram 13.555 casos de infração, considerando tanto as constatações diretas de embriaguez quanto as recusas ao teste do bafômetro.

Atestando uma reação vigorosa ao problema, a fiscalização das autoridades rodoviárias cresceu de forma



Foto: Roberto Guedes

Ainda que a penalidade seja a mesma, motoristas alcoolizados estariam preferindo não fazer exame

significativa. De janeiro a março deste ano, a PRF executou 21.167 operações de combate à alcoolemia, um crescimento de 33,5% em relação ao mesmo período do ano passa-

do, quando foram realizados 15.854 comandos com o mesmo objetivo. Ainda assim, as autuações por constatação de álcool no organismo, durante o último intervalo, caí-

ram 16,7%, passando de 2.509 para 2.089. Por outro lado, as autuações por recusa ao teste do bafômetro mantiveram-se praticamente estáveis, au-

mentando de 11.305 para 11.466 — o que reforça a tese de que muitos motoristas estariam recorrendo à recusa como estratégia para evitar provas materiais da infração, ainda que a penalidade seja a mesma.

Criação e ampliação

A Lei nº 11.705/2008 foi criada com o objetivo de reduzir, drasticamente, os índices de mortes no trânsito re-

lacionadas ao álcool. Quatro anos depois, a legislação federal foi fortalecida pela Lei nº 12.760/2012, que ampliou as maneiras de comprovação da embriaguez e elevou o valor das multas.

Alterações posteriores igualaram a recusa ao exame do bafômetro à comprovação direta de alcoolemia, buscando fechar brechas no processo de responsabilização dos infratores.

Viagem Segura

Confira a lista de orientações da PRF para percorrer as rodovias com mais segurança:

- Consulte a previsão do tempo antes de sair de casa;
- Faça a manutenção completa do veículo;
- Use sempre o cinto de segurança;
- Ultrapasse apenas em locais permitidos;
- Descanse bem antes de dirigir;
- Não consuma bebida alcoólica antes de assumir o volante;
- Respeite os limites de velocidade das vias;
- Evite o uso de celular enquanto estiver dirigindo.

CULTURA E SOLIDARIEDADE

Salão do Artesanato é inclusão social

Evento, em sua 40ª edição, tanto movimenta a economia paraibana como transforma vidas de pessoas vulneráveis

Maria Beatriz Oliveira
Obeatriz394@gmail.com

A 40ª edição do Salão do Artesanato Paraibano, em Campina Grande, já é um sucesso. Nos primeiros 10 dias de evento, as vendas aproximam-se de R\$ 1 milhão, refletindo a força e o valor do artesanato local. Com mais de 500 artesãos reunidos, o espaço firma-se como um verdadeiro encontro entre a cultura e a tradição da Paraíba.

O Salão do Artesanato não se resume apenas à exposição e venda de peças. Ele também exerce um papel fundamental na promoção e visibilização de grupos sociais marginalizados. Além de estimular a valorização do trabalho artesanal e contribuir com a geração de renda de centenas de artesãos paraibanos, o evento figura como um espaço de inclusão e acolhimento. Um dos seus principais compromissos é justamente o forte caráter social, evidenciado pelas muitas ações desenvolvidas em parceria com órgãos do Governo da Paraíba.

Entre essas iniciativas estão o incentivo à doação de alimentos, que ajuda a combater a insegurança alimentar; e a parceria da Secretaria da Administração Penitenciária (Seap) com a Secretaria da Segurança e da Defesa Social (Seds), que promove a participação de reeducandos do sistema prisional na estruturação do evento, os quais atuam em etapas como a montagem, a realização e



O objetivo é contribuir com a sociedade. Até agora já arrecadamos mais de duas toneladas de alimentos

Fábio Morais

o pós-evento, contribuindo com a festa por meio de trabalho voluntário e social — o que também pode resultar na redução da pena.

“Temos o apoio do Serrotão [Penitenciária Regional de Campina Grande] que envia os reeducandos. Eles participam ativamente do Salão, o que representa uma forma concreta de reintegração social”, explicou Fábio Morais, diretor do Museu do Artesanato Paraibano e integrante da equipe gestora do evento. Segundo ele, o Salão vai além da economia criativa e

da promoção cultural. “Nosso objetivo é contribuir com a sociedade de forma mais ampla, não apenas por meio do artesanato, mas também com ações que beneficiem instituições, reeducando e ajudando pessoas em situação de vulnerabilidade. Somente nessas primeiras semanas do Salão já arrecadamos quase duas toneladas de alimentos. A expectativa é que o movimento aumente bastante durante a Véspera e o Dia de São João”.

A atuação dos reeducandos no Salão do Artesanato vai muito além da montagem,

manutenção e desmontagem da estrutura que abriga o evento. Neste ano, uma das contribuições mais simbólicas vem justamente da música — mais especificamente do forró, o ritmo símbolo do São João.

Formado no ano passado, dentro do Complexo Penitenciário do Serrotão, em Campina Grande, o trio forrozeiro Os Três do Serrote — composto por sanfonei-

ro, zabumbeiro e triangulista — tem animado as tardes no Salão com apresentações que resgatam a tradição nordestina e reforçam o papel social do evento. A presença do grupo musical formado por reeducandos mostra que a ressocialização também pode acontecer por meio da arte e da cultura.

Eloísa Batista, egressa do sistema prisional, também faz parte da equipe de traba-

lho do Salão do Artesanato. Ela, que participa pelo segundo ano do evento, enxerga ali uma verdadeira chance de recomeço. Eloísa diz que atuar na realização do Salão significa mais do que uma atividade temporária. “Quando a gente sai da prisão, fica sem rumo, sem saber por onde começar, conseguir um emprego é muito difícil. Aqui, temos um salário garantido, e isso faz toda a diferença”.



Formado por sanfoneiro, zabumbeiro e triangulista, grupo Os três do serrote movimenta a festa com repertório de forró tradicional

Fotos: Julio Cesar Pires

O Resgate ajuda, por meio da arte, os dependentes químicos

José Tadeu de Oliveira é um exemplo de como o artesanato pode transformar vidas. Mecânico de profissão, atualmente, é acolhido pela instituição social O Resgate, que atua na recuperação de dependentes químicos. Foi lá que ele descobriu um talento desconhecido: a criação de arte em garrafas e esculturas de casas em miniatura. Desde então, encontrou na arte uma nova motivação para seguir em frente.

“Estar aqui hoje é a melhor coisa que tem. Esse dom apareceu no momento em que eu mais precisava, para me ajudar na recuperação. Hoje, só penso nisso. Quando alguém elogia meu trabalho, inspira-me ainda mais a continuar”, conta José, que já conseguiu conquistar a Carteira Nacional do Artesão.

Graça Azevedo, uma das fundadoras de O Resgate, explica que o artesanato é um dos pilares do processo de reinserção social dos acolhidos. “Disponibilizamos o material e deixamos que cada um crie do seu jeito, na cor e no modelo que preferir. Além de garantir uma possível fonte de renda no futuro, o trabalho artesanal desenvolve a criatividade, fortalece a autoestima e mostra que eles são capazes de produzir algo admirado pelas pessoas. Isso abre portas para uma vida mais digna”.

Leleu Guerreiro é pre-



José Tadeu apresenta as suas casas em miniatura

sença constante no Salão do Artesanato de Campina Grande. Em sua quinta participação no evento, ele encontrou no artesanato não apenas uma fonte de ganho financeiro, mas uma forma de custear o tratamento de uma condição de saúde rara presente desde o nascimento, a Epidermólise Bolhosa — uma doença genética e hereditária que provoca o surgimento de bolhas na pele a partir de mínimos atritos.

Para enfrentar os altos custos do tratamento, Leleu passou a produzir e vender bonés personalizados, chaveiros e acessórios para carro. O espaço no Salão tem sido fundamental nessa jornada. “Os turistas são os que mais compram. Muitos já conhecem a minha história e fazem questão de ajudar. É bastante gratificante ter esse espaço, ser reconhecido e acolhido”, contou.



Além de garantir uma fonte de renda, o artesanato desenvolve a criatividade e fortalece a autoestima

Graça Azevedo

JUNHO VERMELHO

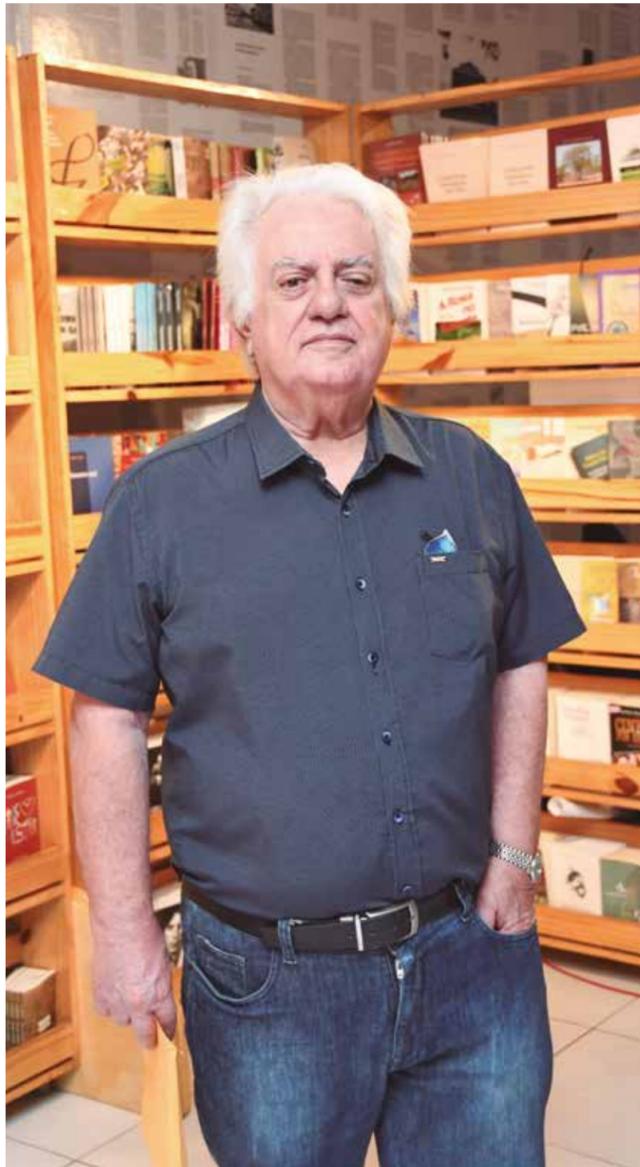
MÊS DE INCENTIVO À DOAÇÃO DE SANGUE



O bem corre em suas veias

PARA SE TORNAR UM DOADOR, PROCURE O HEMOCENTRO DA SUA CIDADE.

Marília Arnaud e Sérgio de Castro Pinto participam de mesas sobre decolonização



Fotos: João Pedrosa

LITERATURA

A Paraíba em Coimbra

A EPC e os escritores Sérgio de Castro Pinto e Marília Arnaud participam, a partir de hoje, da feira literária da cidade portuguesa

Emerson da Cunha
emersonsousa@gmail.com

Lá onde Camões e Eça de Queiroz estudaram e aprimoraram seus conhecimentos e iriam se tornar grandes referências da Literatura e da própria Língua Portuguesa, Coimbra receberá, entre 20 e 29 de junho, sua 46ª Feira de Livros. Paraibanos marcarão presença no evento: os escritores Sérgio de Castro Pinto e Marília Arnaud, e a presidenta da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), Naná Garcez.

Sérgio de Castro Pinto e Naná Garcez participam, hoje, da mesa “Memória e patrimônio: recontar o território”, ao lado do jornalista Tom Farias (SP) e do presidente da Associação Portugal Brasil 200 anos (Apbra), o português José Manuel Diogo. Já Marília Arnaud, estará amanhã na mesa “Fronteira de resistência: infância e o livro”, ao lado dos escritores André Augusto DÍasz, de São Paulo, Juliana Maia, do Rio de Janeiro, e a amapaense Lulih Rojanski.

Os paraibanos estão dentro da atividade paralela, o ciclo de mesas “Decolonização do patrimônio intelectual e cultural”, promovido pela Apbra, que acontece de hoje ao dia 29 de junho, dentro da programação geral. A ida dos paraibanos a Coimbra e a participação nas mesas são fruto de parceria entre o Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado de Cultura (Secult) e da EPC, com a Apbra, que fez a curadoria.

Literatura afro-brasileira

Marília Arnaud refletirá a produção da literatura afrobrasileira desde sua gênese até o momento de maturidade. Na mesa, a autora passará por produções que represen-

tam, pontualmente, cada um desses momentos — como, por exemplo, o romance *Úrsula*, publicado pela maranhense Maria Firmina dos Reis, em 1859, considerado o primeiro livro publicado por uma pessoa negra no Brasil.

“Ela era filha de escrava e teve a coragem de fazer, no livro, uma abordagem crítica à escravidão e à sociedade da época. Em seguida, eu abordarei *Água Fina*, de Ruth Guimarães, que era paulista, e teve uma melhor recepção porque o livro de Maria Firmina dos Reis foi lido somente na época, de modo muito restrito no Maranhão, somente vindo ao grande público leitor muitos anos depois, em 1975, com a segunda edição”, explica Arnaud.

Ainda no caminho, ela passa por Carolina Maria de Jesus, com o livro *Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada* (1960), a autora negra brasileira mais traduzida atualmente, e, enfim, Conceição Evaristo, com *Ponciá Vivência* (2023). É a partir desta autora que Marília enfim trará o conceito de “escrivência”, entendendo essa como uma característica em comum das escritoras abordadas, de modo a descolonizar o pensamento e a escrita, que acontece a partir da elaboração das vivências práticas comuns.

“Foi ela que criou o termo ‘escrivência’, que acho muito bonito, um termo que define a criação literária dessas mulheres afro-brasileiras, partindo da elaboração das experi-

ências delas. Essas autoras se situam como sujeitos da própria fala”, coloca Marília. A lista finaliza com Ana Maria Gonçalves, com o livro *Um Defeito de Cor* (2006), baseado na história de Luíza Mahin.

Camões e Lampião

Castro Pinto abordará o tema da decolonização a partir da literatura de cordel e o processo de formação no Nordeste, bem como a partir da crítica empreendida sobre seu poema “Camões/ Lampião”, que faz uma paralelo entre as duas personalidades.

“A literatura de cordel, apesar do nordestino pegar emprestado vários arquétipos e regras de composição da tradição literária europeia, passou por transformações significativas em contato com diversas dimensões do Nordeste. Aqui, ele foi ressignificado, ganhou características nordestinas, passou por uma espécie, para lembrar Oswald de Andrade, de deglutição antropofágica pelos poetas que o adotaram”, explica.

“Vou falar do preconceito que houve com relação ao meu poema pelo simples fato de estabelecer um cortejo entre Camões e Lampião, tomando como pretexto o olho cego de ambos. Um crítico norte-americano disse que se negou a escrever sobre o poema, porque achava inconveniente comparar um bandido com um poeta. Não sabe ele que Camões também era um desordeiro, era uma espécie de tranca-ruas. Camões não era flor que se cheirasse lá”, conta.

Presença da EPC

A Livraria e a Editora A União estarão representando a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) e aproveitarão o espaço para apresentar um pouco da literatura e das artes paraibanas. Serão levados os livros *Pensar o Mundo para Mudar*, de Celso Furtado, *As Cidades de José Lins do Rêgo*, *Governantes da Paraíba-Colônia*, *Império e República*, de Hélio

Zenaide e Marcos Albuquerque, *Paraíba, Nossa Natureza*, da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), todos editados por A União, e exemplares da revista do 1º FliParaíba.

As publicações serão entregues à Imprensa Nacional de Portugal e à biblioteca da Universidade de Coimbra. “A parceria com a Associação Portugal Brasil 200 anos para a realização do FliParaíba sempre teve o intuito de ampliar a circulação das obras de escritores paraibanos, promovendo a integração e o compartilhamento com escritores de outras regiões, não só do Brasil, como também dos países de língua portuguesa, na Feira do Livro de Coimbra, onde estarão Brasil, Portugal e Cabo Verde”, explica Naná Garcez.

A 1ª Feira Literária Internacional da Paraíba (FliParaíba) foi realizada em João Pessoa, em novembro do ano passado, e teve como tema proponente “Camões 500 anos – Uma nova cidadania para a língua”. O evento defendeu o intercâmbio igualitário e horizontal da produção literária e cultural dos países lusófonos por meio uma “cidadania da língua”.

Foi a partir desse evento que as relações entre Portugal e Paraíba estreitaram-se ainda mais. “É preciso as línguas conversarem umas com as outras, é preciso encontrar semelhanças para evitar que as diferenças nos separem nesse mundo de hoje. A literatura é, hoje, o lugar mais sagrado da civilização. Eu falo isso sem medo nenhum”, pontua o presidente a Apbra. “É o lugar onde não chegam nem as bravatas nem a ignorância dos políticos”.

“A literatura é um lugar sagrado na cultura, que se resguarda. Foi assim até quando foi a idade das trevas, na Idade Média. Foi nos livros que a gente guardou o futuro”, continua ele. “E atendendo aos tempos que a gente vive hoje, eu acho que é muito importante a gente fazer esse caminho de futuro e de civilização

através da literatura, entendê-la como o patrimônio, e com essa necessidade de decolonização para construir o futuro”.

A organização da participação dos paraibanos em Coimbra ficou sob responsabilidade da Secretaria de Estado de Cultura (Secult). “Entendemos que a nossa produção cultural traz uma potência muito grande e, através das trocas e dos intercâmbios, a gente amplia as possibilidades criativas e as redes de contato dos nossos artistas. Essa estratégia tanto tem proporcionado uma maior capilaridade de artistas paraibanos pelo mundo, como tem contribuído positivamente para a divulgação da Paraíba mundo afora”, coloca Pedro Santos, secretário de Estado da Cultura, que também estará presente ao evento.

O governador João Azevêdo comentou as ações do Governo do Estado para a divulgação da literatura paraibana. “A Paraíba tem incentivado a produção literária local e viabilizado oportunidades para que o riquíssimo trabalho produzido pelos nossos escritores seja conhecido no mundo e ganhe uma visibilidade cada vez maior”, diz. “Por isso, temos apoiado a realização de festivais literários, a exemplo do FliParaíba, e esperamos que a participação da EPC e de escritores paraibanos, na Feira do Livro de Coimbra, colha bons frutos e estreite os nossos laços culturais e históricos”.

A feira contará com a presença de 129 editoras, cinco alfarrabistas (negociantes de livros antigos), edições de 11 entidades artísticas, além de Feira da Música. A realização é da Câmara Municipal de Coimbra, em parceria com a Apbra Associação Cultural e o Jazz ao Centro Clube, com curadoria do Auditório Luís de Camões.

■ A feira contará com a presença de 129 editoras, cinco alfarrabistas e edições de entidades artísticas

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Futebol e capitalismo dependente

A Copa do Mundo de Clubes ainda está no começo, mas as equipes brasileiras estão fazendo bons jogos contra os times da Europa. Antes da competição começar, poucos comentaristas esportivos e torcedores imaginavam que isso pudesse acontecer. A tônica era sempre a de que os “gringos atropelariam” os brasileiros, que o nosso campeonato nacional é fraco e os europeus são tão melhores que “praticam um outro tipo de esporte”.

O Brasil notabilizou-se mundialmente pela invenção do “futebol arte”. Um estilo que encerra técnica refinada e plasticidade. A nossa Seleção é a mais vitoriosa da história das Copas do Mundo, o torneio mais importante desse esporte.

Há pouco mais de uma década sofremos a maior derrota de nossa história ao perdermos de 7x1 para a Alemanha, na semifinal da Copa de 2014, no estádio Mineirão. Um divisor de água. É importante considerarmos que o futebol não é um simples esporte. Trata-se de um dos elementos que compõem a nossa identidade nacional. A Seleção Brasileira, que antes era considerada um orgulho, iria se tornar sinônimo de vergonha, criando uma ruptura simbólica que implicou rebaixamento moral. Além disso, no mesmo período, a camisa da Seleção Brasileira seria apropriada por grupos de extrema direita, o que ajudou a afastar muitos torcedores.

O futebol brasileiro também perderia em uma outra frente de batalha. Com a disparidade econômica em relação à Europa, os principais jogadores do país costumam ser vendidos precocemente. Isso, além de diminuir o nível geral dos nossos campeonatos, tende a desfigurar o estilo de jogo desenvolvido historicamente no país. Aos poucos, foi aprofundando-se também uma crise de identidade.

O que assistimos no futebol pode ser visto pela lente da teoria marxista da dependência. Economias periféricas no sistema capitalista mundial organizam-se em função de atender às demandas do centro. Países como EUA, Alemanha, Inglaterra, entre outros, ocupam uma posição mais vantajosa no arranjo estrutural do mundo globalizado.

Ruy Mauro Marini mostrou como a produção brasileira é basicamente orientada à exportação, em detrimento do mercado interno. Temos um desenvolvimento tecnológico subordinado, cheio de entraves que impedem que disputemos a vanguarda industrial. O que é agravado politicamente porque a nossa burguesia se coloca como “sócia menor do capital estrangeiro”, abdicando de qualquer protagonismo mundial.

Não é difícil perceber que a maneira como o futebol brasileiro se insere no mercado global do futebol assemelha-se ao restante da economia nacional: exportamos “matéria-primária” (jogadores) para os centros capitalistas europeus, que concentram um capital maior e dispõem de uma indústria cultural poderosa. Essa “matéria-prima” é processada e revendida para nós em forma de direitos de transmissões, materiais esportivos, jogos de videogames, etc.

A formação dos jogadores acontece no Brasil, com baixo custo; em alguns casos, com base em investimentos públicos. Os talentos são vendidos, geralmente, por preços menores, permitindo lucros exorbitantes no mercado europeu. Podemos afirmar que o valor agregado do produto futebol costuma ocorrer em competições como Champions League, Premier League e La Liga.

Esse processo tem uma cara ideológica. Na medida em que as desigualdades econômicas aprofundam-se, aumenta o sentimento de inferioridade típico de países que foram colonizados. Os jogadores passam a almejar o reconhecimento fora do país e a própria ideia de sucesso na profissão fica condicionada à validação na Europa.

Uma versão daquilo que Frantz Fanon chamava de colonialismo interno e alienação cultural, isto é, quando nos sujeitamos ao olhar do opressor na intenção de sermos valorizados. O que só é possível devido ao nosso complexo de vira-latas, um jeitinho muito cruel de autodesvalorização crônica do que é brasileiro.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Adorador do Sol

Eu teria muitos anos nos 19 ou 20 anos e queria muito escrever em jornais, mais até do que publicar livros, já que os livros fizeram residência na memória. Talvez porque escrever livro é coisa seria, muito seria – um romance é bem diferente da crônica, algo mais denso, mais cinema, mais espaço geográfico. Esquece. Aliás, (perdoe este momento de soberba que pagarei em rigorosos planos prestacionais aos balcões da eternidade).

Imagina aí os pilares da eternidade, que, na verdade, devemos reservar o melhor do que sabemos, do que somos, para mostrar aos deuses nas horas finais.

F. Quevedo (poeta e escritor espanhol do século de ouro) diz em *Os Sonhos*, que o começo é tropeçado e suspirado, mas me parece que o começo não existe, talvez o meio, pois somos marcados, gozos do engendramento de dois astros, somos luzes, quando somos fetos e afetos. Benção, mãe; benção, pai.

Já a escrever eu nasci ensinado. Meu pai me ensinou a ler e foi o professor, a régua e o compasso, mas quem sabe de mim, sou eu. Digníssimo seu Vicente de moreníssimas cãs e alvíssimo olhar azul (como um anjo de alguma idade).

Mas não é do meu pai que estou querendo falar, embora ele seja recorrente em tudo que faço, do delírio que vem dele, da minha voz de quem tive o privilégio de ser o último filho e entrar numas.

Jamais esqueça que saber escrever é um privilégio – das primeiras letras no Grupo Duque de Caxias, até hoje sou um estrangeiro, não consigo ser só ser, pois sendo cavalheiro, quero dizer, já posso me sentir personagem.

Mas como é raso o meu talento, para escrever e ilustrar as páginas das canções mineiras, coisas que só Milton Nascimento fez “Todos os sentimentos me tocam a alma, Alegria ou tristeza”. Se eu soubesse tocar um instrumento, jamais seria jornalista e, certamente, por isso nunca vou saber escrever livros. Sou um adorador do Sol, do Sol na moleira

Mas tergiverso, perdoem. Dizia eu que teria uns 19 ou 20 anos e bem antes a necessidade de trocar o Sertão pelo mar, homem magro sem medalhão no pescoço, e cabelo ao vento. O convite era para um encontro e o encontro foi um pulo, como se eu fosse um trapezista e minha adoração era o trapézio.

Eu não falhei porque oportunidades assim não as havia todos os dias. Eu não tinha mala, duas camisas e duas calças. Alguns amigos mais sensíveis (esses me abandonaram) ainda se lembram do que fizeram por mim, mas nunca estive no beijo do asfalto e os desejos me multiplicaram. Sou adorador do Sol.

Eu adorava cerveja, hoje não tomo mais. Eu fazia parte da categoria social a que então se dava o nome de “remediado”. Tinha uma única nota no bolso, no osso, mas segui vivendo.

Na pandemia escrevi um romance com 28 capítulos e dei o nome de *Pancadas no Morto*, mas não devo, não posso publicar, pois os únicos que deveriam falar sobre a morte são os que já morreram.

E já havia Rita Lee e sua completa tradução, hoje não existe mais Rita Lee.

Kapetadas

1 – A gente demorou para aprender a usar o cérebro agora veio a IA e...

2 – Fui assaltado tantas vezes pelo mesmo ladrão que hoje recebi *cashback*.

3 – 14/9/1580: nasce Quevedo o poeta espanhol do século de ouro espanhol

Foto: Reprodução



Francisco de Quevedo, em pintura atribuída a John Vanderham

Colunista colaborador

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Dignidade da dor na poética de Rony Santos

Foto: Arquivo pessoal



Santos: compaixão diante do grito social

Ronilson Ferreira dos Santos é professor e poeta, natural de João Pessoa. É doutor e mestre em Linguística. Seu primeiro livro, *[Re] Verso da Palavra*, foi publicado em 2023. O segundo, *Depois da Folha*, em 2025. A poesia de Ronilson – conhecido como Rony – não é apenas fruto de um trabalho intelectual ou técnico, mas um ato criativo impulsionado por uma força interna espontânea, que não se submete a regras rígidas ou convenções. A espontaneidade em sua criação poética permite que emoções e intuições fluam livremente, fazendo da inspiração um processo de equilíbrio entre razão e emoção, entre forma e conteúdo. Seus poemas sublimam as forças conflitantes do ser humano e expressam compaixão diante do grito social e da miséria humana.

Mãe e filho

A mãe, sentada, / embrenha o filho no meio das pernas / estende os olhos / as mãe / e a voz / a suplicar a esmola. // A criança ora chora, ora ri, / olha com os olhos de óbulo, / às vezes dorme / às vezes sonha um sonho de não saber. // E os homens passam / ignoram o quadro da miséria / pintando naquela calçada.

A criação poética, em Rony, manifesta a dignidade da dor. Mais do que comunicar sentimentos, ela afirma uma autonomia criativa frente à falta de solidariedade humana diante da mais brutal crise existencial do indivíduo ou do terrível embrutecimento social. Além disso, o poeta compreende a poesia como um processo dinâmico e vivificante – algo capaz de renovar tanto o autor quanto o leitor, despertando a sensibilidade estética e elevando a arte da compaixão. Sua obra não é fruto da ausência de disciplina, mas sim a materialização de um impulso autêntico, que

nasce da interação entre o acolhimento do sofrimento humano e a preservação da sensibilidade. Dessa forma, sua poética promove um não ser cruel com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

O equilíbrio entre racionalidade e emoção é uma marca da estética de Rony. Ele não despreza as regras formais da arte, mas acredita que a criação deve nascer do sentimento interior, das intuições vindas do inconsciente, para então serem moldadas pela razão e pela técnica. Assim, a espontaneidade poética é um processo dinâmico, gerado pela dignidade da dor e pela sensibilidade mais pura do poeta, que ganha forma através do trabalho consciente. Sua inspiração poética de Rony transcende a elaboração intelectual. O poeta se conecta a um instinto criativo que lhe permite denunciar, de forma imediata e sincera, a brutalidade social, as incertezas e os sentimen-

tos humanos. Essa espontaneidade revela o equilíbrio entre a vontade sensível – ligada ao corpo e à natureza – e a vontade racional – ligada à moralidade e ao pensamento. É essa dialética que alimenta sua poética: o poeta sente, intui e percebe, mas também reflete, organiza e reinterpreta sua experiência, criando obras que aliam senso crítico, intensidade emocional e estrutura estética.

A poesia de Rony é resultado de sua maturidade artística – uma liberdade conquistada e exercida como força transformadora. Sua poética é revolucionária na reconstrução da sensibilidade e dos afetos. Por meio dela, Rony expressa as contradições da razão e das subjetividades diante das incertezas da vida. Sua estética é um olhar artístico sobre a realidade, que nasce da capacidade de se sensibilizar com o grito social e denunciar a brutalidade humana.

Inútil

Inútil dar-me cigarro na chuva / sabendo que não fumo. // Inútil dar-me conhaque à beira mar/ sob um sol que arde. // Inútil presentear-me com flores, / se são as mesmas baratas / de todos os sábados. // Inútil botar uma música / se nem sabes dançar / a mais curta das valsas. // Inútil fazer um jantar / se não sabes temperar a comida / e muito menos botar-lhe à mesa. // Inútil viajar para lugares/ que sei cor e salteado / cores, becos, cheiros e a cama fria. // Inútil rezar para pedir ajuda, / se a crença não te habita / nem no terço que não usas. // Inútil dizer que me ama / quando a distância é perto / e não me fazes ouvir. // Inútil escrever poesia / porque as palavras não te cabem / nem nesta escrita maldita. // Nem gestos labiais farás / para mentir a leitura / que faço de ti. // Inútil te conhecer / para descobrir / o quanto sou útil.

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Lanternas “mágicas” também no cinema

Sobre o período junino de então — as luzes das fogueiras, os balões, fogos de artifício... —, tentei construir uma relação direta deste momento com o cinema. Motivo esse essencial de minhas habituais reflexões domingueiras, aos quantos me dão o privilégio de sua atenção e leitura. Não terá sido fácil juntar as duas peças: festa junina e cinema numa mesma lógica narrativa. Se não fora a oportuna sugestão de minha filha Alexandra, ao afirmar: “Papai, fale de lanternas!”. Captei de pronto a sua ideia e busquei refletir sobre.

Mas, como estabelecer a relação direta entre um e outro significado da “lanterna”, ligando-a ao cinema? Foi aí que imaginei o vínculo simbólico existente, contudo, em instantes completamente distintos; não tão distintos assim: às memórias de minha infância, quando mergulhava em fantasias indescritíveis ao pendurar balões e lanternas na porta da minha casa, sob o olhar vigilante de minha saudosa mãe, dona Neném, em Santa Rita, sentindo o cheiro da lenha queimando na fogueira de São João e dos foguetões na frente de casa, em noites úmidas e orvalhadas pela chuva fina.

Imaginei, enfim, as cenografias



Lanternas têm um vínculo simbólico com o cinema

“lanternadas” dos filmes sobre o Japão medieval, que sempre exibia, e aí está o cinema, sobre as caixas de luz a carvão (“lanternas”), construídas com chapas de ferro pelo meu pai, com a minha pueril ajuda, para a projeção fílmica em nosso cinema (também de nome São João). Por fim, as lanternas chinesas de *Adeus, Minha Concubina*, simbólico filme daqueles tempos, que me lembram uma das mais belas alegorias cinematográficas orientais.

Quanto a esse filme de “lanternas mágicas”, depois de todos esses anos, jamais esqueci. Trata-se de um romance entre dois homens e uma prostituta ao longo de meio século, filme que venceu o Festival de Cannes, de 1993. A estória se passa na primeira metade do século passado, quando dois amigos se tornam célebres ao interpretar a ópera *Adeus, Minha Concubina*. É a saga do rei Chu, guerreiro que liberta sua amante Yu, na véspera de uma derrota. Depois, para não o abandonar, ela se suicida. A cena é chocante!

O recinto palaciano, onde reside o rei Chu e sua concubina é totalmente revestido de lanternas coloridas, propiciando uma atmosfera mágica à cenografia do filme, que faz um retrato dos momentos políticos dramáticos vividos pela China, utilizando alegorias de um teatro de ópera marcado por vários códigos estéticos. Nestes códigos estéticos, bastante expressivas, estariam as “lanternas”, que de chinesas passaram a ser, também, os códigos visuais de minhas memórias de infância, durante as festas juninas. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse: www.alexantos.com.br.



APC apoia produção paraibana

Sob curadoria da Academia Paraibana de Cinema, representada por seus integrantes Umbelino Brasil, Romero Azevedo e João de Lima Gomes (presidente da APC), o filme *Memórias e Utopias*, do diretor Eduardo Donato foi, recentemente, lançado em Campina Grande, na UFCG, e em João Pessoa, na UFPB.

A obra está agora disponível no canal do YouTube e registra com bastante destaque a missão do cineclubista Silvio Tandler, que opera de modo físico e remoto, desde 2019, a ONG Café Cultura de Santa Luzia.

LITERATURA

Crueza com inspiração em Nelson Rodrigues

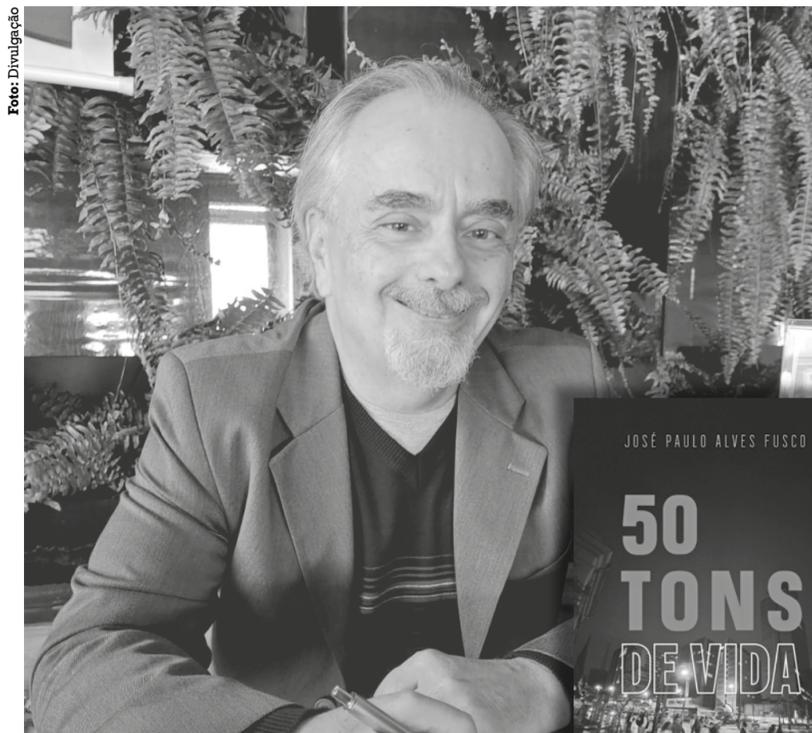
Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

“Apesar de ser quase sempre ser uma figura marginalizada por ter sido traído, a existência do corno é fundamental para o mundo e a sociedade humana funcionarem. Segundo Nelson Rodrigues, a traição é um ‘estágio’ pelo qual todos temos que passar antes de morrer”. A citação ao escritor chamado de “anjo pornográfico” não é por acaso. O autor paulista José Paulo Alves Fusco bebe dessa fonte para escrever sem pudores e com uma multiplicidade de matizes humanas os 28 contos reunidos em *50 Tons de Vida*, seu novo livro, lançamento da Editora Artêra.

Apesar do título sugestivo, não há quaisquer referências à série literária e audiovisual *Cinquenta Tons de Cinza*. A intenção de Fusco é asseverar os temas cotidianos que compõem o seu painel. A rigidez estilística do conto também é desafiada de forma recorrente na obra.

“Nunca perco uma oportunidade para subverter um pouco o meu estilo se a oportunidade assim o exigir, ou para apresentar algum personagem de forma mais detalhada. Assim fiz em ‘Cartas ao Vilela’, para que o leitor pudesse avaliar melhor a natureza do relacionamento deste com o personagem JB”, destaca.

Nesses *50 Tons* há espaço também para uma descrição diversa de tipos, ainda que o livro faça menção recorrente aos personagens



José Paulo Alves Fusco reúne 28 contos no livro “50 Tons de Vida”: recorrência de personagens

Vilela e JB. Além do conto “O corno”, escrito em tom de crônica jocosa e cujo trecho abre a matéria, Fusco explora o dia a dia policial em “O fantasma do dia”. Questionado quais textos são seus prediletos, o autor cita os contos “Vida bandida”, “Dona Isabel” e “Aninha Botafogo – 30 anos depois” que “exploram o mesmo tempo e espaço, podendo ser indicados por explorarem os mesmos personagens principais em suas narrativas”, detalha.

Com 29 livros publicados (entre coletâneas, romances e técnicos estes na área da Engenharia), Fusco também é

imortal pela Academia Bau-ruense de Letras, onde ocupa a cadeira número 40. A trajetória nas letras começou na infância, como forma de dar vazão aos sentimentos por meio da escrita.

“Até que no ginásio, fui ‘pego no flagra’ pelo diretor do colégio, justamente quando estava terminando um poema na hora do recreio. Então, dali em diante, eu fui alçado à figura de poeta da escola, o que significava apresentar alguma coisa nas festas do colégio, Dia das Mães, dos Pais e outras...”, recorda.

A inspiração em Nelson Rodrigues repousa na crueza

de seus relatos e no compromisso com o próprio texto, sem a preocupação de ferir a susceptibilidade dos leitores. Apenas a partir da reflexão “da vida como ela é”, parafraseia o autor dos *50 Tons*, citando um clássico de Rodrigues, é que o ser humano pode ao menos desconfiar do significado por trás da vida.

“A literatura tem sido fundamental para a formação do pensamento do homem, permitindo-lhe conhecer e entender experiências, as razões de outras pessoas, bem como refletir sobre os caminhos que movem o nosso mundo”, conclui.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

A palavra literária

Machado de Assis, Ascendino Leite, Gonzaga Rodrigues e Jean Paul Sartre. Quatro nomes, quatro personalidades do mundo literário. Pela ordem cronológica, nasceram, respectivamente, em 1839, 1915, 1933 e 1905. Todos num dia 21 de junho. São, portanto, cancerianos e, talvez por isso, dentro das circunstâncias zodiacais, tenham muita coisa em comum, apesar das visíveis e incontornáveis diferenças que os singularizam na vida.

Decerto não reside nesta data específica o ponto de convergência que possa uni-los no andamento do destino e da sorte. Afinal, datas são apenas datas, sinais mais ou menos neutros na compassiva e inevitável clareira do tempo cronológico. Sim, porque sabemos existir um outro tempo, um tempo psicológico ou um tempo da emoção que, filtrando segundos, minutos e horas, fora do estreito das exatas aritméticas, promove o fluxo de novas sensações e de múltiplas percepções, simultâneas e inusitadas.

Dos quatro, privei da amizade pessoal de dois, Ascendino e Gonzaga. Com os outros só convivi através da felicidade da leitura, usufruindo o privilégio e o prazer de ter, sempre à mão, o luminoso peso da palavra literária.

A palavra literária, eis, quem sabe, o eixo nuclear que os aproxima, que os imana, que os identifica, à parte quaisquer fatores de ordem astrológica ou transcendental. Claro, cada um é muito diferente do outro, se pensarmos na luta diária com os sortilégios da palavra. Não obstante, sinto, em cada um, e em cada um a seu modo, o gosto especial por este insubstituível meio de comunicação e de expressão.

Machado, Ascendino, Gonzaga e Sartre deram as suas vidas ao reinado da palavra. Cuidaram da palavra com zelo, amor e veneração. Fizeram da palavra o elemento seminal de suas emoções e de seus sentimentos, atentos, no entanto, já em outra chave, aos vestígios de beleza que ela pode deixar em meio aos apelos do saber e da verdade.

Machado a torna dúctil, flexível, oblíqua, ambivalente, carregada de sabor irônico e mesclada, aqui e ali, com as tintas turvas da melancolia. No conto, no romance, na crônica, e mesmo na crítica, a palavra não nega a elegância e a coloquialidade do estilo, sempre se perfazendo modelo da melhor lição estética.

Ascendino, que leu Machado, embora o tenha lido de maneira meio enviesada, também me parece um estilista. Um estilista puro. Principalmente, se me debruço sobre as infinitas páginas do seu *Jornal Literário*. Contando com mais de 20 volumes ininterruptos, cheio de títulos insinuantes, essa obra contém impressões, comentários, testemunhos, memórias, dados e informações acerca dos bastidores da vida literária do país. A matéria é rica e variada, mas, ao fim, o que encanta o leitor, pelo menos o leitor que sou, é o brilho da frase, a contenção e a medida do estilo.

Gonzaga, dos quatro, é o único que está vivo e em plena atividade. Gonzaga é o típico escritor-cronista ou cronista-escritor, à maneira de um Rubem Braga, por exemplo. Sem dúvida leu Machado, leu Ascendino, leu alguma coisa de Sartre, pois o autor de *Notas do Meu Lugar*, foi tocado, desde menino, pelo vírus benfazejo da leitura. Nas suas crônicas exige o melhor tratamento para a palavra. Seja a palavra afetada pela indignação social e pelo sentido humano de justiça, seja a palavra vestida com a sobriedade e a delicadeza da melhor poesia. Palavra lírica, por excelência. Vejo também, na singeleza do seu sítio idiomático e expressivo, a umidade da terra e o gosto brejeiro de uma saudade permanente.

Sartre, o único de fora neste quarteto, fez da palavra o início e o fim de sua trajetória intelectual. Filósofo, romancista, dramaturgo, ensaísta, militante político, usou a palavra como instrumento de combate e como suporte indispensável à produção do pensamento e ao exercício da criação. Ao mesmo tempo em que se valeu da palavra na construção do estilo e na densidade da reflexão crítica, soube, como poucos, teorizar suas possibilidades e direções. Com ele aprendi, certa feita, que a palavra, no poema, é uma palavra com música. Portanto, uma palavra especial, dotada de arranjos e harmonias melódicas que ultrapassam as fronteiras convencionais da prosa.

O 21 de junho, o dia, a data, possui, sem dúvida, sua nota simbólica. No entanto, creio estar no valor da palavra literária o elo de semelhança entre estes quatro autores, em meio às suas múltiplas diferenças. Ontem foi 21 de junho. Gonzaga completou 92 anos. Deixo-lhe, aqui, os meus parabéns!

HISTÓRIA

Uma casa das artes que marcou época

Livro resgata a trajetória da Galeria de Arte São Luís, local de efervescência nas décadas de 1950 e 1960

Eduardo Augusto
Especial para A União

Galeria de Arte São Luís: 1959–1966 (Editora Liberdade), escrito por José Armando Pereira da Silva, resgata a memória de um dos espaços culturais mais dinâmicos de São Paulo no século 20. Fruto de uma pesquisa metódica, o livro revela como, em apenas sete anos, a galeria realizou 120 exposições, reunindo desde modernistas históricos até jovens experimentalistas da década de 1960.

Em conversa com **A União**, o autor conta que a maior revelação de sua pesquisa foi a intensa movimentação artística da galeria. “A programação de 120 exposições mostra a presença de artistas de quatro gerações: os modernistas, a geração pós-modernista dos anos 1930, os abstracionistas dos anos 1950 e os novos nomes dos anos 1960”, conta. “Foi uma surpresa constatar essa variedade em tão pouco tempo”.

O autor explica como recuperou essas memórias: “Lembrava-me do encontro com Décio Pignatari e Hermelindo Fiaminghi em seu escritório, na rua Barão de Itapetinga, e da ida à galeria”.

Sobre o perfil da Avenida São Luís nas décadas de 1950 e 1960, ele destaca que a galeria inseria-se em uma área de intensa vida social e cultural, com livrarias, cinemas, jornais, rádios, bares e restaurantes. “Essa concentração facilitava uma rede de contatos e ‘lógicas afetivas’ de sociabilidade”, comenta.

A Galeria São Luís dialogava com outros espaços culturais da cidade de São Paulo, sem exclusividades, permitindo que os mesmos artistas circulassem por diferentes exposições. Sobre as linguagens predominantes, José Ar-

mando explica que a preferência ficou com aqueles que se direcionaram para a vertente informal, com características diversificadas. “Muitos eram artistas que ganharam impulso com as primeiras bienais e fizeram a transição do figurativo para a abstração”, explica.

Fechamento

Apesar de seu prestígio, a galeria encerrou as atividades em 1966, reflexo de um mercado ainda incipiente. “O fechamento prematuro de muitos espaços confirma que os resultados financeiros não foram suficientes”, diz o autor. “A Galeria São Luís não chegou a oito anos, e outras tiveram duração ainda menor, indicando um mercado limitado e de parâmetros fluidos”.

Localizada em uma sobrelaja do Edifício Conde Silvío Penteado, no bairro da República, a galeria não seguia um padrão arquitetônico modernista, mas sua atmosfera era marcante. “Era um salão aberto, de altura regular. Não seguia um modelo específico, mas sua localização e programação a tornavam especial”, afirma.

Legado

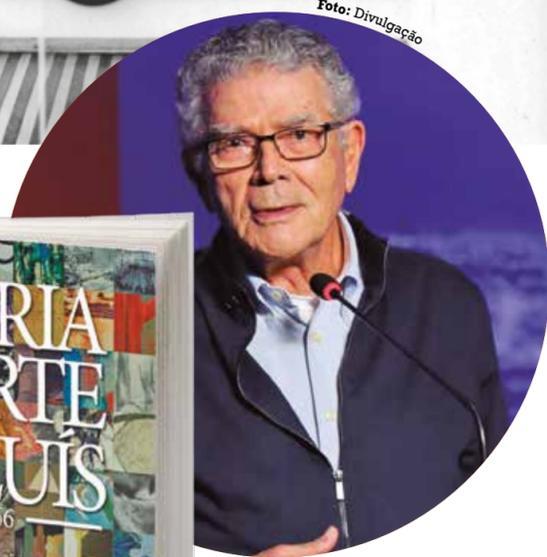
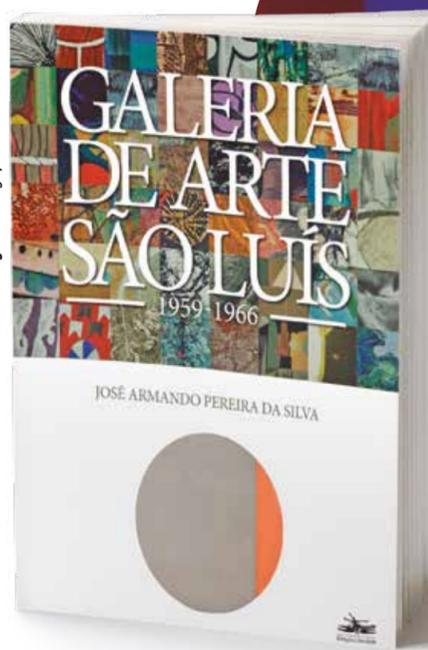
Após seu fechamento, o acervo foi dividido entre os sócios Ernesto Wolf, Liuba Wolf e Anna Maria Fiocca, mas muitas obras que passaram por lá, hoje, estão em museus e coleções particulares.

Galeria de Arte São Luís: 1959–1966 não é apenas um registro histórico — é uma janela para um período crucial da arte brasileira, quando São Paulo consolidava-se como centro cultural do país. José Armando Pereira da Silva oferece ao leitor uma obra indispensável para entender a efervescência artística da época.



Imagem: Editora Key/Divulgação

Imagem: Divulgação/Editora Liberdade



José Armando Pereira da Silva reúne entrevistas e imagens para reconstituir o espírito dos anos de glória da Galeria São Luís

Em Cartaz



Cinema

Programação de 19 a 25 de junho, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o Cine RT, em Remígio, e o Cine Vieira, em São Bento.

ESTREIAS

ELIO (Elio). EUA, 2025. Dir.: Adrian Molina, Madeline Sharafian e Domee Shi. Vozes na dublagem brasileira: Lorenzo Tironi, Juliana Paiva, Danylo Miazato. Animação/aventura/infantil. Menino é abduzido e confundido com o embaixador intergaláctico do planeta Terra. 1h39. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h, 16h20, 18h30, 20h45. **CINÉPOLIS MANAÍRA 6:** dub.: dom., ter. e qua.: 13h, 15h30, 18h, 20h30; seg.: 13h, 15h30, 18h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** dub.: 2D: 14h; 3D: 16h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: dom., ter. e qua.: 13h30, 16h, 18h30, 21h; seg.: 13h30, 16h, 18h30. **CINESERCLA TAMBIA 4:** dub.: 14h45, 16h45, 18h45, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h45, 16h45, 18h45, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: qui. a seg.: 3D: 15h, 16h50, 18h40; ter. e qua.: 3D: 15h, 16h50, 18h40; 2D: 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: sáb. e dom.: 3D: 14h15, 18h10; 2D: 16h10, 21h10; seg. a qua.: 2D: 16h10, 20h10; 3D: 18h10.

EXTERMINIO – A EVOLUÇÃO (28 Years Later). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Danny Boyle. Elenco: Jack O’Connell, Aaron Taylor-Johnson, Ralph Fiennes, Jodie Comer. Terror. Sobreviventes de uma infestação zumbi vivem isolados em uma ilha e um dos membros sai do santuário para descobrir os segredos do mundo que ficou para trás. 1h55. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h30. **CENTERPLEX MAG 2:** dub.: 15h30, 18h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8:** dom., ter. e qua.: 14h30, 16h50, 19h15; leg.: 22h; seg.: dub.: 14h30, 16h50, 19h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** dub.: dom., ter. e qua.: 18h15, 20h45; seg.: 20h45. **CINESERCLA TAMBIA 2:** dub.: 16h30, 18h40, 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h30, 18h40, 20h50. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: sáb. e dom.: 17h, 19h05; seg.: 19h05; ter. e qua.: 19h05, 21h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: sáb. e dom.: 19h, 21h15; seg. a qua.: 21h15.

REAPRESENTAÇÃO

SANEAMENTO BÁSICO, O FILME + ILHA DAS FLORES. EUA, 2007. Dir.: Jorge Furtado. Elenco: Fernanda Torres, Wagner Moura, Camila Pitanga, Lázaro Ramos, Bruno Garcia, Paulo José, Tonico Pereira, Jamaica

Kremer Motta, Lúcio Mauro Filho, Zéu Brito. Comédia. Moradores querem da prefeitura o conserto de uma fossa, mas recebem a verba para produzir um filme. Tentam, então, descobrir como fazer um para resolver junto o problema do saneamento. Exibição inclui o curta *Ilha das Flores* (1989). 1h52. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: qui., 26/6: 18h.

CONTINUAÇÃO

ABÁ E SUA BANDA. Brasil, 2025. Dir.: Humberto Avelar. Vozes: Filipe Bragança, Zezé Motta, Rafael Infante. Animação. o príncipe do Reino do Pomar precisa enfrentar um vilão para conseguir realizar o sonho de ser músico. 1h24. Livre.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 29/6: 15h.

AINDA NÃO É AMANHÃ. Brasil, 2025. Dir.: Milena Times. Elenco: Mayara Santos, Bárbara Vitória, Clau Barros. Drama. Jovem pobre é a primeira da família a conseguir ir para a universidade, mas uma gravidez não desejada ameaça seus planos. 1h16. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 22/6: 17h; sáb., 28/6: 17h.

AS AVENTURAS DE UMA FRANCESA NA COREIA (Yeohaengjaui Pilyo). Coreia do Sul, 2024. Dir.: Hong Sang-Soo. Elenco: Isabelle Huppert, Lee Hye-Yeong. Drama. Francesa em crise em Seul e com hábitos peculiares passa a dar aulas de francês a duas jovens locais. 1h30. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 22/6: 15h; sáb., 28/6: 19h.

BAILARINA – DO UNIVERSO DE JOHN WICK (Ballerina). EUA, 2025. Dir.: Len Wiseman. Elenco: Ana de Armas, Keanu Reeves, Ian McShane, Anjelica Huston, Gabriel Byrne, Catalina Sandino Moreno. Aventura/policial. Assassina treinada procura vingança pela morte do pai. 2h05. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 19h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dom., ter. e qua.: 21h30. **CINESERCLA TAMBIA 1:** dub.: 15h20. **CINESERCLA TAMBIA 3:** dub.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 21h.

COMO TREINAR O SEU DRAGÃO (How to Train Your Dragon). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Dean DeBlois. Elenco: Mason Thames, Nico Parker, Gerard Butler. Aventura/infantil. Garoto de uma comunidade de vikings em guerra com dragões faz amizade com um dragão ferido. Refilmagem live action da animação de 2010. 2h05. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 14h45, 17h20, 20h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2:** dub.: dom., ter. e qua.: 12h30, 15h15, 18h, 20h45; seg.: 12h30, 15h15, 18h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4:** dub.: 3D: sáb. e dom.: 12h, 14h45, 17h30, 20h15; seg.: 14h45, 17h30; ter. e qua.: 14h45, 17h30, 20h15. **CINÉPOLIS MANAÍRA 5:** dub.: 14h15, 17h,

19h45. **CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE):** dub.: 3D: dom., ter. e qua.: 13h30, 16h15, 19h, 21h50; seg.: 13h30, 16h15, 19h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP):** dub.: 3D: dom., ter. e qua.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30; seg.: 13h15, 16h, 18h45. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1:** dub.: dom., ter. e qua.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h; seg.: 13h45, 16h30, 19h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** dub.: 12h45, 15h30. **CINESERCLA TAMBIA 2:** dub.: 14h10. **CINESERCLA TAMBIA 3:** dub.: 16h35. **CINESERCLA TAMBIA 5:** dub.: 18h. **CINESERCLA TAMBIA 6:** dub.: 16h05, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h. **CINESERCLA PARTAGE 2:** dub.: 16h05, 20h30. **CINESERCLA PARTAGE 4:** dub.: 14h10. **CINESERCLA PARTAGE 5:** dub.: 16h35. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: qui. a seg.: 15h30, 18h10; ter. e qua.: 15h30, 18h10, 20h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: sáb. e dom.: 13h50, 16h15, 18h40, 21h05; seg. a qua.: 16h15, 18h40, 21h05.

HOME COM H. Brasil, 2025. Dir.: Esmir Filho. Elenco: Jesuítia Barbosa, Bruno Montaleone, Jullio Reis, Hermila Guedes. Drama. As diferentes fases da carreira do cantor Ney Matogrosso, desde a sua infância até a vida adulta, sempre desafiando padrões. 2h10. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 20h30.

LILLO & STITCH (Lilo & Stitch). EUA, 2025. Dir.: Dean Fleischer Camp. Elenco: Chris Sanders (voz), Maia Kealoha, Sydney Agudong, Zach Galifianakis, Courtney B. Vance, Tia Carrere, Jason Scott Lee. Infantil/aventura/comédia. Garota solitária faz amizade com alienígena destruidor que está em fuga. Refilmagem live action da animação de 2002. 1h48. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h30, 16h50, 19h10. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3:** dub.: dom., ter. e qua.: 13h45, 16h10, 18h30, 21h; seg.: 13h45, 16h10, 18h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: 14h, 16h45, 19h. **CINESERCLA TAMBIA 3:** dub.: 19h. **CINESERCLA TAMBIA 5:** dub.: 15h50, 20h20. **CINESERCLA TAMBIA 6:** dub.: 14h, 18h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h50, 20h20. **CINESERCLA PARTAGE 2:** dub.: 14h, 18h25. **CINESERCLA PARTAGE 5:** dub.: 19h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: sáb. e dom.: 15h; seg. a qua.: 15h, 17h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: sáb. e dom.: 14h25, 16h45; seg. a qua.: 16h45, 19h05.

O MELHOR AMIGO. Brasil, 2025. Dir.: Allan Deberton. Elenco: Vinícius Teixeira, Leo Bahia, Claudia Ohana, Gretchen. Comédia/musical. Dois amigos se reencontram na praia de Canoa Quebrada, reacendendo antigos desejos. 1h36. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: sáb., 28/6: 15h.

MISSÃO: IMPOSSÍVEL – O ACERTO FINAL (Mission: Impossible – The Final Reckoning). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Christopher McQuarrie. Elenco: Tom Cruise, Hayley Atwell, Ving Rhames, Simon Pegg, Esai Morales, Pom Klementieff, Henry Czerny, Angela Bassett, Cary Elwes. Aventura. Equipe de agentes parte para o confronto final contra uma inteligência artificial que ameaça o mundo. Oitavo da série que começou em 1996, baseada na série de TV de 1966. 2h49. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: dom., ter. e qua.: 21h45. **CINESERCLA TAMBIA 1:** dub.: 20h.

PRÉDIO VAZIO. Brasil, 2025. Dir.: Rodrigo Aragão. Elenco: Caio Macedo, Leonardo Magalhães, Gilvela Nomacce. Terror. À procura da mãe, jovem chega a um prédio aparentemente vazio, mas habitado por almas torturadas. 1h20. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: qui., 26/6: 20h30; dom., 29/6: 17h.

PREMONIÇÃO 6 – LAÇOS DE SANGUE (Final Destination – Bloodlines). EUA, 2025. Dir.: Zach Lipovsky e Adam B. Stein. Elenco: April Telek, Tony Todd, Breck Basinger. Terror. Atormentado por pesadelos, estudante retorna à sua cidade para encontrar a única pessoa que pode salvar sua família de um destino terrível. Sexto da série que começou em 2000. 1h50. 18 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 17h50.

TRILHA SONORA PARA UM GOLPE DE ESTADO (Soundtrack to Coup d’Etat). Bélgica/ França/ Holanda, 2024. Dir.: Johan Grimprez. Documentário. Quando o Congo se liberta da Bélgica, uma trama internacional se arma para derrubar o novo governo, usando o jazz como parte da ação. 2h30. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 22/6: 19h; dom., 29/6: 19h.

SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE. Shows de gêneros variados. Domingo (22/6): Eduardo Costa, Eliane, Capilé e Mexe Ville. Segunda (23/6): Elba Ramalho, Sirano e Sirino, Guilherme Dantas e Diego Facó. Terça (24/6): Geraldo Azevedo, Waldonys, Ton Oliveira e Kely Pablo.

Campina Grande: PARQUE DO POVO (R. Sebastião Donato, s/n, Centro). Quinta a domingo, até 6/7. Entrada franca.

SÃO JOÃO DE JOÃO PESSOA. Shows de gêneros variados. Domingo (22/6): Kelly Silva, Zé Cantor, Banda Cascavel, Danieze Santiago. Segunda (23/6): Nando Cordel, Joyce Tyná, Fabricio Rodrigues. Terça (24/6): Magníficos, Ranniery Gomes, Banda Encantú’s.

João Pessoa: LAGOÁ (Parque Sólido de Lucena, Centro). Até segunda, 23/6. Entrada franca.

SÃO JOÃO DE PATOS. Shows de gêneros variados. Domingo (22/6): Natanzinho Lima, Zezo Potiguar, Pablo. Segunda (23/6): Bruno e Marone, Rai Saia Rodada, Bizay

Patos: TERREIRO DO FORRÓ (R. Fenelon Bonavides, Brasília). Até segunda, 23/6. Entrada franca.

SÃO JOÃO DE SANTA LUZIA. Shows de gêneros diversos. Domingo (22): Natanzinho Lima, À Vontade, Forró D2 e Vitória Freitas. Segunda (23): Michele Andrade, Thiago Freitas, Baras do Forró e Geová do Acordeon. Terça (24): Felipe Amorim, Lauana Prado e Luiz Bento.

Santa Luzia: PARQUE DE EVENTOS (R. Abdon Nóbrega, nº 150, Centro). Sexta, 20/6, a terça (24/6). Entrada franca. Ingressos para área VIP: R\$ 240 (inteira), R\$ 130 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 120 (meia), antecipados na plataforma Outgo.

VILA SÍTIO SÃO JOÃO. Shows de forró. Domingo (22/6): Jorge de Altinho, Zé Cantor, Brasas do Forró e Garotinho. Terça (24/6): Nando Cordel, Assisá, Capilé e Nathan Vinicius.

Campina Grande: VILA SÍTIO SÃO JOÃO (Av. Mal. Floriano Peixoto, nº 3233, Dinâmica). Sábado, 21/6. Ingressos: R\$ 130 (inteira), R\$ 70 + 1 kg de alimento não perecível (social) a R\$ 65 (meia), antecipados no site <https://vilasitiosaojoao.com.br/wp/>.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 22/6, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

SÃO JOÃO DE BRINCANTES. Música e atrações juninas. Domingo (22/6): Feira colaborativa (15h); Trio pé de serra (16h); Grupo de Dança Acauá da Serra + Quadrilhas vendedoras das escolas municipais (18h); grupo musical (19h); Instalação artística multitérea com apresentação de DJ (20h30).

Campina Grande: MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (MUSEU DOS TRÊS PANDEIROS) (R. Dr. Severino Cruz, s/n, Centro). Domingo, 22/6, 15h. Entrada franca.

HOJE

CANDEEIRO NATURAL. Show de forró.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 22/6, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

SÃO JOÃO DE BRINCANTES. Música e atrações juninas. Domingo (22/6): Feira colaborativa (15h); Trio pé de serra (16h); Grupo de Dança Acauá da Serra + Quadrilhas vendedoras das escolas municipais (18h); grupo musical (19h); Instalação artística multitérea com apresentação de DJ (20h30).

Campina Grande: MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (MUSEU DOS TRÊS PANDEIROS) (R. Dr. Severino Cruz, s/n, Centro). Domingo, 22/6, 15h. Entrada franca.

HOJE

CANDEEIRO NATURAL. Show de forró.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 22/6, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

SÃO JOÃO DE BRINCANTES. Música e atrações juninas. Domingo (22/6): Feira colaborativa (15h); Trio pé de serra (16h); Grupo de Dança Acauá da Serra + Quadrilhas vendedoras das escolas municipais (18h); grupo musical (19h); Instalação artística multitérea com apresentação de DJ (20h30).

Campina Grande: MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (MUSEU DOS TRÊS PANDEIROS) (R. Dr. Severino Cruz, s/n, Centro). Domingo, 22/6, 15h. Entrada franca.

HOJE

CANDEEIRO NATURAL. Show de forró.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 22/6, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

SÃO JOÃO DE BRINCANTES. Música e atrações juninas. Domingo (22/6): Feira colaborativa (15h); Trio pé de serra (16h); Grupo de Dança Acauá da Serra + Quadrilhas vendedoras das escolas municipais (18h); grupo musical (19h); Instalação artística multitérea com apresentação de DJ (20h30).

Campina Grande: MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (MUSEU DOS TRÊS PANDEIROS) (R. Dr. Severino Cruz, s/n, Centro). Domingo, 22/6, 15h. Entrada franca.

HOJE

CANDEEIRO NATURAL. Show de forró.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 22/6, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

SÃO JOÃO DE BRINCANTES. Música e atrações juninas. Domingo (22/6): Feira colaborativa (15h); Trio pé de serra (16h); Grupo de Dança Acauá da Serra + Quadrilhas vendedoras das escolas municipais (18h); grupo musical (19h); Instalação artística multitérea com apresentação de DJ (20h30).

Campina Grande: MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (MUSEU DOS TRÊS PANDEIROS) (R. Dr. Severino Cruz, s/n, Centro). Domingo, 22/6, 15h. Entrada franca.

HOJE

CANDEEIRO NATURAL. Show de forró.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 22/6, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

SÃO JOÃO DE BRINCANTES. Música e atrações juninas. Domingo (22/6): Feira colaborativa (15h); Trio pé de serra (16h); Grupo de Dança Acauá da Serra + Quadrilhas vendedoras das escolas municipais (18h); grupo musical (19h); Instalação artística multitérea com apresentação de DJ (20h30).

Campina Grande: MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (MUSEU DOS TRÊS PANDEIROS) (R. Dr. Severino Cruz, s/n, Centro). Domingo, 22/6, 15h. Entrada franca.

HOJE

CANDEEIRO NATURAL. Show de forró.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 22/6, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

SÃO JOÃO DE BRINCANTES. Música e atrações juninas. Domingo (22/6): Feira colaborativa (15h); Trio pé de serra (16h); Grupo de Dança Acauá da Serra + Quadrilhas vendedoras das escolas municipais (18h); grupo musical (19h); Instalação artística multitérea com apresentação de DJ (20h30).

Campina Grande: MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (MUSEU DOS TRÊS PANDEIROS) (R. Dr. Severino Cruz, s/n, Centro). Domingo, 22/6, 15h. Entrada franca.

HOJE

CANDEEIRO NATURAL. Show de forró.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 22/6, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

SÃO JOÃO DE BRINCANTES. Música e atrações juninas. Domingo (22/6): Feira colaborativa (15h); Trio pé de serra (16h); Grupo de Dança Acauá da Serra + Quadrilhas vendedoras das escolas municipais (18h); grupo musical (19h); Instalação artística multitérea com apresentação de DJ (20h30).

Campina Grande: MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (MUSEU DOS TRÊS PANDEIROS) (R. Dr. Severino Cruz, s/n, Centro). Domingo, 22/6, 15h. Entrada franca.

HOJE

CANDEEIRO NATURAL. Show de forró.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 22/6, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

SÃO JOÃO DE BRINCANTES. Música e atrações juninas. Domingo (22/6): Feira colaborativa (15h); Trio pé de serra (16h); Grupo de Dança Acauá da Serra + Quadrilhas vendedoras das escolas municipais (18h); grupo musical (19h); Instalação artística multitérea com apresentação de DJ (20h30).

Campina Grande: MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (MUSEU DOS TRÊS PANDEIROS) (R. Dr. Severino Cruz, s/n, Centro). Domingo, 22/6, 15h. Entrada franca.

HOJE

CANDEEIRO NATURAL. Show de forró.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 22/6, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

O peso e as funções dos impostos

Tributos como o ICMS e o IPVA exercem papel vital no equilíbrio fiscal e na oferta de serviços à população

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

Você já parou para pensar de onde vem o dinheiro que asfalta a rua da sua casa, mantém o posto de saúde do bairro aberto ou paga o salário dos professores da escola pública? Do pãozinho comprado na padaria ao carro na garagem, existe um complexo sistema de tributos que define tanto a capacidade de investimentos dos Estados quanto o funcionamento dos serviços públicos em seus municípios.

No Brasil, a cobrança de impostos é dividida entre os três entes da Federação: a União, os Estados e os Municípios. Cada um tem seus próprios tributos, criando uma “colcha de retalhos” que financia desde a iluminação pública até a Defesa Nacional.

De maneira geral, podemos apontar cinco impostos que representam fontes significativas de arrecadação no país. São eles: o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), principal imposto dos Estados; o Imposto sobre Serviços (ISS), a base da arrecadação municipal; o Imposto sobre Produto Industrializado (IPI),

de competência da União; e o Programa de Integração Social (PIS) e a Contribuição para Financiamento da Seguridade Social (Cofins), contribuições que incidem sobre o faturamento das empresas.

Nas unidades federativas, é fundamental que o contribuinte entenda dois impostos: o ICMS e o Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA). Assim, eles poderão compreender a saúde financeira do estado e do município onde vivem.

Carro-chefe da arrecadação

O ICMS incide sobre praticamente tudo que seja produzido ou comercializado: a comida no supermercado, o celular novo, a conta de luz, a fatura da internet e os combustíveis, por exemplo. Instituído pela Lei nº 6.379/1996, o imposto é pago pelas empresas, mas incide sobre todas as operações de venda e importação.

Na Paraíba, como na maioria dos estados, o ICMS representa a maior fatia da receita própria, sendo o principal motor para o funcionamento da máquina pública estadual. Em 2024, o tributo representou 95% da arrecadação, acumulando cerca de R\$ 2,3 bilhões.



Foto: João Pedrosa

Sistema complexo de contribuições define a capacidade de investimentos e o bom funcionamento da máquina pública

Titular da Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz-PB), Marialvo Laureano salienta que a receita própria da Paraíba é, majoritariamente, tributária, composta pelo ICMS, pelo IPVA, pela Tributação sobre Heranças e Doações (ITCD) e pelo Fundo de Participação dos Estados (FPE) — provenien-

te de impostos federais, como o Imposto de Renda e o IPI.

O secretário destaca que, de 2019 a 2024, o estado registrou um aumento de 330% nos investimentos com receita própria. “Toda essa receita — seja ela própria ou fruto das transferências constitucionais, como o FPE — compõe o orçamento, e ele é direcionado exatamente para investimentos e para prestação de serviço à sociedade. Essa receita equilibrada fez com que o nosso estado pudesse fazer grandes investimentos com a receita própria, o que não acontecia há muito tempo. Em 2019, os investimentos com a receita própria foram da ordem de R\$ 500 milhões e, em 2024, foram de R\$ 2,5 bilhões”, aponta.

Contudo, o imposto também é o pivô de um dos maiores conflitos do federalismo brasileiro, a chamada “guerra fiscal”, que ilustra as desigualdades no desenvolvimento econômico do país, com estados na posição de industrializados e outros figurando como meros consumidores ou prestadores de serviços.

Na visão do secretário-executivo da Sefaz-PB, Bruno Frade, a guerra fiscal permitiu que o Nordeste reagisse às disparidades e conseguisse atrair investimentos aos seus estados.

“[É necessário] visualizar que a grande quantidade de mão de obra está no Sul e Sudeste e que a maior quantidade de matéria-prima, de insumos, também estão [nessas regiões]. Então, se você não tem uma política tributária mais agressiva, ou seja, menos carga tributária para incentivar a vinda de empresas para cá — sejam [do ramo] do atacado, sejam da indústria —, você vai deixar que toda a industrialização e a comercialização fique concentrada no Sul e no Sudeste”, opina.

Atualmente, a alíquota geral do ICMS gira em 20%, sendo que alguns produtos possuem alíquota diferenciada. Uma das políticas de maior impacto social é a isenção do ICMS sobre os produtos da cesta básica, o que contribui para que a Paraíba tenha o conjunto de alimentos essenciais mais barato do país.

Imposto sobre rodas

Mais familiar para a maioria dos cidadãos, o Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) é o tributo anual pago por quem possui um carro, uma moto ou um caminhão. Regulamentado pela Lei nº 11.007/2017, o imposto tem suas alíquotas definidas de acordo com o tipo e a potência do veículo. Em 2025, as alíquotas do IPVA no estado são de 1% para carro, motos e micro-ônibus, e 2,5% para ônibus e caminhões — ambas com base no valor de mercado de cada veículo.

O Governo Estadual tem utilizado o IPVA como instrumento de política social e de estímulo a setores específicos. Um exemplo disso é a isenção do imposto para motocicletas de até 170 cilindradas, uma medida que beneficia diretamente a população de menor renda que utiliza o veículo para trabalho e locomoção. Além disso, veículos com mais de 15 anos de fabricação e carros elétricos também são isentos do tributo.

Foto: Roberto Quevedes



Secretários Marialvo Laureano (na foto acima) e Bruno Frade destacam a importância dos tributos para a segurança econômica do Estado



Foto: Carlos Rodrigo

Distribuição de recursos é baseada em sistema constitucional

Após compreender o processo de arrecadação de impostos, como o ICMS e o IPVA, surge uma pergunta fundamental: qual é o caminho desse dinheiro? A resposta está em um sistema de partilha constitucional que distribui recursos para cada um dos 223 municípios da Paraíba, do Litoral ao Sertão.

Em 2024, João Pessoa teve o maior repasse de ICMS, com aproximadamente R\$ 500 milhões. No mesmo período, o município de Parari teve o menor repasse no estado, em torno de R\$ 2,3 milhões.

Com relação ao IPVA, ainda em 2024, a Paraíba registrou, aproximadamente, R\$ 300 milhões, e novamente a capital angariou a maior parcela do imposto, cerca de R\$ 113 milhões. Por sua vez, o município com o menor repasse foi

São José do Brejo do Cruz, com, aproximadamente, R\$ 23 mil. Vale ressaltar que, de acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), Parari e São José do Brejo do Cruz são as duas cidades com as menores populações do estado, com 1.720 e 1.699 habitantes, respectivamente.

Segundo o secretário-executivo de Finanças de João Pessoa, Adenilson Ferreira, neste ano, são previstas arrecadações de R\$ 580 milhões em ICMS e de R\$ 180 milhões em ISS. Conforme o gestor, essa arrecadação representa, aproximadamente, 20% da receita corrente do município, considerando uma cifra “bem expressiva e que faz toda a diferença na hora de fazer os investimentos que a cidade precisa”.

A divisão do ICMS é cal-

culada com base no Índice de Participação dos Municípios (IPM), um indicador que busca refletir a contribuição de cada cidade para a atividade econômica do estado. O cálculo do IPM na Paraíba é regulamentado por lei estadual e leva em conta, principalmente, o Valor Adicionado Fiscal (VAF), além de outros critérios estabelecidos por cada estado.

“A gente faz isso todo ano, porque aumentou a população, a educação melhorou, entraram mais indústrias e empresas. Então, todos os anos, [o índice] de todos os municípios é alterado. No dia 30 de junho, nós publicaremos no Diário Oficial o índice para o ano seguinte, e os Municípios têm 30 dias para recorrer”, explica o secretário de Estado da Fazenda, Marialvo Laureano.

Com relação ao IPVA, o percentual do repasse é maior, sendo que 50% do valor arrecadado fica para o Estado, e os outros 50% vão diretamente para a administração do município onde o veículo está licenciado. Isso significa que o IPVA pago pelo cidadão se transforma em receita direta para a Prefeitura local.

A distribuição desses re-

curso é uma informação pública e pode ser acompanhada pelos cidadãos por meio do Portal da Transparência do Estado. Essa consulta permite que a sociedade civil, vereadores e órgãos de controle fiscalizem se os repasses estão sendo feitos corretamente e cobrem das gestões municipais a aplicação eficiente desses recursos

em benefício da população.

Assim, toda vez que o cidadão paraibano compra um produto ou paga o IPVA, ele não está só ajudando a financiar o Estado, mas também contribuindo, de forma importante, para a sua própria cidade, criando um ciclo em que a economia individual ajuda no crescimento e desenvolvimento local.

Saiba Mais

Na hora de distribuir o ICMS aos Municípios, o Valor Adicionado Fiscal é o critério de maior peso, representando 65% do índice. O VAF mede, de forma simplificada, a riqueza gerada no município, em outras palavras, a quantidade de notas fiscais emitidas em cada cidade. Os outros 35% restantes são definidos por cada unidade federativa, via lei estadual. Marialvo Laureano ressalta que, na Paraíba, são levados em consideração os critérios populacionais (17%) e os índices educacionais (18%).



Fotos: Kayo Magalhães/Câmara dos Deputados

Deputados federais validaram o texto que promete punir quem viola a legislação e aumentar a segurança para a sociedade

DISCUSSÃO NO CONGRESSO

Pena por porte ilegal de arma deve ser ampliada

Projeto enviado ao Senado eleva o tempo mínimo de reclusão para estes casos

Agência Câmara

A Câmara dos Deputados aprovou projeto de lei que aumenta a pena pela posse ou porte de arma de fogo de uso proibido (como fuzis), de quatro a 12 anos para seis a 12 anos de reclusão. A matéria ainda inclui o substitutivo do relator, deputado Max Lemos (PDT-RJ), ao Projeto de Lei nº 4149/04, apresentado pelo deputado Carlos Sampaio (PSD-SP). O texto será enviado ao Senado.

O projeto prevê a aplicação da mesma pena também em outras situações previstas no Estatuto do Desarmamento (Lei nº 10.826/03), entre elas: tirar ou mudar numeração e marcas de identificação de arma de fogo ou artefato; mudar as características de arma de fogo para torná-la equivalente a arma de fogo de uso proibido ou restrito ou induzir policial, juiz ou perito a erro; e possuir, fabricar ou empregar artefato explosivo ou incendiário sem autorização legal.

Também serão considerados para a punição: comprar ou transportar arma de fogo com numeração, marca ou sinal de identificação raspado, suprimido ou adulterado; vender, entregar ou fornecer arma de fogo, acessório, munição ou explosivo a criança ou adolescente; e produzir, recarregar ou reciclar, sem autorização legal, munição ou explosivo ou adulterá-los de qualquer forma.

No entanto, diferentemente de outras versões do texto, o relator manteve a pena atual para posse de arma de fogo de uso restrito (reclusão de três a seis anos e multa).

Quanto ao crime de dis-

parar arma de fogo em lugar habitado ou em via pública, o projeto também cria um agravante caracterizado pelo emprego de arma de uso proibido.

Nessa situação, a pena para o crime de disparo, atualmente de reclusão de dois a quatro anos e multa, passa a ser de três a seis anos e multa.

Tráfico de armas

O texto determina a aplicação em dobro de penas para o comércio ilegal de armas de fogo ou de tráfico de armas se envolverem aquelas de uso proibido. Atualmente, o estatuto prevê que esse agravante corresponde a mais 50% da pena-padrão.

No comércio ilegal, a pena normal é de reclusão de seis a 12 anos; no tráfico internacional de quaisquer armas de fogo ou munições, a pena normal é de reclusão de oito a 16 anos. Com o novo agravante, essas penas serão dobradas se o crime envolver arma de fogo, acessório ou munição de uso proibido.

Foram rejeitados em Plenário os destaques apresentados pelo PL e pelo Novo que pretendiam excluir esses aumentos de pena.

Definições

Ao acatar emenda apresentada em Plenário pelo deputado Ismael Alexandrino (PSD-GO), o relator incluiu na lei definição atualmente dada por decreto para quais são as armas e munições de uso proibido.

Assim, as armas e munições de uso proibido são aquelas definidas em acordos ou tratados internacionais dos quais o Brasil seja signatário. De igual forma, também são de uso proibi-

do as munições incendiárias ou químicas e as armas de fogo dissimuladas, com aparência de objetos inofensivos (simulacros).

Debate entre deputados

Deputados da oposição inicialmente criticaram o projeto por deixar para o Executivo a definição do que seriam armas proibidas. Lemos concordou em alterar o texto nesse ponto. "A ausência de previsibilidade acerca da mudança dos conceitos de armas de uso restrito e proibido, por meio de decretos, gera insegurança jurídica aos cidadãos que possuam ou portem arma de fogo de forma regular", afirmou o relator.

A deputada Laura Carneiro (PSD-RJ) disse que a mudança acaba com a insegurança jurídica da proposta. "A emenda acaba com o argumento de que poderia mudar o calibre por decreto", avaliou.

De acordo com o deputado Delegado Paulo Bilynskyj (PL-SP), vice-líder da oposição, o Parlamento estaria dando uma "carta em branco" ao Executivo, já que o texto não definia o que é armamento proibido e isso seria feito por decreto presidencial. "A definição de calibre proibido estaria nas mãos do governo. O objetivo é punitivista, sim, mas do público errado", destacou.

Para o deputado Capitão Alden (PL-BA), é preciso definir quais armas serão proibidas. "É urgente combater as armas ilegais. Mas os que possuem armas de forma legal não podem ser penalizados pela mudança de um decreto", afirmou o parlamentar.

O relator, deputado Max Lemos, ressaltou que a pro-

posta não atinge as pessoas que detêm o certificado de registro de colecionador, atirador desportivo e caçador (CAC). "À medida que aumentamos as penas para quem utiliza de modo ilegal arma de fogo, estamos protegendo e valorizando os CACs". Segundo ele, a essência do texto é aumentar pena para quem viola a identificação da arma e a usa para cometer crimes.

O deputado Pastor Henrique Vieira (Psol-RJ), vice-líder do governo, disse que o controle sobre armas e munições é um fator de segurança para a sociedade. "O crime organizado se alimenta do fluxo de armas ilegais. Ter mecanismos de punição para o tráfico de armas e posse de armas para uso restrito é absolutamente necessário e razoável", declarou.



“**À medida que aumentamos as penas para quem utiliza de modo ilegal arma de fogo, protegemos os CACs**

Max Lemos

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Dr. Vilinho e Arnaud Costa

O desembargador aposentado Marcos William viveu a sua juventude em Itabaiana, onde deu os primeiros passos como cultor do Direito, ao lado do meu pai, Arnaud Costa. Vilinho, como era conhecido, foi carnavalesco e esportista, além de boêmio na terra do poeta Zé da Luz. No seu livro "Por um ocaso azul", Marcos William lembra, na crônica denominada "Minudências":

"Após a minha formatura, em Recife, no ainda bem próximo ano de 1973, voltei à terrinha, não mais de férias, mas com o ânimo de residir, casado que estava de pouco. Na mente, apenas sonhos de um advogado fresco e a enorme inexperiência a desafiar a subsistência. Havia apenas em Itabaiana um advogado formado: o inesquecível e digno Dr. Veloso. De outra ponta, exercia com maestria o exercício da advocacia o amigo Arnaud Costa. Por não ser diplomado recebia o nome de rábula.

No que pese a feiúra da palavra, não tem sentido pejorativo ou desqualificador em relação ao inteligente cultor do Direito. Foi com Arnaud Costa que dei os primeiros passos na prática do Direito Penal e Processual. De logo, nos tornamos amigos e passamos a rabular juntos. Eu, com a minha enorme vontade de vencer e a inexperiência de quem sai da faculdade. Arnaud com sua vasta folha de fianças, jûris e *habeas corpus* nas terras de Zé da Luz e alhures. Foi Arnaud quem me ensinou a grafia correta da palavra privilégio!

Juntos enfrentamos grandes promotores de Justiça. Acusadores preparados e cultores do Direito, como a brilhante Dra. Maria de Jesus Bezerra, o inesquecível Dr. Walter Agra e o hoje corregedor-geral do Ministério Público, o não menos ilustre procurador Dr. João da Cruz.

Guardo na lembrança embates memoráveis no Fórum Judiciário que se localizava no antigo prédio da Prefeitura Municipal, hoje Câmara de Vereadores. Por ali passaram advogados ilustres e da estirpe do Dr. Pedro Gondim, Vital do Rêgo, Nizi Marinheiro, Dr. Amaury Vasconcelos, Geraldo Beltrão, que aliás, por algumas minudências não veio fazer o júri de Romeu, deixando-me com a garganta seca de um nervosismo de principiante, uma vez que figurávamos no processo como defensores e eu apenas ainda era um estagiário do 4º ano de Direito, sendo aquele o meu primeiro júri.

Era sintomático: sempre que ia requerer alguma soltura, Arnaud crescia em estatura e ansiedade. Seus olhos pequenos faiscavam e seus gestos se tornavam quase desordenados numa pressa de fazer esquecer a própria petição de soltura!

Lembro-me bem de certa vez em que requeri um alvará judicial para uma senhora já idosa e doente. Após a sentença e com o alvará nas mãos, a velhinha foi à minha casa e indagou-me quanto me devia. Percebendo que a coitada não tinha nada me pagar além do que ia receber do banco, disse-lhe apenas em tom de chacota que me desse o dinheiro do leite para os meus filhos. Para meu espanto, no dia seguinte, ela chegou em minha casa trazendo nas mãos uma lata de leite em pó, profundamente agradecida!

De outra, e esta nomina estes breves apontamentos, voltávamos da cidade de Ingá onde tínhamos participado de um júri. Arnaud dirigia o velho fusca cavalo-de-batalha de nossas andanças. Na altura de Mogeiro ele parou o veículo e pediu-me que aguardasse um pouco. Após uns bons quinze minutos, saiu de uma residência tosca ao lado da estrada e retomamos o caminho de volta. Indagando o que estava ocorrendo, o mestre Arnaud com um sorriso largo e atirando o indicador com o polegar, me disse:

— Fui ali resolver algumas minudências...

E assim dizendo, deu-me a parte que me tocava, enquanto o pequeno veículo saltava nas costelas da estrada empoeirada.

Os elogios que me fez traduzem mais a grandeza de quem os aponta do que o merecimento de quem os recebe.

Com a chegada a Itabaiana de novos colegas advogados e a proibição legal do exercício da advocacia para os não titulados onde houvesse advogado residente, Arnaud abandonou as lides, deixando um legado de bem redigidas peças processuais que estão nos escaninhos dos nossos cartórios, fazendo parte da história jurídica da terra. A esmagadora maioria delas foram feitas sem as inesquecíveis minudências, pois Arnaud gostava de ajudar os pobres e menos favorecidos da sorte" (Trecho retirado do livro "Por um acaso azul", Ed. Sal e Terra, 2007).

Colunista colaborador

VIOÊNCIA DE GÊNERO

Mulheres temem andar nas cidades

Pesquisa revelou que 97% das entrevistadas têm medo de sofrer algum tipo de violência enquanto se locomovem

Paloma Araújo
Agência Senado

A insegurança condiciona a forma como as mulheres se deslocam nas cidades brasileiras. O medo — alimentado por casos constantes de assédio, perseguição e violência nas ruas — tem impacto direto sobre a mobilidade, fazendo com que muitas mulheres mudem suas rotinas e redefinam trajetos. “Nunca mais peguei ônibus”, relata Milena (nome fictício), vítima de assédio. “Se passa das 20h, não volto sozinha”, desabafa Bárbara. Karla Silva resume a sensação: “Você não se sente segura em nenhum lugar”.

No Brasil, a violência de gênero em espaços públicos é apontada como um dos principais entraves para que a população feminina possa se deslocar e usufruir plenamente dos espaços urbanos de forma segura. Dados de uma pesquisa nacional de 2024 revelam que 97% das mulheres têm medo de sofrer algum tipo de violência enquanto se locomovem, o que

indica a necessidade de políticas públicas específicas de segurança.

Segundo o estudo “Urbanismo sensível ao gênero: como oferecer cidades seguras para as mulheres”, elaborado pela Consultoria Legislativa do Senado, as políticas de segurança, de planejamento urbano e de transportes não levam em conta as demandas desse público, e isso precisa mudar. Dados citados nesse estudo apontam que, no Brasil, uma mulher é vítima de assédio nas ruas a cada 1,5 segundo; a cada 6,9 segundos, uma mulher é vítima de perseguição; e, a cada 7,2 segundos, uma mulher sofre violência física.

Riscos em toda parte

Seja no transporte público ou nas ruas mal iluminadas, a violência tolhe o direito de ir e vir das mulheres em seus trajetos cotidianos. Karla Silva, de 21 anos, moradora de Teresina, aprendeu cedo que circular pelas ruas da cidade não seria simples. Desde os 12 anos, fazia sozinha o

trajeto entre a escola e a casa — e, ainda hoje, já universitária, convive com o mesmo medo. “Você não tem paz. O tempo todo está pensando em uma escapatória, para onde vai correr”, desabafa.

A insegurança, segundo ela, não se restringe às ruas. Está presente até nas escolhas de transporte. “Nem no ônibus nem no Uber eu me sinto segura. O ‘Uber carro’ eu não pego sozinha. Fico pensando: e se o motorista travar as portas e eu não conseguir sair? Só pego ‘Uber moto’, e ainda assim penso: se ele desviar o caminho, eu me joga. É melhor me machucar do que sofrer um abuso, porque é um trauma muito grande. Você não se sente segura em nenhum lugar”.

Para Milena (nome fictício), de 27 anos, que vive no Distrito Federal, um trauma marcou sua vida. Em 2017, ela foi vítima de assédio sexual dentro de um ônibus, quando volta para casa, após sair do local onde fazia estágio. “Foi a pior sensação da minha vida. Depois disso, nunca mais pe-



Insegurança nos transportes públicos é um problema apontado por mulheres em todo o país

guei ônibus. Só de pensar, tenho crise de pânico”.

Quando fica sem transporte próprio, ela prefere utilizar um transporte por aplicativo, embora ainda fique apreensiva e sempre compartilhe a sua localização em tempo real. E, quando pega o metrô, só usa o vagão femi-

no. “Não tenho coragem de ir no vagão comum; me dá crise de pânico. Só de pensar em transporte lotado com homens, fico desesperada”.

Esse receio também atravessa a rotina de Bárbara Oliveira, de 22 anos, que mora na cidade de São Paulo. Quando precisa voltar para casa à

noite, ela evita caminhar da estação de metrô até a sua casa e prefere pedir um carro por aplicativo. “À noite os comércios fecham, não tem ninguém na rua e ainda há terrenos baldios. Inclusive, tem um na esquina da minha casa. Tenho medo, sempre pode ter alguém escondido”.

Fatores sociais e de raça elevam os riscos

Os dados reforçam a percepção das mulheres: uma pesquisa do Ibope Inteligência de 2019, realizada na cidade de São Paulo, revelou que 63% das mulheres já sofreram algum tipo de assédio em espaços públicos e que 46% delas se sentem mais ameaçadas no transporte coletivo.

O Instituto Patrícia Galvão, que desenvolve pesquisas e campanhas voltadas à promoção dos direitos das mulheres, tem se dedicado, nos últimos anos, a estudar como o medo da violência afeta a mobilidade feminina nas cidades brasileiras. No ano passado, esse instituto realizou uma pesquisa em parceria com o Instituto Locomotiva, com apoio da Uber; o levantamento mostrou que 17% das brasileiras já sofreram assédio ou importunação sexual na rua ou dentro do transporte público — índice que sobe para 30% em

São Paulo.

De acordo com essa pesquisa, nove em cada 10 mulheres sabem que a importunação é crime, mas apenas três em cada 10 vítimas procuraram a polícia para fazer a denúncia. O levantamento também indicou que 74% das mulheres já enfrentaram alguma forma de violência enquanto se deslocavam pela cidade onde vivem.

“É inaceitável que, diariamente, tantas mulheres ainda sejam vítimas de importunação sexual na rua, no ponto de ônibus, nas estações ou dentro do transporte público. Por isso, é preciso garantir a aplicação das leis e desenvolver políticas e mecanismos eficazes para a prevenção contra a violência e para assegurar o direito das mulheres de ir e vir sem medo”, afirma Marisa Sanematsu, diretora de Conteúdo do Instituto Patrícia Galvão”.

Agravantes

Questões sociais e raciais agravam ainda mais a vulnerabilidade das mulheres nos deslocamentos urbanos. De acordo com a pesquisa dos institutos Patrícia Galvão e Locomotiva, 30% das mulheres negras têm o ônibus como principal meio de transporte, número que sobe para 36% entre mulheres de baixa renda.

O estudo também mostra que 34% das mulheres que são negras e de baixa renda deslocam-se principalmente a pé, o que as expõe ainda mais à insegurança nos trajetos diários. “São mulheres que, em sua maioria, vivem em regiões periféricas, percorrem distâncias maiores e dependem fortemente do transporte público ou de caminhadas. Isso as torna mais vulneráveis a diferentes formas de violência e insegurança ao longo do percurso”,

explica Máira Saruê, diretora de pesquisa do Instituto Locomotiva.

As demandas das mulheres são claras: mais iluminação pública, maior presença policial, treinamento para trabalhadores do transporte coletivo e campanhas educativas.

Para Carolina Baima Cavalcanti, consultora legislativa do Senado que é especialista em Desenvolvimento Urbano, enfrentar essa realidade exige políticas públicas que incluam a perspectiva das mulheres — inclusive na concepção dos projetos urbanos. “O transporte, o planejamento urbano e a segurança precisam ser pensados levando em conta que as mulheres se deslocam de forma diferente dos homens. Elas têm trajetos mais curtos e fragmentados e precisam de mais segurança nos deslocamentos a pé e no transporte coletivo”.

Mudanças precisam ser estruturais e integradas

De acordo com o estudo da Consultoria Legislativa do Senado, os serviços públicos e o planejamento urbano ignoram questões de gênero e refletem desigualdades estruturais do país — o que gera situações de insegurança que afetam mulheres e meninas. Por isso, as autoras da pesquisa afirmam que, além de medidas pontuais, são necessárias mudanças estruturais e integradas.

Carolina Baima Cavalcanti afirma que, para que ocorram tais mudanças, é preciso reconhecer a desigualdade de gênero como um fator central na forma como as cidades são ocupadas e vividas. “Não basta pensar em segurança apenas como iluminação ou câmeras. É preciso construir um ambiente urbano que promova a presença constante das pessoas, criando o que chamamos de ‘olhar da vizinhança’, que é um dos melhores instrumentos de prevenção contra a violência”.

Em seu estudo, as duas consultoras recomendam iniciativas legislativas para reduzir a insegurança urbana: mapeamento detalhado dos ambientes urbanos para identificar os principais locais e fatores que causam insegurança para as mulheres; e instalação de pontos de embarque e desembarque de passageiros especialmente adaptados para proporcionar mais segurança às usuárias.

Tecnologia e inovação

Como resposta aos desafios enfrentados por mulheres no espaço urbano, há iniciativas que buscam tornar o seu deslocamento mais seguro, como a da *startup* per-

nambucana Nina e a do projeto paulista Abrigo Amigo.

A Nina desenvolveu uma plataforma de mapeamento de inseguranças e violências urbanas com recorte de gênero, especialmente voltada ao transporte público. A tecnologia foi implementada em Fortaleza (CE) e é usada por eventuais vítimas ou testemunhas para registrar ocorrências. Desde a implantação dessa plataforma, em setembro de 2022, foram registradas cerca de três mil denúncias.

Já o projeto Abrigo Amigo usa painéis digitais interativos instalados em pontos de ônibus em São Paulo que são considerados “sensíveis” à noite. Por meio de um botão na tela, é possível fazer videochamadas com atendentes treinadas, que acompanham a movimentação ao redor da usuária e podem acionar serviços de emergência, como a polícia ou o atendimento médico. Usuárias relatam aumento na sensação de segurança e redução de abordagens violentas nos locais atendidos.

“

É preciso construir um ambiente urbano que promova o que chamamos de ‘olhar da vizinhança’

Carolina Baima Cavalcanti

Projetos de lei visam ampliar a segurança

A segurança das mulheres é o tema de alguns projetos de lei que tramitam no Senado. Um deles é o PL nº 719/2025, que garante a passageiras desacompanhadas o direito de escolher assentos próximos a outras mulheres em viagens interestaduais ou internacionais, sem custo adicional. A intenção da medida é evitar situações de assédio ou importunação sexual. A autora da proposta é a senadora Daniella Ribeiro (PP-PB).

“A segurança das mulheres nos transportes coletivos é um direito, não é um privilégio. Esse projeto de lei propõe apenas uma medida simples, mas essencial, que vai pro-

porcionar muito mais tranquilidade durante os deslocamentos”, enfatiza a senadora.

Já o PL nº 643/2025 é um projeto de lei que garante às passageiras de transporte por aplicativo o direito de escolher motoristas mulheres, sem cobrança adicional. Além da questão da segurança, a medida poderia incentivar a atuação das mulheres como motoristas no setor.

O senador Rogério Carvalho (PT-SE) é o autor dessa proposta, que altera a Política Nacional de Mobilidade Urbana. “Ao permitir que elas possam selecionar motoristas mulheres, reconhecemos as vulnerabilidades específicas enfrentadas

por passageiras no contexto da mobilidade urbana, oferecendo-lhes uma alternativa concreta para viagens com maior sensação de segurança”, declarou o senador, acrescentando que “as mulheres que são motoristas por aplicativo também devem ter o direito de aceitar ou não um passageiro homem”.

Política institucional

O Senado possui uma estrutura para a promoção da igualdade de gênero e o enfrentamento da violência contra a mulher: a Procuradoria Especial da Mulher. Atualmente, quem está à frente desse órgão é a senadora Zenaide Maia (PSD-RN). Ela salienta

PREFEITURA E CÂMARA MUNICIPAL

Editais abrem 115 vagas na PB e BA

Oportunidades incluem cargos em áreas como saúde, educação, comunicação e jurídico, com salários de até R\$ 10 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Enquanto o clima de São João ainda embala o mês de junho, o calendário de concursos públicos segue aquecido por aqui. A Prefeitura de Nova Palmeira lançou um novo edital com 97 vagas para candidatos com níveis fundamental, médio e superior. As oportunidades abrangem áreas como saúde, educação, serviços gerais e administração, com salários que chegam a R\$ 4,5 mil.

Já na Bahia, a Câmara Municipal de Teixeira de Freitas, município conhecido pela sua qualidade de vida, também abriu dois concursos, com 18 vagas no total e destaque para cargos nas áreas jurídica, de comunicação e gestão de pessoas, onde, a remuneração varia de R\$ 2,2 mil a R\$ 10 mil.

Nova Palmeira

No interior da Paraíba, o concurso da Prefeitura de Nova Palmeira, cidade localizada a 242 km de João Pessoa, está com oportunidades para profissionais de todos os níveis de escolaridade. Quem tem ensino fundamental pode concorrer a funções como agente de limpeza urbana, motorista, operador de máquinas pesadas e auxiliar de serviços gerais. No nível médio, as opções incluem os cargos de técnico em enfermagem, fiscal de vigilância sanitária e profissional de apoio ao estudante com deficiência. Já para quem tem formação superior, há vagas em áreas como Assistência Social, Saúde, Educação e Engenharia. De acordo com o edital, a remuneração ofertada vai de R\$ 1.518 a R\$ 4.563,53 por uma jornada de 20 a 40 horas semanais, dependendo

Seleção
A Prefeitura de Nova Palmeira lançou um novo edital com 97 vagas para candidatos com níveis fundamental, médio e superior

do cargo. Para participar, o candidato tem até 20 de julho para efetuar sua inscrição pelo site da Comissão Permanente de Concursos (CPCCon), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A taxa cobrada varia de R\$ 75 a R\$ 115. Quanto à sele-

ção, todos os candidatos farão uma prova objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, marcada para 31 de agosto, com questões de Matemática, Língua Portuguesa, Conhecimentos Gerais e Específicos. Já para os cargos de motorista e operador de máquinas será aplicada uma prova prática no dia 28 de setembro. Além disso, haverá ainda uma etapa adicional, de análise de títulos, para os cargos de nível superior.

Teixeira de Freitas

Em Teixeira de Freitas, na Bahia, a Câmara da cidade abriu dois concursos que chamam atenção pela diversidade de cargos. Só na área de comunicação, estão abertas vagas para radialista, sonoplasta, repórter, fotógrafo e jornalista, com salários de R\$ 2,2 mil e R\$ 4,6 mil e carga horária de até 40 ho-

ras semanais. Além dessas funções, o edital também oferece vagas para analista e técnicos administrativo, legislativo e de informática. Outro destaque é o edital específico para o setor jurídico, com uma vaga para o cargo de analista jurídico e outra para procurador jurídico legislativo. Neste caso, a remuneração é de R\$ 10 mil.

Sobre a avaliação, o processo seletivo inclui a realização de provas objetiva,

dissertativa e análise de títulos. As inscrições podem ser feitas até 2 de julho, pelo site do Instituto Bahia, mediante pagamento de taxa, cujo valor varia de R\$ 90 a R\$ 120. Quanto ao cronograma, as provas objetivas serão aplicadas no dia 3 de agosto, enquanto o resultado definitivo do concurso deverá ser divulgado no dia 6 de setembro deste ano. Para mais detalhes, acesse os editais.



Pelo QR Code, acesse o edital da Prefeitura de Nova Palmeira



Pelo QR Code, acesse o edital da Câmara de Teixeira de Freitas

Quando o som vira protagonista nas mãos do sonoplasta

Portas rangendo durante uma tempestade, passos apressados sobre um piso de madeira e trovões de mentira. Essa cena digna de um filme de suspense é resultado de um trabalho meticuloso de sonoplastia que, muitas vezes, passa despercebido por quem assiste. Seja no teatro, em um programa de rádio ou no cinema, o sonoplasta é o profissional que manipula sons, cria efeitos e constrói trilhas que dão ritmo e emoção às cenas, ajudando a contar histórias e provocar sensações. Segundo Eraldo Azevedo, músico, formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e sonoplasta, o desafio vai além da técnica e exige sensibilidade e uma boa dose de criatividade para transformar cada detalhe em uma experiência completa.

O processo de criação começa com a análise da obra, para garantir um "ajuste fino" entre os sons e a mensagem que se deseja transmitir. "A sonoplastia trabalha a partir da obra, atribuindo a ela um caráter sonoro. É uma camada que torna mais bem-sucedidos os jingles de propagandas, as trilhas de novelas e filmes. E, para além da música, o sonoplasta também trata de organizar quaisquer sons, de simples ondas sonoras a ruídos ou, até mesmo, o silêncio", explica. Na prática, cada cena, ambiente ou momento precisa de uma atmosfera que dialogue com o público — e cabe ao sonoplasta dar forma a esse universo sonoro.

Formação

Mas, diferentemente de outras profissões, não existe uma formação única ou obrigatória: o caminho costuma ser tão diverso quanto os sons que ela envolve. Não à toa, muita gente acaba chegando à sonoplas-



Para o músico e sonoplasta Eraldo Azevedo o desafio vai além da técnica e exige sensibilidade e uma boa dose de criatividade

tia pela prática. Esse foi o caso de Eraldo, que começou compondo canções e trilhas para peças de teatro e, aos poucos, foi descobrindo a sonoplastia como profissão. "É uma área bastante abrangente, podendo trabalhar desde canções para campanha política ou 'foley', isto é, efeitos sonoros para filmes", explica. Mesmo assim, ele reforça a importância de se ter uma base sólida em composição e arranjo. No caso dele, a graduação em música pela UFPB fez toda a diferença. Cursos livres também são uma alternativa.

Além da base técnica, algumas habilidades comportamentais são indispen-

sáveis para quem deseja atuar na área. Responsabilidade com os prazos e organização da agenda estão entre as principais, como destaca Eraldo. Para ele, o sonoplasta precisa saber gerir o próprio tempo e manter a disciplina ao longo de todo o processo de criação — que nem sempre é fácil. "A procrastinação ou o excesso de demandas pode prejudicar não só sua imagem como profissional, mas também o desenvolvimento daquele projeto no qual você se comprometeu", alerta. E dentro dessa jornada, um ponto importante é a identificação com o trabalho. A falta de envolvimento pode com-

prometer não apenas o resultado, mas toda a experiência sonora.

Mercado de trabalho

Apesar das inúmeras possibilidades que a área oferece, seja no campo artístico ou em veículos de comunicação, o mercado de trabalho segue desafiador para quem deseja viver da sonoplastia. A instabilidade na oferta de projetos ainda é uma realidade, mas, como Eraldo bem lembra, a chegada da inteligência artificial trouxe uma nova camada de incerteza à área. Ele chama atenção para o impacto das ferramentas automatizadas, que permitem criar trilhas e efeitos sono-

ros em poucos segundos e, muitas vezes, de forma gratuita. Assim como em outras profissões criativas, o receio é que o olhar humano acabe sendo subestimado diante da velocidade das IAs. "Há a instabilidade na permanência do ofício devido a poucas demandas de trabalhos, ainda mais em tempos de inteligência artificial", complementa.

Mesmo assim, ele enxerga espaço para quem se mantém criativo e conecta com as tendências do setor. Em João Pessoa, os editais de fomento à cultura têm sido um estímulo importante para a categoria. O incentivo a produções teatrais, cinematográficas

■ O processo de criação começa com a análise da obra, para garantir um "ajuste fino" entre os sons e a mensagem que se deseja transmitir

e audiovisuais tem aberto novas oportunidades para os sonoplastas da região. "Cada vez mais se nota a importância dessas políticas para garantir a permanência dos profissionais artísticos como alternativa ao trabalho habitual em rádio e TV", avalia. A expectativa é que esse movimento continue aquecendo o cenário cultural paraibano e abrindo novos caminhos.

Serviço público

Para quem já trabalha na área ou deseja transformar essa habilidade em carreira pública, o concurso da Câmara Municipal de Teixeira de Freitas, na Bahia, surge como uma alternativa interessante. Há uma vaga disponível para o cargo de sonoplasta, com salário de R\$ 3.323,93 e jornada de 30 horas semanais. Entre os requisitos, o candidato precisa ter Ensino Médio completo e habilitação como radialista profissional com registro na Delegacia Regional do Trabalho (DRT). O conteúdo programático da prova inclui temas como fundamentos de áudio, técnicas de microfonação, operação de equipamentos de gravação, edição de áudio e sonoplastia para mídias como rádio, televisão, teatro e cinema.

Selic

Fixado em 18 de junho de 2025

15%

Salário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

+0,45%

R\$ 5,525

Euro € Comercial

+0,82%

R\$ 6,363

Libra £ Esterlina

+0,50%

R\$ 7,440

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Abril/2025 0,43

Março/2025 0,56

Fevereiro/2025 1,31

Janeiro/2025 0,16

Dezembro/2024 0,52

Ibovespa

-1,14%

137.141 pts



FESTEJOS DE RUA

Projetos promovem reciclagem

Ações que envolvem trabalhadores, cooperativas e programas sociais reduzem impacto ambiental

Samantha Pimentel
samanthaunio@gmail.com

Períodos como o São João e o Carnaval são conhecidos por reunir muita gente em festas e atividades de rua. Essas comemorações, além de muita música, dança e animação, também geram um grande volume de lixo, sobretudo latinhas e garrafas de embalagens de bebidas consumidas durante as festividades. Para amenizar o impacto disso ao meio ambiente e também gerar renda para catadores de reciclagem, durante O Maior São João do Mundo, em Campina Grande, o Recicla São João está em sua oitava edição e promove a destinação correta dos resíduos recicláveis coletados durante a festa. Neste ano, só nos 10 primeiros dias de evento, já foram, aproximadamente, 20 toneladas recolhidas. Em João Pessoa, durante o período pré-carnavalesco, o Recicla Folia também retirou recicláveis das ruas da capital.

O Recicla São João teve início em 2016 e é realizado por trabalhadores vinculados a cinco associações e cooperativas de catadores do município, além de autônomos, previamente cadastrados pela Prefeitura de Campina Grande, mediante a Secretaria de Serviços Urbanos e Meio Ambiente (Sesuma-CG). Neste ano, são 60 pessoas atuando não apenas no Parque do Povo, sede principal da festa, mas também no distrito de Galante e na unidade de triagem dos materiais, onde é feita a separação e prensa-

gem. Cada trabalhador recebe uma remuneração pela prestação dos serviços, com base no salário mínimo, além de transporte, alimentação, fardamento e equipamentos de proteção individual (EPIs). Como esta edição tem 38 dias de duração, o valor é proporcional aos dias trabalhados, e cada catador recebe em torno de R\$ 1.900, além do lucro da venda dos resíduos, dividido igualmente entre todos eles.

A engenheira de materiais e coordenadora do Recicla São João, Rafaela Oliveira, destaca que a ação busca promover a destinação correta de 100% dos resíduos recicláveis da festa. “Nós promovemos a inserção sócio-econômica de catadores e catadoras de recicláveis que atuam no nosso município. Há um cadastro prévio, assim como uma capacitação dos que estão envolvidos no Projeto, no qual são passadas todas as normas, inclusive o conhecimento e a importância do uso adequado dos equipamentos de proteção individual, os EPIs, e esses equipamentos são fornecidos pela Prefeitura”, destaca ela, e afirma que, no período junino, a produção de resíduos na cidade aumenta em média 80%.

No ano passado, somando o salário pago pela prefeitura, mais a renda gerada pela venda dos materiais, cada trabalhador do projeto recebeu mais de R\$ 3 mil de renda extra. “A expectativa é que neste ano a renda seja ainda maior, tendo em vista que o preço dos materiais está bom, e também houve o aumento



Em Campina Grande, já foram recolhidas, aproximadamente, 20 toneladas de material apenas nos 10 primeiros dias de evento

do salário mínimo e crescimento do evento”, afirma Rafaela que comenta que, para 2025, a renda pode ser em torno de R\$ 4 mil para cada pessoa. “Esses resíduos vão para a indústria de transformação, também chamada de indústria de reciclagem, e cada resíduo é absorvido por uma indústria específica. Existe a indústria que faz a reciclagem do metal, outra dos plásticos, e a gente tem uma diversidade de plásticos diferentes, do papelão e etc”, explica. A coordenadora pontua ainda que, somadas as últimas sete edições do projeto, já foram 53 toneladas de materiais recicláveis recolhidos durante a festa. “Conseguimos promover a geração de empre-

go e renda para essas famílias e, além disso, preservando o meio ambiente, e com isso todos nós ganhamos”, destaca.

Uma das catadoras de materiais recicláveis que participa do projeto desde a sua primeira edição, é Socorro Barbosa, também integrante da Associação de Catadores de Material Reciclável Nossa Senhora Aparecida (Arensa). Ela diz que o projeto ajuda a aumentar sua renda nesse período junino. “A gente trabalha limpando o meio ambiente e dá para tirar uma renda boa”, afirma. Em outros meses, trabalhando junto a Associação, sua renda fica em torno de R\$ 1.200 a 1.400 por mês, a depender do volume de coleta, em junho esse valor sobe. “Ano passado, só de material do recicla São João, a gente fez R\$ 2.080, cada pessoa, sem contar o salário que a gente recebe”, destaca. A catadora explica que o quilo das latinhas prensadas, por exemplo, comuns durante as festas de São João, é vendido por R\$ 9.

Recicla Folia

Em João Pessoa, durante o ano passado, no período de pré-carnaval, um projeto semelhante foi realizado, com apoio da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur). O Recicla Folia contou com mais de 50 catadores e uma Central de Reciclagem instalada na Via Folia, para receber os materiais recolhidos, que somaram ao todo 20 toneladas. E, ao longo do mês de junho de 2024, foram coletadas 636 toneladas no município. Para atuar no projeto, as associações de coleta seletiva receberam pagamento de diária, transporte, alimentação e EPIs, e todo o material coletado foi comercializado pelas organizações de catadores. Embora não haja iniciativa semelhante durante as festas de São João da capital, o coordenador da Associação Tribo de Judá, Givanildo

de Lima Cipriano, que integrou o Recicla Folia, destacou que trabalhadores da organização estarão atuando nesses dias na coleta de material.

Em períodos de festas como Carnaval e São João, a coleta e a renda de cada catador praticamente dobra, embora nesses períodos os preços de cada material acabe baixando um pouco por conta da grande oferta. “Em média, por semana, cada um ganha de R\$ 400 a R\$ 600, dependendo do volume da coleta. E com as festas a coleta tende a aumentar e esse valor também sobe”, afirma Cipriano.

Economia circular

Trabalhando com a transformação do plástico, a indústria Poli-X, localizada em João Pessoa, lida com resíduos de outras indústrias e empresas, como supermercados. Lá o material é separado, higienizado — nos casos em que seja necessário —, triturado e reprocessado, servindo como matéria-prima para outros produtos, como sacolas, cadeiras, caixas plásticas e itens para a construção civil, a exemplo de condutas, caixinhas de energia e baldes, além de cantoneiras e nichos para banheiros.

O diretor do local, Natalício Lembeck, explica que esses resíduos são comprados ao valor de R\$ 0,10 a R\$ 5 o quilo, a depender do material e da sua aplicação. “Quando a gente fala de lixo, a gente só pensa no lixo urbano, mas tem muitos resíduos industriais, que não tem destinação. Então temos parceria com várias indústrias e gerenciadores de resíduos, e trabalhamos com plástico em duas categorias, polietileno e polipropileno. Reciclamos cerca de 500 toneladas por mês, que viram matéria-prima para novos produtos que voltam para o mercado, e tudo feito com material reciclado”, destaca.

A indústria trabalha com

base na economia circular, no qual ao invés de seguir o ciclo linear de “extrair, produzir, descartar”, busca manter os materiais em uso por mais tempo, minimizando resíduos e a extração de novos recursos naturais. Os próprios resíduos da Poli-X, gerados a partir do processo de produção, também são reprocessados e novamente viram matéria-prima. “Não tenho nem refugo, ele volta para o processo. E cada plástico é usado em um tipo de produto diferente”, explica Natalício, que diz ainda que o plástico, quando bem armazenado, pode ser reciclado várias vezes, reduzindo impactos no meio ambiente.

Quanto às vendas, a indústria comercializa seus produtos no atacado, fornecendo para distribuidores e outras empresas, e vem buscando ampliar seus negócios também com a personalização dos produtos, vendendo, por exemplo, sacolas plásticas com a impressão da marca dos comércios. Segundo a plataforma Econodata, que permite a busca por setores e empresas, a Poli-X é um dos mais de 120 empreendimentos ligados à reciclagem com Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) registrado na Paraíba.

Recicla

No ano passado, somando o salário pago pela prefeitura e a renda gerada pela venda dos materiais, cada trabalhador recebeu mais de R\$ 3 mil



Natalício Lembeck explica que paga de R\$ 0,10 a R\$ 5 por quilo de resíduo dependendo do tipo

DONAS DO SALÃO

Mulheres comandam restaurantes

Seja desempenhando o papel de *sommelière*, de chef ou de gerente, elas mostram que servir pode ser uma arteGiulia Howard
Agência Estado

Muito se fala da cozinha, mas grande parte da experiência de ir a um restaurante vai muito além das delícias do prato. O chegar da comida à mesa é o ápice de uma longa coreografia, e inclui vários profissionais que não se encontram à vista de todos.

Daniela Bravin conta que o salão é mais complexo do que se imagina, ali tem hierarquias e diversos cargos. Tem *cumins* (ajudantes de garçom), garçons, chefe de fila — que coordena os garçons —, a *metria* — responsável por receber e orientar toda essa equipe —, o gerente e, muitas vezes, o *sommelière*, um profissional que alia o conhecimento de vinhos ao de sala.

No seu dia a dia como *sommelière* do Sede 261, por exemplo, Daniela é responsável por gerir o bar de vinhos, o que exige conversas com fornecedores, degustações, treino de brigada, gerenciamento de estoque e, no final de tudo, o atendimento ao público. Todos esses membros da sala trabalham para que a comida e a bebida cheguem às mesas com maestria.

Já Erika Renzetti, do Fame Osteria e Nino, destaca que seu trabalho engloba muitas frentes, incluindo a de *sommelière*, elaborando a carta de vinhos e orientando a equipe sobre rótulos, harmonizações e como aprimorar a experiência do cliente. Além disso, ela também coordena o salão e chefia — o famoso *briefing* —, momento em que os funcionários se reúnem para entender o que será servido no dia.

Esse universo do salão vai muito além do que o olho vê e o paladar sente. Hospitalidade tem a ver com tornar a experiência ainda melhor e completa. Por isso, convidamos quatro especialistas para falar um pouco sobre o que significa, para elas, serviço e servir.

Segundo Daniela Bravin, *sommelière* do Sede 261, o trabalho no salão é bastante complexo e cheio de detalhes que podem passar despercebidos pelos clientes, mas que estão ali. “Servir é a parte que o público vê, mas não é a única coisa que ocorre. Para tudo acontecer, há muitos detalhes, um dia de trabalho com inúmeras competências que, juntas, fazem com que o vinho esteja na temperatura certa, que as taças corretas estejam lá na hora de servir e que a *sommelière* esteja bem orientada sobre o que está sendo servido”.

Para ela, o vinho é fascinante. “Ele engloba geografia, cultura, comida, é muito vasto, é muito rico. Bem mais que uma garrafa, é um método de produção. Você acaba entendendo sobre solo, história e, claro, gastronomia. Esse casamento do vinho com comida é formidável”.

“No Fame, é como receber pessoas em casa”, é assim que Erika Renzetti de-



Foto: Divulgação/Sabrae-PB

Um restaurante pode ter toda uma hierarquia e diversos cargos: tem *cumins*, garçons, chefe de fila e *metria*, além de *sommelière*

fine sua experiência como *sommelière* e anfitriã do estrelado Fame Osteria.

Na gastronomia há 25 anos, Erika começou no bar do marido, Marco Renzetti, e passou a estudar sobre coquetelaria e gastronomia. Há seis anos, debruçou-se sobre a parte de vinhos do restaurante, porta de entrada para comandar o salão.

Para ela, “o trabalho de salão não é anotar pedidos, mas direcionar e melhorar a experiência dos clientes”,

■ Esse universo do salão vai além do que o olho vê e o paladar sente. Hospitalidade tem a ver com tornar a experiência ainda melhor

deixando a refeição mais completa e especial. “Por isso me envolvi mais nessa parte, porque acho interessante que quem está comendo saiba sobre o *chef*, o restaurante e como apreciar o prato, por exemplo”, completou.

A *sommelière* e proprietária do Cepa, Gabrieli Fleming, defende que o salão é decisivo na experiência do cliente. “Eu fico triste que a gente tenha deixado toda a glamourização da gastrono-

mia para a cozinha e esquecido que o salão faz parte da experiência tanto quanto a cozinha. Se você não é bem atendido, se não tem uma boa experiência de sala, você não vai voltar”.

Da publicidade para o salão, ela sempre foi apaixonada por cerveja, e seu interesse migrou para o vinho. Chegou a trabalhar como *sommelière* em outro restaurante antes de abrir o Cepa em parceria com seu marido, o *chef* Lucas Dante. Esse caminho profis-

sional veio de um fascínio pela hospitalidade. “Na hospitalidade há uma entrega por inteiro. Você se doa como profissional, dá seu carinho e o melhor de você para que as pessoas tenham uma excelente experiência”.

Segundo ela, “é uma das profissões mais gratificantes, porque você vê imediatamente a reação da pessoa, consegue ver a satisfação do cliente por consumir o seu serviço. Eu acho isso muito bonito e sou apaixonada pelo o que faço”.

Yasmin Yonashiro, proprietária do Jojo Ramen e especialista em hospitalidade japonesa, afirma: “serviço e atendimento é algo que eu valorizo muito e realmente me esforcei para desenvolver. É cuidar e, mais do que cuidar, é entender o cliente e trazer uma experiência única e diferenciada, é fazer a pessoa sentir que existe esse serviço e esse cuidado além do prato”.

Ela começou sua vida profissional apostando em uma formação em pedagogia, mas, aos fins de semana, trabalhava em baladas e teve contato com *bartenders*. Um de seus colegas definiu bem o que era o trabalho de um *sommelière*: “ele dizia que uma garrafa de bebida vende uma cultura e eu achei isso muito interessante”.

Depois disso, ela foi trabalhar em um restaurante japonês e se interessou pelo mundo dos saquês, que unia uma bebida que ela gosta muito com a cultura japonesa que ela tanto admira.

ECONOMIA SOLIDÁRIA

Força de trabalho no segmento é 70% feminina

■ O Ministério das Mulheres está construindo diversas parcerias para apoiar projetos em todas as regiões do país

■ Elas estão em áreas de trabalho menos valorizadas ou em atividades que permitam conciliar as funções de cuidado com a família



Foto: Váler Campanato/Agência Brasil

Secretária fala em criar condições para reincluir mulheres na vida política e econômica

De acordo com o secretário nacional de Economia Popular e Solidária, Gilberto Carvalho, 70% dos trabalhadores que constroem a economia solidária no mundo são mulheres. No entanto, para garantir a autonomia econômica das mulheres e ampliar sua participação no mercado de trabalho e nos espaços públicos, é essencial o apoio do Estado e de seus parceiros.

A secretária nacional de Autonomia Econômica e Política de Cuidados do Ministério das Mulheres (MM), Rosane Silva, destacou que as mulheres, com frequência, estão em áreas de trabalho menos valorizadas ou em funções que permitem conciliar as responsabilidades de cuidado com a família — atividades ainda associadas, em grande parte, exclusi-

vamente ao feminino.

Ela enfatizou que, ao dividir essas tarefas, as mulheres poderão dedicar mais tempo para ocupar os espaços que desejam, incluindo setores estratégicos como a economia solidária. “O Ministério das Mulheres está construindo diversas parcerias para apoiar projetos em todas as regiões do país, reforçando a importância de criar con-

dições para que as mulheres possam participar plenamente da vida política e econômica”, adiantou a secretária.

Em seu depoimento, a motorista de aplicativo Ana Paula de Abreu Lourenço, 46 anos, compartilhou como encontrou respeito e qualidade de vida ao ingressar na Liga Coop, uma cooperativa de mobilidade urbana que adota os princípios da economia popular e solidária.

Após perder o emprego em 2023, Ana Paula passou a trabalhar em grandes plataformas de aplicativos, mas se sentia insegura e queria focar no atendimento às mulheres devido ao preconceito e assédio presentes na atividade. No entanto, não conseguiu realizar essa mudança até 2024, quando se tornou uma das cooperadas da Liga Coop.

“A Liga Cop ofereceu uma alternativa sustentável e equilibrada, que coloca o bem-estar coletivo acima dos interesses individuais, fazendo com que eu me encontrasse como mulher e profissional, sendo respeitada e valorizada. Assim como os demais, tenho voz, vez e voto para decidir o que é melhor para o coletivo”, afirmou Ana Paula.



Foto: Matheus de Medeiros/Secities

Para o biênio 2025–2027, a presidência da SBPC será ocupada por Francilene Garcia, coordenadora do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, estrutura vinculada à Secties

NOVA GESTÃO

PB amplia protagonismo na SBPC

Eleição representa um marco para a ciência paraibana, fortalecendo a articulação institucional do estado

A Paraíba ocupou posição de destaque nacional na nova gestão da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), maior entidade científica da América Latina. Representantes de instituições vinculadas ao Governo da Paraíba, integrantes da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), foram eleitos para compor os principais cargos na Diretoria e na Secretaria Regional da entidade, fortalecendo a presença do estado nos espaços estratégicos de definição das políticas públicas de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) no Brasil. O resultado da eleição foi divulgado no dia 17 de junho de 2025, por meio do site oficial da SBPC.

A eleição teve um feito inédito: foi eleita a primeira mulher para assumir a presidência da entidade, além de ser a primeira pessoa do Nordeste, no cargo. Ampliando ainda mais o simbolismo e a representatividade dessa conquista.

Para o biênio 2025–2027, a presidência da SBPC será ocupada por Francilene Garcia, coordenadora do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, estrutura vinculada à Secties, e professora aposentada da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Para a Secretaria Regional da SBPC na Paraíba, foi eleito Cidival Morais de Sousa, professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Ele trabalhará com a colaboração de Rubens Freire Ribeiro, eleito como secretário Regional Adjunto. Freire é docente da UFPB e atual como secretário executivo de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior da Secties.

A eleição representa um marco para a ciência paraibana, fortalecendo a articulação institucional do estado com a comunidade científica nacional e ampliando sua presença nas decisões estratégicas em políticas públicas de CT&I no Brasil.

Para o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Cláudio Furtado, essa representatividade é efeito da dedicação de pessoas que, em suas trajetórias, intercederam a favor da construção de políticas para o desenvolvimento científico, tecnoló-

gico e de inovação no estado da Paraíba e no Brasil.

“O fato de termos representantes da Paraíba eleitos para cargos de liderança na SBPC demonstra o reconhecimento da competência técnica e do compromisso com a ciência por parte dos nossos pesquisadores. Ou seja, é um reflexo da consolidação de um ecossistema científico fortalecido e articulado. Essa conquista coloca a Paraíba em uma posição protagonista para participar ativamente das discussões nacionais sobre ciência, tecnologia e inovação”, afirmou o secretário.

Francilene Garcia ressaltou o significado histórico da sua eleição. “Essa é a primeira vez que uma pessoa fora do eixo Sul-Sudeste assume a presidência da SBPC. Ser uma mulher

nordestina, paraibana, representa um marco histórico que ultrapassa o individual e reconhece a força intelectual construída nos territórios do semiárido e nas universidades públicas do Nordeste. Para a Paraíba, significa ampliar seu protagonismo nas políticas de CT&I, fortalecer suas instituições e inspirar a juventude – especialmente meninas, jovens negros, indígenas e periféricos – a enxergarem na ciência um caminho de transformação social, destacou”.

O secretário executivo da Secties e novo secretário regional adjunto da SBPC, Rubens Freire Ribeiro, destacou que a eleição de Francilene Garcia reflete sua trajetória de articulação e compromisso com a ciência. “Essa conquista é resultado

de um trabalho consistente, que também fortaleceu a composição da Secretaria Regional da SBPC na Paraíba, envolvendo instituições como UEPB, UFPB e UFCG. Rubens também adiantou que já há articulações em curso para que a Paraíba possa sediar, futuramente, uma edição da Reunião Anual da SBPC. “Estamos estimulando as universidades paraibanas a apresentarem proposta. Seria uma oportunidade estratégica para ampliar a presença da SBPC no estado e mobilizar ainda mais a sociedade em torno da ciência e da inovação”.

A posse da nova diretoria será realizada durante a 76ª Reunião Anual da SBPC, que acontecerá entre os dias 7 e 13 de julho de 2025, em Salvador (BA). O processo eleitoral contou com ampla participação de sócios da entidade em todo o país, reafirmando o papel da SBPC como espaço democrático e representativo para a defesa da ciência e da educação de qualidade no Brasil.

Avanço da CT&I no Brasil

Fundada em 1948, a SBPC é uma das mais importantes instituições científicas do Brasil e da América Latina. Sua atuação envolve a promoção da ciência, o estímulo à educação de qualidade e a defesa da pesquisa como instrumento essencial para o desenvolvimento sustentá-

vel e soberano do país.

Representa 161 sociedades científicas afiliadas e milhares de sócios ativos, entre pesquisadores, docentes, estudantes e cidadãos brasileiros interessados em ciência e tecnologia.

Tem assento permanente no Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CCT), órgão consultivo do Governo Federal para definição das políticas e ações prioritárias no campo da CT&I. Possui representantes oficiais em mais de 20 conselhos e comissões governamentais.

Promove e realiza diversos eventos, de caráter nacional e regional, com o objetivo de debater políticas públicas de CT&I e difundir os avanços da ciência, especialmente a divulgação científica e popularização da ciência.

“

Essa conquista coloca a Paraíba em uma posição protagonista para participar ativamente das discussões nacionais



Foto: Matheus de Medeiros/Secities

Francilene Garcia, a eleita, coordena o Parque Tecnológico Horizontes de Inovações, da Secties

COMBATE À DESERTIFICAÇÃO

Governo já investiu R\$ 3 milhões

Pesquisas apoiadas pelo Estado têm foco nas mudanças climáticas locais e ajudam a planejar políticas públicas

Compreender as consequências das mudanças climáticas e ambientais e da perda da biodiversidade, no solo e no meio ambiente, vem sendo o tema de importantes trabalhos colaborativos realizados por equipes da Paraíba e por instituições nacionais e internacionais. Nesse contexto, pesquisadores estudam alternativas para combater a desertificação no estado. E, nos últimos anos, o Governo da Paraíba investiu mais de R\$ 3 milhões em pesquisas na área, por meio de editais da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) e da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq).

O objetivo é propor novas ações que auxiliarão no entendimento dos processos de degradação do solo e que permitirão um melhor planejamento de polí-

ticas públicas, para mitigar problemas ambientais em áreas mais suscetíveis, com o uso de sistemas inovadores e funcionais e de novas tecnologias.

Um dos projetos financiados estudou, de 2023 a 2025, as “Mudanças ambientais, erosão dos solos e desertificação no Semiárido da Paraíba”, e está inserido no conjunto de propostas e pesquisas do Grupo de Estudos Geomorfológicos e Hidroecológicos de Ambientes Tropicais (Geghat) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A pesquisa buscou compreender as mudanças ambientais em áreas do Planalto da Borborema na Paraíba, sob clima semiárido, em duas dimensões.

A primeira dimensão é a das transformações ambientais no tempo geológico, especificamente as mudanças climáticas nos

tempos atuais e suas repercussões na cobertura vegetal, nos solos e nos processos erosivos. A segunda dimensão é das mudanças ambientais no tempo histórico e refere-se ao processo de ocupação da área e às sucessivas intervenções no meio, gerando alterações degenerativas da qualidade ambiental, devido à supressão da vegetação e à perda da biodiversidade.

O projeto conta com uma equipe de especialistas da UEPB, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A investigação baseou-se na produção de dados a partir de imagens de satélites, imagens de drones, levantamentos de solos e de vegetação; processamento e geração de mapas; trabalhos de campo para

fins de reconhecimento, levantamentos e validações; análises laboratoriais de solos; análises teóricas e avaliações quantitativas e estatísticas.

De acordo com a pesquisa, nos últimos 40 anos, ocorreram perdas de área de Caatinga nos municípios de Frei Martinho (47%), São Vicente (38%), Nova Palmeira (37%), Picuí (35%), Cubati (35%), Pedra Lavrada (32%), Juazeirinho (27%), Tenório (13%), entre outros. O mesmo cenário é observado para o Cariri paraibano. O município de Cabaceiras perdeu 6.470 hectares de área de Caatinga nos últimos 40 anos, o que corresponde a 22% da cobertura existente em 1985. Em contrapartida, a área da agropecuária aumentou 7.976 hectares, representando uma expansão de 52% em relação ao ano de 1985.

Para o pesquisador Rafael Albuquerque Xavier, coordenador do projeto, conhecer a dinâmica hidro-erosiva, sua variação espaço-temporal, sua relação com os solos e os diferentes tipos de uso e cobertura, lançando mão de mensurações do fenômeno, é fundamental não só para o avanço dos estudos hidrogeomorfológicos em ambientes semiáridos, como também pode servir para subsidiar políticas públicas que visem o ordenamento e a gestão dos espaços rurais.

Foto: Rafael Albuquerque Xavier/Colaboração

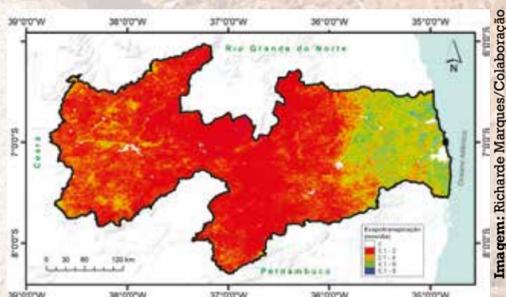
Ferramenta mapeia perda de água pelo solo

Em um cenário de escassez hídrica e de desafios para o aumento da produção agrícola, influenciados pelas mudanças climáticas, o gerenciamento da água é um fator importante para o desenvolvimento e para a economia regional. Nesse sentido, entender o comportamento da evapotranspiração é crucial para o controle da água no solo. Esse fenômeno ocorre quando a água é transferida da superfície terrestre para a atmosfera em forma de vapor, combinando a evaporação da água do solo e a transpiração das plantas, em um dos processos mais importantes do ciclo hidrológico e um dos mais complexos e difíceis de estimar.

Uma das pesquisas apoiadas pelo Governo do Estado desenvolveu uma ferramenta computacional para estimar a evapotranspiração e para otimizar a irrigação e o gerenciamento de recursos hí-

dricos, em áreas agrícolas e de vegetação de Caatinga, na região semiárida da Paraíba. A ideia é entender o quanto de água do solo e das plantas é perdido para a atmosfera. Com a estimativa precisa da evapotranspiração, agricultores podem irrigar apenas o necessário, evitando o desperdício; aumenta-se a disponibilidade desse recurso nos períodos mais secos; e os reservatórios podem ser gerenciados com mais exatidão, prevenindo crises hídricas.

O projeto durou três anos e foi liderado pelo professor Richarde Marques da Silva, do Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Também participaram pesquisadores e estudantes de instituições de ensino e pesquisa dos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Mato Grosso do Sul.



Litoral e Brejo (em verde) registraram maiores índices

Os resultados mostram que os municípios localizados nas mesorregiões do Litoral e do Brejo Paraibano apresentam as maiores evapotranspirações, especialmente em áreas de Mata. “A ferramenta desenvolvida conseguiu estimar a evapotranspiração em diferentes regiões da Paraíba e mostrou-se muito importante para ser usada no gerenciamento da água na produção agrícola”, ressaltou Richarde. O dispositivo foi capaz de processar grandes volu-

mes de dados para estimar a evapotranspiração com alto grau de precisão, considerando variáveis, como temperatura da superfície, índice de vegetação, a medida da refletividade de uma superfície — ou seja, a proporção da luz solar que é refletida de volta para a atmosfera e para o espaço — e a velocidade do vento. Além da aplicação técnica, a plataforma busca viabilizar uma estimativa automatizada, facilitando a tomada de decisão para irrigação na agricultura.

Degradação da terra traz prejuízos globais

Secretário-geral da ONU, António Guterres, ressaltou a importância de preservar o planeta para reduzir a pobreza

Onu News

Um apelo para que a humanidade acelere a ação pela conservação da Terra marcou a última terça-feira (17), considerada o Dia Mundial da Desertificação e da Seca. Neste ano, o lema das Nações Unidas é “Restaurar a Terra. Desbloquear as Oportunidades”.

Para a secretária-geral da ONU, António Guterres, a degradação está em ritmo alarmante. O custo à economia global é de quase US\$ 880 bilhões todos os anos, um valor muito maior do que os investimentos necessários para enfrentar o problema. Guterres destacou que as secas estão forçando as pessoas a deixarem suas casas e agravando a insegurança alimentar. O

número de novos deslocados pelo fenômeno está no “nível mais alto em anos”.

A proposta para reparar os danos causados à Terra lista benefícios, incluindo um ótimo retorno sobre o investimento, a redução da pobreza, a criação de empregos e a proteção do abastecimento de água. Ao mesmo tempo, projeta-se a melhora da produção de alimentos, do acesso aos direitos à terra e da renda, com ênfase nos pequenos agricultores e mulheres.

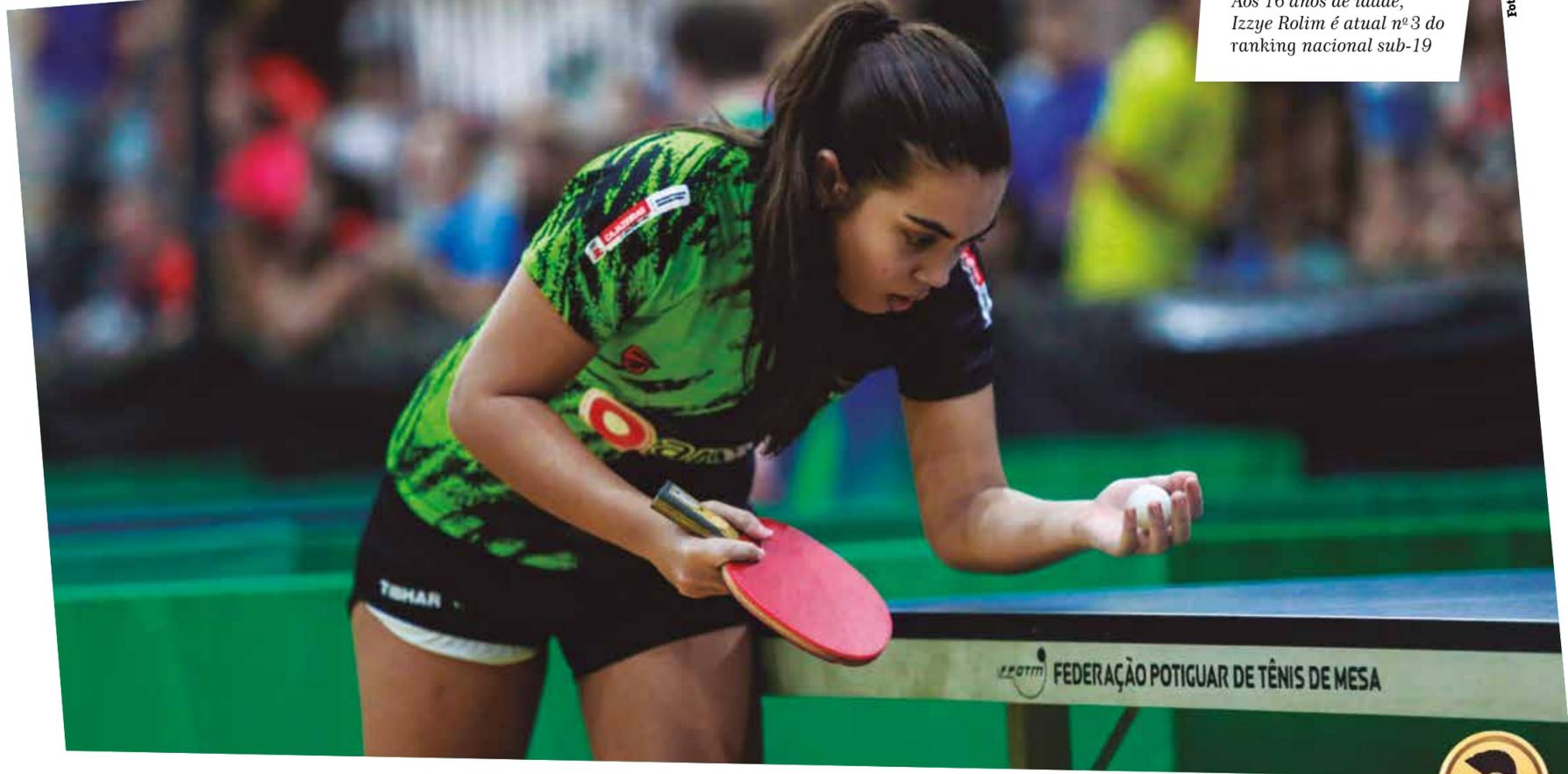
O chefe das Nações Unidas também pediu a governos, empresas e comunidades que acelerem a ação diante de compromissos globais sobre o uso sustentável da terra. A meta é reverter a degradação e aumentar o financiamento para

a restauração, inclusive recorrendo ao desbloqueio do investimento privado. Guterres incentivou que essas ações sejam adotadas para “curar a terra, aproveitar oportunidades e melhorar vidas”.

Estima-se que, dos atuais oito bilhões de habitantes do planeta, mais de um bilhão de jovens com menos de 25 anos vivam em países em desenvolvimento; particularmente, em regiões diretamente dependentes da terra e dos recursos naturais para seu sustento. Uma das sugestões para apoiar esse grupo é que sejam criadas perspectivas de emprego para as populações rurais, melhorando o acesso a oportunidades de empreendedorismo e ampliando as melhores práticas.

Pesquisadores foram a campo para compreender os efeitos da desertificação sobre o solo e a vegetação

JOVEM TALENTO



Aos 16 anos de idade, Izzye Rolim é atual nº 3 do ranking nacional sub-19

Foto: Arquivo pessoal

A nova força do tênis de mesa da PB

Cajazeirense tem se destacado em competições nacionais e é esperança de futuro promissor na modalidade

Camilla Barbosa
 acamillabarbosa@gmail.com

A mesa-tenista paraibana Izzye Rolim vem alcançando patamares cada vez mais altos nas quadras Brasil afora. Atleta do Sport Sertão, de Cajazeiras, a jovem é a atual campeã paraibana nas categorias Sub-19, Sub-21, Adulto e Absoluto B, além de ser a terceira colocada no ranking nacional sub-19, tudo isso com apenas 16 anos de idade.

Multiesportista desde a infância, a garota ainda chegou a praticar outras modalidades antes de chegar àquela que se tornaria sua paixão de vida. Izzye, que se inspira no brasileiro Hugo Calderano e no chinês Xu Xin, encontrou-se com o tênis de mesa ainda durante o período da pandemia de Covid-19, em 2022, por meio da edição dos Jogos Escolares daquele ano. Desde 2023, é acompanhada pelo professor Marcelo Silva, que destaca a crescente evolução dela a cada participação em campeonatos.

“Eu notei o esforço muito grande dela para jogar a modalidade. Tem muita dificuldade; como você pode perceber, não é algo comum. Mas ela permaneceu no treino por muito tempo, por mais de seis meses, mesmo sem condições nenhuma, e eu percebi um esforço muito grande dela, muito interesse em continuar. A gente vem evoluindo bastante, temos feito investimentos, procurando apoiadores, patrocinadores, e os resultados têm sido todos positivos”, destaca ele.

“Acredito que, em etapas nacionais que ela já foi, não sei quantas já foram, acho que já perdemos as contas, deve ter passado de 15, sempre ela disputa três ou quatro categorias. Então, se você colocar as 10 etapas — que foi muito mais —, ela jogou 30 categorias, e, em todas elas, subiu no pódio, todas. Nunca teve um campeonato, nunca teve uma competição em que ela não tenha subido no pódio

em todas as categorias. E, dessas, acho que 70% foi campeã. Então, é um número muito expressivo e continua sempre aumentando, a gente nota a evolução”, acrescenta o treinador.

Além dos treinos diários, que duram, em média, duas horas, a rotina da jovem promessa inclui ainda acompanhamento com uma equipe multidisciplinar (formada por personal trainer, nutricionista, fisioterapeuta e psicólogo) e foco nos estudos. Apesar da carga intensa, Izzye afirma já estar adaptada ao ritmo.

“Antes, no começo, era mais difícil, porque tinha essa questão de adaptação. Nunca tinha acontecido isso na minha vida e depois teve essa transformação toda. Mas até que eu estou levando de uma boa maneira. Estou conseguindo me sair bem na escola, tirar notas boas, fazer os trabalhos físicos, os trabalhos mentais e os trabalhos na mesa. Está dando tudo certo”, garante.

Competições

No último fim de semana,

a paraibana disputou mais uma etapa da Copa Brasil, desta vez em Natal, no Rio Grande do Norte, e garantiu mais três medalhas.

“Para mim, foi uma competição muito boa. Eu percebi que eu consegui impor meu jogo, fazer bons jogos, evoluir bastante esse ano. Foram duas medalhas de ouro no Sub-19, que é a minha categoria, e consegui também na Sub-21, que é a categoria acima da minha. No Absoluto A, que é a categoria principal do Brasil, ainda consegui a terceira colocação, acabei perdendo na semifinal, uma semifinal muito disputada, de 3 a 2, mas eu percebi que eu consegui fazer ótimos jogos lá e foi um ótimo resultado”, compartilhou.

A sertaneja voltará a competir em Blumenau, Santa Catarina, na próxima sexta-feira (27), em mais uma etapa da Copa Brasil. Em seguida, a cajazeirense jogará a etapa de João Pessoa, da mesma competição, programada para acontecer de 11 a 13 de julho.

“No ano passado, fomos

para mais competições. Foi o nosso primeiro ano no circuito, então, a gente meio que se atropelou um pouco na programação, no planejamento. Nesse ano, fizemos um planejamento melhor. Estamos mais conscientes dos gastos, do que pode, do que não pode, de onde quer chegar. Hoje, ela já é a atual nº 3 do Brasil, no Sub-19, entre milhares de atletas, e a nossa intenção mesmo é chegar bem para o Campeonato Brasileiro, que é a última competição do ano”, explicou o técnico da atleta.

Programa de capacitação

Recentemente, a esportista foi convidada a participar de um período de treinamentos intensivos, de 25 de junho a 3 de agosto, no clube Elase, em Florianópolis, Santa Catarina. Para custear gastos com hospedagem, alimentação e locomoção, ela levantou uma campanha de doações, e os interessados podem contribuir via Pix por meio da chave disponibilizada: (83) 99376-5899.

O treinador Marcelo Sil-

va explica como se deu o convite.

“No Brasil, existem muitas regiões em que o tênis de mesa é muito mais desenvolvido do que na Paraíba, pelas questões da tradição e dos investimentos no esporte. São Paulo, hoje, é o grande centro do tênis de mesa do país, exatamente em São Caetano do Sul, que é a cidade que tem o maior investimento do país, onde a maioria dos atletas da Seleção treinam, e o segundo polo é Santa Catarina. A maioria das cidades de Santa Catarina investe bastante, principalmente as prefeituras, e a de Florianópolis tem um investimento muito grande, onde surgiu um clube chamado Elase. Esse é um clube que está ganhando muitos títulos brasileiros e tem muitos bons atletas que estão sempre ali, batendo na porta da Seleção Brasileira, competindo com São Paulo”, comentou.

“Uma maneira que eles encontram para bater de frente com o grande investimento de São Caetano do Sul é trazer atletas de outros estados,

já que não tem tantos atletas, principalmente na categoria feminina, na cidade de Florianópolis. Então, eles investem para que esses atletas treinem junto lá no Elase, que é um clube muito forte, e, no futuro, essas pessoas se desenvolvam até chegar a uma possível Seleção Brasileira”, complementou.

O período de experiência de 40 dias poderá ser ampliado caso a paraibana se adapte e atenda às expectativas dos responsáveis pelo clube. “Ela vai ter uma possibilidade, também, de passar um período bem maior lá, que pode chegar até um ano ou até mais, até que alcance os objetivos dela dentro da modalidade. É a primeira vez que um atleta de tênis de mesa da Paraíba recebe esse tipo de convite, até porque essa evolução do tênis de mesa catarinense vem acontecendo nos últimos anos”, elucidou Marcelo.

Apoio

Izzye tem metas bem delimitadas para a carreira, que está só começando, e uma delas é disputar uma Olimpíada representando o Brasil. Para chegar aos objetivos, além de muita força de vontade, ela também conta com bastante incentivo.

“Além do pessoal do clube, que me apoia bastante, eu tenho o apoio do meu técnico, o Marcelo, que sempre me motiva e sempre faz com que eu evolua cada dia mais, melhorando como pessoa e como atleta. Também tenho o apoio total dos meus pais: eles, sempre que podem, me acompanham nas competições. Meus familiares... sempre que eu termino um campeonato, tem um vídeo deles gritando depois de ter assistido aos meus jogos. Meus amigos também sempre me mandam mensagens, e eu fico muito feliz com esse apoio, me incentiva a ser uma pessoa melhor, me incentiva a ser uma atleta melhor e continuar firme”, afirma a jovem.



O técnico Marcelo Silva, um dos grandes apoiadores da mesa-tenista, afirma que o desempenho dela vem crescendo muito

Foto: Reprodução/Instagram

JOGOS DA JUVENTUDE

Primeiros embaixadores escolhidos

Disputas da competição, que reunirão milhares de estudantes-atletas, acontecem em setembro, em Brasília

Os Jogos da Juventude Caixa 2025 anunciaram a primeira dupla de embaixadores para a edição deste ano, que será realizada na capital federal, em setembro. Bruninho, três vezes medalhista olímpico com a seleção masculina de vôlei, e Rosângela Santos, bronze no revezamento 4x100 m em Pequim 2008, são os primeiros atletas anunciados pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB) para a função, que foi pensada para inspirar os jovens atletas de 15 a 17 anos de todos os cantos do país que participarão da competição. A ideia é que novos nomes se juntem a eles nos próximos meses.

“A presença de ídolos como Bruninho e Rosângela é, sem dúvida, um diferencial enorme. Eles representam não apenas a excelência esportiva, mas também trajetórias de vida inspiradoras, o que é fundamental para motivar os jovens atletas. Ter referências tão positivas demonstra o compromisso do COB em oferecer uma experiência completa e enriquecedora, que vai além das competições”, declarou Daniel Santiago, gerente dos Jogos da Juventude.

Experiência é o que não falta para Bruninho, ex-capitão da seleção masculina de vôlei. Com cinco Jogos Olímpicos na bagagem, o levantador conquistou três medalhas olímpicas, sendo uma de ouro (Rio 2016) e duas pratas (Pequim 2008 e Londres 2012), e recebeu o convite para exercer o papel de embaixador da modalidade com alegria.

“Fiquei muito feliz com o convite do Comitê Olímpico e vai ser muito bacana poder estar com essa molecada lá em Brasília. São mais de dois milhões de estudantes envolvidos nas prévias e cerca de cinco mil representarão os seus estados. Tenho certeza que vai ser demais!”, afirma. O vôlei nos Jogos da Juventude já contou com a presença de nomes como Rosamaria, Ana Cristina, Camila Brait, Júlia Bergmann, Roberta e Darlan, dentre outros.

Rosângela é uma das principais velocistas brasileiras. Co-



Foto: Reprodução/Instagram



Foto: Reprodução/Instagram

Bruninho, do vôlei de quadra, e Rosângela Silva, do atletismo, participarão da programação do evento organizado pelo Comitê Olímpico do Brasil

meçou no atletismo aos nove anos, e aos 17 integrou o revezamento brasileiro 4x100 m que conquistou o bronze nos Jogos Olímpicos Pequim 2008. A atleta é recordista sul-americana dos 100 m rasos e foi a primeira brasileira a correr a distância em menos de 11 segundos, com a marca de 10s91.

A velocista lembrou de quando participou dos Jogos da Juventude e ressaltou a importância para a sua trajetória. “Às vezes, nós, atletas, não paramos para pensar como a gente come-

çou e hoje vejo a importância da competição na minha carreira. Minha experiência nos Jogos da Juventude me levou para os Jogos Pan-Americanos. E, no ano seguinte, estava nos Jogos Olímpicos Pequim 2008, onde eu viria a me tornar medalhista”, lembrou Rosângela.

“Os Jogos da Juventude marcam a primeira competição com formato igual aos Jogos Olímpicos e Jogos Pan-Americanos. A minha participação foi muito especial e me ajudou muito a evoluir. Então, foi com

muita nostalgia e felicidade que eu recebi o convite de ser embaixadora nesta edição”, afirmou.

Diversos ídolos do esporte brasileiro também já participaram dos Jogos da Juventude Caixa no início de suas carreiras, como as campeãs olímpicas Beatriz Souza e Sarah Menezes, ambas do judô, e Duda Lisboa, do vôlei de praia; os medalhistas olímpicos Alison dos Santos “Piu”, Caio Bonfim e Rosângela Santos, do atletismo; Mayra Aguiar, Wil-

liam Lima e Larissa Pimenta, do judô; Fernando Scheffer, da natação; Ana Cristina Souza, Roberta Ratzke, Rosamaria Montibeller e Carolana, do vôlei; além de Rodrygo, jogador da seleção brasileira masculina de futebol e do Real Madrid.

Os embaixadores são uma grande fonte de inspiração para os jovens atletas. Eles assistem competições, entregam medalhas, participam da Cerimônia de Abertura, de bate-papos e ações educativas e trocam experiências com os participantes,

seja nos locais de competição ou no Centro de Convivência.

Os Jogos da Juventude Caixa 2025 serão realizados de 10 a 25 de setembro, em Brasília. A expectativa é que cerca de quatro mil jovens estejam envolvidos nas disputas de 20 modalidades: águas abertas, atletismo, badminton, basquete, ciclismo, esgrima, futsal, ginástica artística, ginástica rítmica, handebol, judô, natação, remo virtual, taekwondo, tênis de mesa, tiro com arco, triatlo, vôlei de praia, vôlei e luta olímpica.



Foto: Roberto Quedes

A edição dos Jogos da Juventude deste ano terá disputas em 20 modalidades esportivas, sendo o atletismo uma das principais; ao todo, quatro mil jovens competirão na capital federal

FAIR PLAY FINANCEIRO

CBF recebe adesão de 28 clubes

Grupo vai se reunir após o Mundial de Clubes e entregará, em 90 dias, a proposta final para o futebol brasileiro

Com participação expressiva de 28 clubes e oito federações, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) iniciará a construção coletiva do primeiro modelo nacional de Fair Play Financeiro, no futebol brasileiro.

O Grupo de Trabalho (GT), que terá sua primeira reunião oficial logo após o Mundial de Clubes da Fifa, entregará, em 90 dias (após esse encontro), a proposta final do Regulamento do Sistema de Sustentabilidade Financeira (SSF), sob coordenação do vice-presidente da CBF, Ricardo Gluck Paul.

A adesão ao Grupo de Trabalho para elaboração do Regulamento do Sistema de Sustentabilidade Financeira (SSF), nome oficial do projeto, mostra que não só o assunto é prioridade, mas que sua construção terá a marca coletiva que a atual gestão projeta para o futebol brasileiro.

Amparada em dois pilares fundamentais — transparência e respeito ao diálogo —, a iniciativa pretende mudar a cultura de gestão do futebol brasileiro a partir



Para Samir Xaud, é fundamental criar um ambiente equilibrado e responsável financeiramente

da organização financeira. “Nossa gestão será marcada por enfrentar com seriedade os problemas estruturais do nosso futebol. E, para isso, é fundamental criar um ambiente mais equilibrado e

responsável financeiramente. Esse engajamento mostra que estamos no caminho certo: construindo juntos um futebol mais sólido e sustentável”, declarou o presidente da CBF, Samir Xaud.

Confirmaram a participação no GT 16 clubes da Série A (Atlético-MG, Bahia, Botafogo, Bragantino, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Fortaleza, Grêmio, Internacional, Juventude, Palmei-

“

Nos próximos dias, vamos concluir a composição do grupo com base nas manifestações recebidas

Ricardo Gluck Paul

ras, Santos, São Paulo, Sport e Vasco da Gama); 12 da Série B (América-MG, Atlético, Avaí, Botafogo-SP, Chapecoense, CRB, Ferroviária, Goiás, Grêmio Novorizontino, Paysandu, Remo e Volta Redonda); e oito federações estaduais (Alagoas, Amapá, Goiás, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Santa Catarina e Sergipe).

Após o término das inscrições, o GT terá sua composição finalizada nos pró-

ximos dias. Para isso, a CBF fará reuniões internas com consultores técnicos independentes, “com notório saber nas áreas de finanças, contabilidade, governança, Direito Desportivo ou administração esportiva, que atuarão de forma consultiva e voluntária”, conforme o texto da Portaria que instituiu o GT.

A composição do GT obedecerá a critérios que assegurem diversidade regional, representação de diferentes modelos de gestão e equilíbrio entre os diversos segmentos do futebol nacional.

“Nos próximos dias, vamos concluir a composição do grupo com base nas manifestações recebidas, sempre buscando pluralidade e equilíbrio regional. A participação de todos será essencial para que possamos construir, com legitimidade e excelência técnica, um regulamento que fortaleça o nosso esporte. O futebol brasileiro precisa, urgentemente, de responsabilidade financeira. Não temos mais tempo a perder”, pontuou o presidente do GT, Ricardo Gluck Paul.

FEMININA

Seleção Brasileira encara a França em amistoso, no próximo dia 27

Na última sexta-feira (20), a Seleção Brasileira Feminina seguiu rumo à Grenoble, na França, onde disputará um amistoso com as donas da casa. A bola rola no próximo dia 27, no Estádio dos Alpes. Na sequência, a Amarelhinha inicia a preparação para a Copa América, que começa no dia 12 de julho, no Equador.

A Seleção Feminina de Futebol realizou um curto período de treinos na Granja Comary, em Teresópolis, no Rio de Janeiro. O objetivo desses treinos foi auxiliar as atletas relacionadas para a Copa América e que atuam nos clubes que já terminaram a temporada e estão de férias. Para integrar a equipe, 11 jogadoras da base foram chamadas.

A lateral Yasmim é uma das atletas mais experientes da Seleção Feminina, presença constante nas convocações do técnico Arthur Elias. Durante este período de preparação, a jogadora comentou sobre os benefícios da integração com as

meninas da base.

“É importante para a gente essa integração com as meninas, foram poucos dias, mas conseguimos aprender e trocar muita experiência também, então foi muito legal tê-las aqui com a gente. Ganham os dois lados”, disse.

Esse foi um momento importante para os jovens talentos do Brasil. As atletas puderam encontrar suas inspirações e compartilhar um pouco do dia a dia e da rotina de treinos. Para elas, foi uma realização compartilhar os mesmos espaços que grandes inspirações.

“Para mim, foi um momento muito especial. É sempre uma honra representar o meu país, principalmente com meninas tão experientes e tão habilidosas. Gera um desafio muito maior do que naturalmente, porque elas são as selecionadas. São atletas muito parceiras que estão sempre tentando ajudar a gente, então acaba gerando uma interação muito legal. Foi muito

enriquecedor”, afirmou a goleira Ana Morganti.

“Uma experiência muito boa, incrível. Eu fiquei muito feliz por poder participar dos treinos, isso foi muito importante para mim. Eu me espelho muito na Kerolin. No começo, eu não acreditei que era ela mesmo, porque só a via na televisão. Fiquei muito feliz por estar perto dessas atletas”, contou a atacante Evelin Bonifácio.

Por fim, o preparador físico da Seleção Principal, Marcelo Rossetti, analisou o objetivo do curto período de treinos e ressaltou os bons resultados da integração entre a base e o profissional.

“Os treinos foram maravilhosos. A ideia era, justamente, começar a trabalhar com as meninas que estão de férias pelos seus clubes, mas que estão relacionadas para a Copa América. Como o número total de atletas era pequeno, a gente decidiu convocar essas meninas mais novas para uma integração e foi sensacional”, concluiu.



A Seleção Brasileira Masculina Sub-17 fará dois amistosos contra a equipe do México

FUTEBOL MASCULINO

Equipe Sub-17 inicia preparação para a Copa do Mundo, no Catar

A Seleção Brasileira Sub-17 iniciou nesta semana, na Granja Comary, em Teresópolis (RJ), a preparação para os dois amistosos com o México. Na tarde da última segunda-feira (16), a Amarelhinha realizou o primeiro treino e, na manhã da terça-feira (17), foi a campo pela segunda vez.

A primeira partida será na próxima terça-feira (24), às 16h. Já a segunda terá início às 10h, do dia 27. As duas acontecerão na Granja Comary e fazem parte do planejamento para a Copa do Mundo, entre os dias 5 e 27 de novembro, no Catar.

O objetivo da comissão técnica comandada pelo

treinador Dudu Patetuci para este período é reforçar o modelo de jogo diante de uma seleção qualificada, dar oportunidade a novos jogadores e consolidar a mentalidade vencedora necessária para a disputa do Mundial.

Na fase de grupos do Mundial, a Seleção enfrenta Honduras, Indonésia e Zâmbia, pelo Grupo H. Já o México é o cabeça de chave do Grupo F e encara na primeira etapa da Copa Coreia do Sul, Costa do Marfim e Suíça

Esta é a primeira convocação do Brasil após o título invicto do Sul-Americano da categoria. Na Colômbia,

em abril, a equipe conquistou a competição pela 14ª vez. O elenco chamado pelo técnico conta com 17 jogadores campeões sul-americanos.

■ Na fase de grupos do Mundial, a Seleção enfrenta Honduras, Indonésia e Zâmbia, pelo Grupo H



A Seleção Feminina de Futebol realizou um curto período de treinos, na Granja Comary

URGÊNCIA POR VITÓRIAS

Risco de rebaixamento preocupa

Botafogo pode entrar em campo no dia 30 de junho, quando enfrenta o Itabaiana, ocupando Z4 da Série C

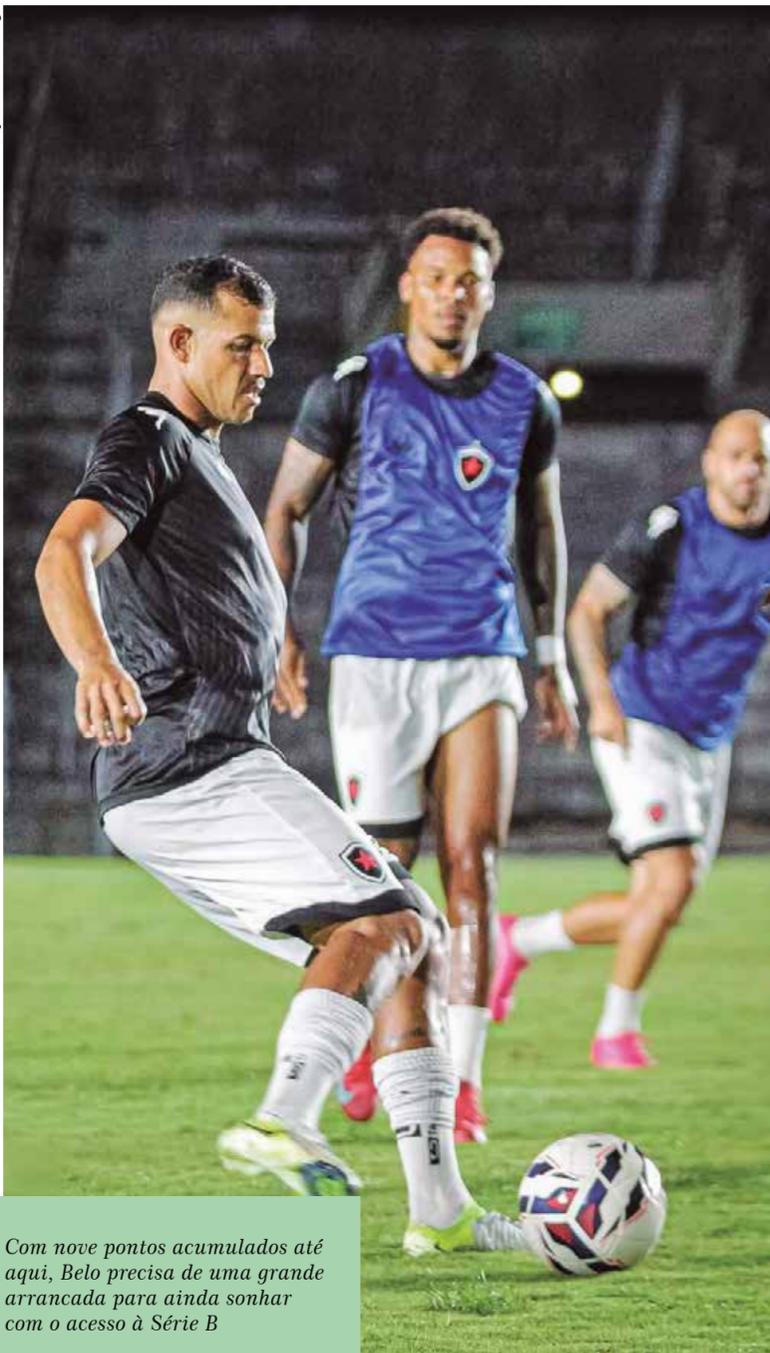
Danrley Pascoal
danrleyp.e@gmail.com

O Botafogo não joga neste fim de semana, mas a diretoria e a comissão técnica buscam encontrar soluções para tirar a equipe da atual situação na tabela de classificação da Série C do Campeonato Brasileiro. Quando entrar em campo, no dia 30 de junho, contra o Itabaiana, fora de casa, o Belo pode estar na zona de rebaixamento e precisando da vitória para deixar o Z4.

Em entrevistas recentes, Márcio Fernandes, o treinador, e Fausto Momento, executivo de futebol, divergiram quanto à situação do clube e quanto aos objetivos na Terceira Divisão. O técnico disse que o foco é garantir a permanência na competição para 2026. Já o dirigente acredita que uma sequência de bons resultados recolocaria a agremiação na briga por um lugar no quadrangular de acesso.

Neste momento, o Botafogo está mais perto do Z4 (um ponto) que do G8 (quatro pontos). Além disso, o futebol apresentado não convence o torcedor de que as coisas possam melhorar nas próximas 10 rodadas. Segundo o *site* chancedegol.com.br, as probabilidades do Alvinegro ser rebaixado são maiores que as de alcançar um lugar na próxima fase da Série C. São 33% de chances de cair e apenas 9,2% de avançar para o quadrangular.

Foto: João Neto/Botafogo



Com nove pontos acumulados até aqui, Belo precisa de uma grande arrancada para ainda sonhar com o acesso à Série B

O time da Maravilha do Contorno precisaria de uma grande arrancada para ainda sonhar com o acesso para a Série B. A equipe pode se inspirar na campanha do Remo, em 2024. O clube paraense tinha apenas 10 pontos após a nona rodada, estando também a quatro pontos do G8. Nas 10 últimas rodadas, o Leão somou 16 pontos e classificou-se em oitavo, no quadrangular conquistando uma vaga para a Segunda Divisão.

Para repetir esse roteiro, o Belo precisa, urgentemente, melhorar seu desempenho. Com nove pontos conquistados até aqui, acumulando quatro derrotas, duas vitórias e três empates, as atuações não empolgam. Além disso, o desempenho em casa precisa melhorar. Na campanha da Série C 2025, das quatro derrotas, duas foram no Almeida (Floresta e Caxias-RS). O Alvinegro ainda empatou com o ABC de Natal e venceu o Confiança e o Retrô, quando atuou em João Pessoa. Em termos de comparação, em 2024, na competição nacional, mesmo sem conquistar o acesso, o Botafogo não perdeu nas vezes que jogou na capital da Paraíba.

Antes de pensar na classificação para o quadrangular de acesso, é preciso reagir e se afastar do Z4. No duelo contra o Itabaiana, a vitória é essencial já que a equipe pessoense está a um ponto do Retrô (17^o). Além disso, os sergipanos (18^o) têm sete pontos e, se vencerem o Belo (15^o), po-

dem sair da zona de rebaixamento, já que ultrapassariam o rival paraibano. Cabe lembrar que o Botafogo ainda não ganhou jogos fora de casa nesta edição da Terceira Divisão, tendo dois empates e duas derrotas.

Para se salvar

Na edição de 2024, o 16^o colocado somou 19 pontos. Caso esse cenário se repeta, o Belo precisa somar mais 10 pontos. De acordo com o *site* chancedegol.com.br, com 21 pontos ao final da competição, as equipes ainda têm 70% de chances de permanecer na Série C. Desde que o torneio passou a ter o atual formato, em 2022, quem fez pelo menos 21 pontos permaneceu.

Série B

Hoje, três partidas movimentam a 13^a terceira rodada do Campeonato Brasileiro Série B: no Couto Pereira, em Curitiba, às 16h, jogam Coritiba e Cuiabá; no Antônio Accioly, em Goiânia, às 16h, enfrentam-se Atlético-GO e Volta Redonda; e, no Carlos Zamith, em Manaus, às 18h, tem Amazonas e Vila Nova.

■
Pela atual edição da Série C, o Botafogo ainda não ganhou fora de casa

NOTÍCIA COM FONTE,
FATO COM PROVA,
INFORMAÇÃO COM
CREDIBILIDADE.



A UNIÃO

Ano CXXXII Número 033 | R\$ 3,00

auniao.pb.gov.br | [Instagram](https://www.instagram.com/jornalauniao) | [Facebook](https://www.facebook.com/jornalauniao) | [Twitter](https://twitter.com/jornalauniao)

João Pessoa, Paraíba - QUARTA-FEIRA, 12 de março de 2025
Fundado em 2 de fevereiro de 1993 no governo de Álvaro Machado

CONEXÃO EUROPA

Potencial econômico da Paraíba é apresentado para 150 países

João Azevêdo fez palestra durante abertura do Fórum de Turismo que está sendo realizado em Lisboa. **Pé**
Presidente Câmara a

ASSINE:

Imagem: Reprodução/Cepe

HISTÓRIA

De Recife a Manhattan

Como a saga de 23 judeus saídos da capital pernambucana ajudou a fundar a relação entre os Estados Unidos e Israel

Pintura de Baltazar Dornelas da Câmara retrata a rendição das tropas holandesas, no Recife, em 1654, marcando o fim do período de domínio holandês em Pernambuco

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Em meio ao massacre do povo palestino perpetrado pelo exército israelense na Faixa de Gaza, o apoio dos Estados Unidos ao governo de Benjamin Netanyahu segue sendo peça-chave nos rumos do conflito. O estado de Israel agora pressiona, abertamente, Washington para que entre em confronto direto com o Irã, ao mesmo tempo em que use o seu poderio bélico para proteger a sua população dos ataques aéreos do governo dos aiolás.

Essa aliança estratégica permanece sólida, independente de serem democratas ou republicanos que estejam no comando da Casa Branca. Essa relação encontra as suas raízes em uma história de imigração judaica muito anterior ao próprio Estado de Israel. Esse vínculo histórico remonta, surpreendentemente, ao Brasil colonial. Em 1654, com o fim do domínio holandês em Pernambuco, 23 judeus sefarditas — descendentes das comunidades judaicas da Península Ibérica — foram obrigados a fugir do Recife, onde haviam prosperado sob um regime de maior tolerância religiosa.

A bordo do navio Valk, enfrentaram tempestades e ataques piratas antes de aportar em Nova Amsterdã, colônia holandesa que daria origem a Nova York. Ali fundaram a Congregação Shearith Israel, a primeira comunidade judaica da América do Norte. “Esse era um fato pouco considerado pela historiografia tradicional”, explica a historiadora Daniela Levy, autora do livro *Do Recife para Manhattan — Os judeus na formação de Nova York*, publicado pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe). “Mas, hoje, se reconhece que esses primeiros judeus desempenharam um papel importante na formação da sociedade norte-americana”.

Raízes no Brasil-holandês

Esse grupo carregava uma história de sobrevivência marcada por séculos de perseguição. Eram descendentes de judeus portugueses que, no final do século 15, haviam sido forçados à conversão ao catolicismo ou ao exílio após as ordens de expulsão em Portugal e na Espanha. Muitos encontraram refúgio na Holanda protestante, onde retomaram sua fé ancestral. Quando os holandeses conquistaram Pernambuco,

viram ali uma nova oportunidade: prosperaram no Brasil-holandês como comerciantes, artesãos, médicos e, sobretudo, como especialistas no cultivo e processamento de açúcar — uma expertise que havia sido desenvolvida desde os engenhos da Ilha da Madeira.

Em Recife, ajudaram a fundar a primeira sinagoga das Américas, a Kahal Zur Israel, estabelecendo uma comunidade que floresceu por mais de duas décadas. Com a reconquista portuguesa de Pernambuco, em 1654, os judeus do Recife enfrentaram novamente o espectro da perseguição religiosa e da Inquisição. Estima-se que cerca de 600 judeus tenham deixado a região. Muitos partiram rumo a Amsterdã ou às colônias holandesas no Caribe. Um pequeno grupo — seis homens casados, dois solteiros, duas viúvas e treze crianças — embarcou no Valk com destino à América do Norte.

Durante essa jornada, enfrentaram uma tempestade no Caribe, foram saqueados por piratas e presos por forças espanholas, conseguindo, finalmente, chegar à Nova Amsterdã apenas após uma nova negociação e a troca de embarcação. Assim, exilados que haviam ajudado a moldar o Recife holandês chegavam a uma colônia ainda em formação — e ali também deixariam sua marca, tecendo os primeiros fios do que se tornaria uma duradoura ligação entre os judeus e a futura Nova York.

A influência desse pequeno grupo foi potencializada por uma série de atributos pessoais que encontraram terreno fértil para que prosperassem na América do Norte. “Eles trouxeram primeiro o conhecimento, técnicas de plantio que desenvolviam no Brasil e no Caribe, e as conexões do comércio transatlântico, que foi extremamente importante para o desenvolvimento daquela colônia”, afirma Daniela Levy.

Vindos de um Pernambuco que havia se tornado um dos maiores polos açucareiros do mundo, os judeus levavam um *know-how* que seria vital para a economia local. “Eles eram especialistas nas técnicas de fabricação e no comércio internacional do açúcar. Eles sabiam as técnicas do engenho”, explica a autora. Além disso, traziam uma experiência acumulada em redes comerciais globais, fator essencial para o florescimento da então incipiente Nova Amsterdã.

A Congregação Shearith Israel rapidamente se tornou um ponto de referência para os novos imigrantes judeus. “A comunidade era muito pequena”, lembra a historiadora. “Mas, aos poucos, esse grupo foi engrossando. Depois chegaram alguns judeus que saíram daqui e que foram para Amsterdã, também foram depois para a Inglaterra. E aí, da Inglaterra, eles foram para a América do Norte também”, acrescenta Levy, que é também diretora do Centro de Pesquisa sobre Inquisição Anita Nowinski, professora de História e curadora de exposições sobre a inquisição, cristãos-novos e história colonial da América.

Força de uma diáspora

Durante os séculos seguintes, novas ondas de imigração judaica — especialmente nos séculos 19 e 20, diante do aumento do antissemitismo na Europa — fortaleceram ainda mais a presença judaica nos Estados Unidos. Com o tempo, a comunidade judaica norte-americana passou a desempenhar um papel central não só na vida cultu-

ral e econômica do país, como também em sua política externa.

“A presença desses judeus na cultura norte-americana, essa influência depois com o cinema de Hollywood, que tem uma presença judaica muito forte... em todas as áreas da sociedade, na área jurídica, também, você tem uma presença judaica grande”, diz Daniela Levy. “Em todas essas áreas, nas universidades, você tem essa presença judaica muito forte na sociedade norte-americana.” Além disso, a memória coletiva das perseguições históricas moldou o engajamento político da comunidade em relação a Israel.

“A sociedade norte-americana foi formada por grupos, não só de judeus, mas grupos que estavam fugindo de perseguições”, afirma a historiadora. Esse *ethos* traduziu-se em ações concretas: ainda antes da criação do Estado de Israel, organizações judaicas norte-americanas atuaram fortemente no apoio ao sionismo. “Esse grupo, ele trabalhou politicamente para que Israel fosse reconhecido ou se tornasse uma

opção de um lar nacional para os judeus”, relata Daniela Levy.

Tal mobilização resultou em instituições de auxílio, financiamento de assentamentos agrícolas e iniciativas voltadas à imigração judaica para a então Palestina, durante o mandato britânico. Como explica a autora, “existe uma ligação entre todas as comunidades judaicas do mundo de ajuda, de cooperação. Então, isso é algo que até hoje acontece”.

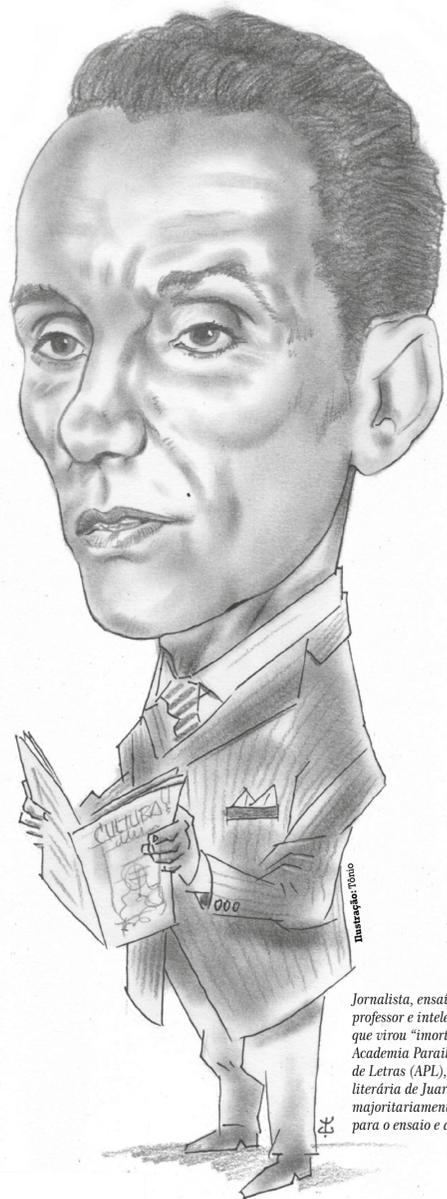
Em um contexto global, no qual Israel busca apoio explícito dos EUA para um confronto direto com o Irã, a profundidade dessa aliança ganha novos contornos. Mais que um mero alinhamento estratégico, trata-se de um laço histórico que combina interesses econômicos, identitários e de memória coletiva — um legado que começou a ser tecido por aqueles 23 judeus que saíram da capital pernambucana, em 1654. O que começou com uma fuga dramática do Recife colonial, e seguiu-se como uma saga dos judeus do Valk, transformou-se em um dos vínculos mais sólidos da política internacional contemporânea com consequências até hoje.

Foto: Daniela Levy/Arquivo pessoal



Em Nova York, o Centro Recreativo Asser Levy (foto maior), batizado com o nome de um dos primeiros colonos judeus de Nova Amsterdã, na Ilha de Manhattan, fato contado na obra da historiadora Daniela Levy (ao lado)

Imagem: Reprodução/Cepe



Jornalista, ensaísta, professor e intelectual que virou “imortal” da Academia Paraibana de Letras (APL), a obra literária de Juarez foi majoritariamente voltada para o ensaio e a crônica

Juarez da Gama Batista

Paraibano nasceu, viveu e sonhou para as letras

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Há homens para quem o tempo não se mede dia por dia. Para esses, o registro do valor de sua história fica mais bem acabado na força de sua expressão literária. Juarez da Gama Batista está de tal forma marcado pelas palavras que, quem visita, hoje, a principal biblioteca pública da Paraíba, precisa, antes de entrar, passar sob as letras de seu nome. Essa é a história de um homem que fez da Literatura não apenas um instrumento discursivo de suas convicções, mas um caminho inescapável para sua própria transcendência.

Jornalista, ensaísta, professor e intelectual paraibano, a trajetória de Juarez da Gama Batista atravessa parte do século 20 como um testemunho de compromisso com a cultura e com a liberdade de pensamento. Nascido em João Pessoa, em 4 de fevereiro de 1927, ele viria a causar impacto definitivo entre os maiores escritores de sua geração.

Desde jovem, revelou vocação literária precoce, publicando o volume *31 Histórias do Arco da Velha* — um conjunto de crônicas originalmente escritas para *O Norte* (PB) e para *Folha da Manhã* (PE). Ao mesmo tempo, lançava o ensaio sociológico *Caminhos, Sombras e Ladeiras*, de forte influência gilbertiana, como lembra Ângela de Castro Bezerra, em perfil publicado no livro *Paraíba na Literatura II* (Editora A União).

Sua obra literária foi, majoritariamente, voltada para o ensaio e a crônica. Seguindo esses gêneros, lançou livros relevantes, como *Caminhos, Sombras e Ladeiras*, *A Sinfonia Pastoral do Nordeste*, *O Barroco e o Maravilhoso no Romance de Jorge Amado*, *Quem Tem Medo De Gilberto Freyre?*, além de outros títulos fundamentais.

Integrante da Academia Paraibana de Letras (APL), onde ingressou em 1968, ocupava a cadeira cujo patrono é José Lins do Rego. Recebeu diversos prêmios ao longo da carreira, incluindo o José Veríssimo, concedido pela Academia Brasileira de Letras (1973), uma das mais altas honrarias nacionais destinadas a um ensaísta.

No dia de sua morte, o escritor baiano Jorge Amado falou com tristeza sobre a perda do amigo: “Juarez era um homem inteligente, um ensaísta e crítico da maior importância, que deixa uma obra muito significativa neste Brasil tão carente. A lucidez dos ensaios de Juarez Batista soube ver e pensar sobre a obra de José Américo de Almeida e de José Lins do Rego”, declarou à época.

Um cidadão do mundo

Além de um compromisso com a análise literária, Juarez da Gama Batista manteve uma atuação cívica intensa, desde a juventude até os últimos anos. Em 1951, aos 24 anos, assumiu a direção do *Jornal A União*, onde permaneceria até 1956.

Sua chegada à redação durante o governo de José Américo foi marcante, como ele mesmo registrou em uma coluna intitulada *A velha casa, com o seu sortilégio*: “Cheguei n’A União na crista de uma onda, na fogueira de uma campanha cívica, cujas labaredas tinham queimado alto, e não se tinham apagado ainda. Haviam ressuscitado antigos sentimentos que já se julgavam esquecidos. Era talvez a última grande campanha cívica da Paraíba, nos moldes mais candentes e apaixonados da liberal democracia — coisa que, hoje, não parece muito em voga. Entrei no casarão em cujas salas desapareciam os passos de gerações ilustres — e aquele 31 de janeiro de 1951 marcou o

meu destino. Nunca mais, em toda a vida, por mais que o esquecesse, nunca mais me vivia livre desse dia”.

Outra fonte de lembrança, recorrente dele nos tempos em que dirigiu o jornal, era a presença corpulenta e espiritual do autor de *Menino de Engenho*. “E o querido José Lins do Rego, entrando de Redação adentro, grande de corpo e de coração, pisando fundo, pesado e firme, o cabelo preto encaracolado, o ar de quem não soubesse aonde estava chegando. Uma presença cheia de ressonâncias, que enchia o sobradão”.

Na gestão administrativa do jornal, que durou cinco anos, Juarez destacou-se pela modernização das oficinas do periódico, pela introdução de novas máquinas e processos gráficos, e pela qualificação profissional de seu pessoal. Sob sua orientação, *A União* passou a contar com a mais apurada tipografia e com um parque gráfico aprimorado e eficiente.

Forte impressão ele deixou em Gonzaga Rodrigues, que chegou ao jornal para assumir a vaga de revisor. Ele descreve que Juarez, ao olhar para o jovem de 18 anos, parecia vir de um “longo mergulho”, como se seu olhar voltasse de outras esferas: “Por mais próximo que eu estivesse do birô, percebi que ele vinha de longe, de regiões bem diversas da que eu acabava de chegar. A princípio, ele olhou-me e não me viu, até que os olhos regressaram de sua longa viagem. Franziu a testa, recompôs-se e, finalmente, me mandou que eu me apresentasse à chefia de revisão”.

Esse foi o momento inicial que perdurou por 30 anos de amizade. Apesar de terem se tornado próximos e companheiros de Redação, Gonzaga reconhece que nunca conseguiu “vencer a distância espiritual” daquele primeiro olhar, sempre vindo em Juarez uma figura de intelectualismo superior, quase inacessível. Como escreveu, era sempre um infante diante de um adulto, um aldeão e o outro, um cidadão do mundo.

Gonzaga conta que Juarez não se limitava ao cargo de diretor, mas era uma alma literária — alguém que só sabia viver literariamente, mesmo quando parecia tratar de coisas prosaicas. Juarez Batista era um homem magro, olhos fundos, com ar de quem transcendia a matéria. “Transmitia fortaleza, combatividade, um homem muito além dos condicionamentos da vida e da morte”, comparou Gonzaga.

José Américo, o padrinho

A relação ambígua entre o tipo físico de Juarez da Gama Batista e a energia que detinha foi também alvo da criatividade de José Américo de Almeida, que certa vez o saudou com as seguintes palavras: “Nasceu para as letras, vive para as letras, sonha com as letras. Tanto se espiritualizou, tanto se intelectualizou, que guarda uma aparência de quem levanta voo”.

Com Américo, Juarez Batista tinha uma relação de profunda admiração, proximidade e influência intelectual. Entre seus ensaios, destacam-se textos dedicados à obra e à figura do autor

de *A Bagaceira*, como *José Américo: Retratos e Perfis*, no qual é citado com respeito e carinho.

Foi o “homem de Areia” quem o levou para *A União*: “Eu ia nos pontos de José Américo, pela sua mão e com olhos pregados nele”, escreveu Batista certa vez. José Américo foi, de certo modo, o grande padrinho de Juarez no jornal e em sua carreira pública. O político dizia: “Eu o achei e foi um achado. Fiz de um menino, quase menino, um chefe de serviço e ele deu conta do recado”.

Cinco anos após deixar o jornal, em 1961, Juarez foi convidado a fundar a cadeira de Literatura Brasileira, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Autodidata, sem formação acadêmica específica na área, conquistou a todos com seu brilho intelectual e sua erudição. Nos 20 anos seguintes, até sua morte, em 1981, foi mestre de gerações, marcado por um estilo de ensino que fugia do convencional.

O gênero do ensaio era um território de liberdade para Juarez da Gama Batista: “Não sou um crítico, no sentido convencional da palavra. Sou um ensaísta”, dizia. Nesse gênero, ele encontrou um espaço para seu pensamento ousado e profundo. Era reconhecido por uma abordagem que valorizava o pensamento original, a liberdade pessoal do aluno e a capacidade de descobrir e reinterpretar textos de forma própria, sendo considerado um dos mais importantes ensaístas e pensadores de literatura no meio acadêmico da Paraíba.

Produziu uma obra acadêmica vasta e variada, com mais de 40 títulos, ensaios premiados e livros que ainda são referência. Formou gerações de alunos e foi admirado por colegas e críticos, como Sérgio de Castro Pinto: “Foi um mestre e profissional da imprensa admirável. Como ensaísta, era um caso genuíno e incomum de perspicácia analítica, clareza e erudição, reverenciado por todos que envergavam a literatura como uma vocação inflexível da alma”, afirmou o professor de Literatura Brasileira da UFPB, no dia da morte de Juarez.

Hoje, mais de quatro décadas após o seu óbito, sua voz permanece viva na cultura paraibana — nas páginas que deixou, na memória de seus alunos, no sortilégio das velhas casas de imprensa onde formou uma geração de intelectuais. Além da biblioteca no Espaço Cultural José Lins do Rego, na capital paraibana, Juarez Batista dá nome ao auditório da Fundação Casa de José Américo (FCA), também em João Pessoa.

Juarez da Gama Batista morreu no dia 12 de fevereiro de 1981, aos 54 anos, vítima de uma hepatite. Deixou a viúva, Lytta Vasconcelos Batista, e sete filhos. Em uma crônica publicada no dia seguinte à morte de Juarez, Gonzaga Rodrigues recordou que, dias antes da morte, Juarez havia comentado com um toque irônico: “Gente do nosso gênero não morre”. Já sobre a morte, Juarez Batista afirmou: “Só a morte, tão odiada, confere ao indivíduo uma espécie de universalidade terrível, de integridade pessoal absoluta”.

Ângela Lúcio

Jornalistas são 51,1% dos empregados nas agências de comunicação do Brasil

A edição 2025 do *Anuário da Comunicação Corporativa*, divulgada no mês passado, mostra uma realidade já conhecida de muitos da área: os jornalistas predominam nas assessorias de imprensa e agências de comunicação do Brasil. Conforme a publicação, dos quase 20.330 empregados no segmento em dezembro de 2024, cerca de 10.400 (51,1%) eram jornalistas e, aproximadamente, 2.660 relações públicas (11,9%).

Os dados são da Pesquisa Mega Brasil com Agências de Comunicação e integram o anuário, lançado no dia 15 de maio. A edição 2025 traz uma ampla radiografia do setor, incluindo reportagens, artigos, pesquisas e o tradicional “Ranking das Agências de Comunicação”.

No anuário, fica claro que a atividade de assessoria de imprensa ainda é o carro-chefe das agências de comunicação no país, sendo o serviço mais procurado pelos clientes, conforme 87% dos gestores entrevistados. Já o serviço de gestão de redes sociais é o segundo mais procurado, com 53,1%.

A alta demanda pelos serviços de assessoria de imprensa também indica que a procura pela mídia espontânea ainda é grande. Para quem não lembra o conceito, mídia espontânea é a exposição gratuita de uma marca sem pagamento direto, ou seja, não houve investimento financeiro para que determinada informação fosse divulgada pelos veículos.

Especialistas ouvidos pelo anuário afirmam que a assessoria de imprensa, durante



“Anuário da Comunicação Corporativa” traz ampla radiografia do setor

muito tempo, foi a principal ferramenta de visibilidade das marcas, mas o avanço da tecnologia modificou o mercado. O envio massivo de releases, por exemplo, já não é tão eficaz; por isso, o trabalho do assessor de imprensa

precisa ir muito além da mera distribuição de matérias, comunicados e notas. Mesmo assim, 72,9% das agências pesquisadas utilizam releases para divulgar informações de clientes enquanto 19,8% não

adotam tal prática. Já 7,3% das agências não fazem assessoria de imprensa. Além disso, 55,4% das agências só enviam releases para a imprensa, e 44,6% para a imprensa e influenciadores. Apenas 5,0% utilizam WhatsApp para envio de releases.

O anuário também traz o que está substituindo o release nas operações das agências: contato direto com jornalistas (39,5%); sugestão de pauta, de fontes (28,9%); divulgação de conteúdos em mídias proprietárias (15,8%); comunicação por redes sociais, mídias digitais (13,2%); campanhas com influenciadores (10,5%); eventos/encontros de relacionamentos (7,9%); e outros, 5,3%.

Ainda sobre os empregados nas agências de comunicação, a Pesquisa Mega Brasil também quis saber onde as empresas buscam seus talentos. E o que apareceu no topo, disparado, não é novidade: 83,9% das agências contratam profissionais por indicação. Em seguida, aparecem as redes sociais, com 53,1%. Especificamente sobre esse canal de busca por profissionais, estão LinkedIn (100%), Instagram (15,7%), Facebook (4,9%) e outros (1%). Importante, o questionário possibilitava dar respostas múltiplas sobre os canais de busca de talentos. Na lista, entre outros, ainda aparecem bancos de talentos (25%), universidades (20,3%) e anúncios (18,2%).

O *Anuário da Comunicação Corporativa 2025* tem 358 páginas, e a versão digital está disponível, gratuitamente, na internet. Além dos dados da Pesquisa Mega Brasil, traz também várias reportagens. Vale muito a leitura!

Tocando em Frente

O romantismo popular e o popularesco na MPB — III

O período que antecedeu o movimento denominado de Jovem Guarda (destaque entre 1965 e 1968) também nos proporcionou alguns artistas que permanecem em nossa memória afetiva e audiófila.

Embora, em seu livro *Vida Breve, Breve Vida*, a poetisa paraense Marcele Kohls tenha nos alertado sobre a fugacidade da vida, para alguns o existir torna-se mais breve quando ocorre de forma inesperada, em um desastre, por exemplo. Isso tem acontecido na MPB, como nos casos de Francisco Alves, Gonzaguinha, Jessé, entre tantos outros.

Aliás, com o nosso retratado, o cantor e compositor Evaldo Braga (Campos de Goitacazes-RJ, 1945–Três Rios-RJ, 1947/1948 [?]), sua morte aconteceu da mesma forma que havia ocorrido com os três citados: desastre automobilístico.

Negro — como ele mesmo se assumia, em época em que o preconceito dominava a sociedade —, menino de rua, abandonado sem conhecer a sua mãe, suposta prostituta. Evaldo foi fruto de relacionamento extracônjugal, como o fora Gonzaguinha. Logo na primeira infância, ele, segundo registros não inteiramente comprovados, foi abandonado pelo pai e pela mãe, que o teria colocado em uma lata de lixo, de onde foi recolhido por uma senhora desconhecida, fato controverso, embora tenha sido desmentido por um seu irmão biológico, Antônio Carlos Braga. (Neste último caso, com as devidas retificações, qualquer semelhança com o que houve com Milton Nascimento, entregue a uma família que o educou, também não teria sido “mera coincidência”).

A vida sofrida de Evaldo Braga levou-o a perambular e mendigar pelas ruas cariocas, “comendo o pão que o diabo amassou”, até ser “recolhido” ao antigo Serviço de Amparo ao Menor (SAM), hoje FIA, ou Febema, em outros estados.



Capa do disco “O Ídolo Negro”, de Evaldo Braga, lançado no ano de 1971, pela Polydor

No início da maioridade, foi liberado e saiu “pronto para viver em sociedade”, e adotou a profissão de engraxate, com cadeira estabelecida à porta da Rádio Mayrink Veiga, onde, provavelmente em 1969, conheceu o compositor e produtor Osmar Navarro, que o ouviu e o levou a gravar o primeiro disco. Foi ali também que travou contato com os artistas da casa, fazendo-se amigo de Agnaldo Timóteo, cuja voz admirava e cujos sucessos cantorolava. Ao lado dessa influência, mais adiante, passaria a adotar uma postura de

palco com os trejeitos do então emergente Orlando Dias, dele herdando o rótulo de brega ou cafona, aspecto reforçado pela interpretação de músicas de maneira histórica, mas de um pop vibrante, apelando, quase sempre, para letras de conteúdo trágico, com pitadas de tristeza, solidão, rejeição de natureza amorosa... Suas interpretações, de criações próprias ou em parceria, ele as cantava com uma voz bem clara e determinada, aberta, sem dissimulação e, às vezes, impostada, mas sempre priorizando versos

com toque de simplicidade, para os quais buscava parceiros adequados ao seu gosto de cantar. O seu primeiro sucesso foi “Eu não sou lixo” (parceria com Pantera), de 1972, mesmo ano da gravação de Waldick Soriano para “Eu não sou cachorro não”. É provável que as duas criações devam ter acontecido por simples coincidência.

De 38 composições próprias (ou em parceria), Evaldo Braga criou, pelo menos 15 hits, bem recebidos por divulgadores e audiófilos, o maior dos quais foi “Sorria, sorria” (parceria com Carmen Lúcia), de 1972: “Sorria, meu bem, sorria / da infelicidade que você procurou / Sorria, meu bem, sorria / você hoje chora / por alguém que nunca lhe amou...”.

Outros sucessos (solo ou em parceria) são “A cruz que carregou”, “Mentiras”, “Meu Deus”, “Não vou chorar”, “Esconda o seu pranto num sorriso”, “Eu desta vez vou te esquecer”, “Tudo fizeram pra me derrotar”...

De sua obra musical, constam dois álbuns originais, *O Ídolo Negro* (1971) e *O Ídolo Negro Volume 2* (1972), além de seis coletâneas, todos os discos lançados pela poderosa gravadora Polydor.

Ainda em tempo: as referências biográficas com relação à data do seu nascimento, ainda são hoje contestadas devido à falta de um Registro Civil, embora o ano de 1945 seja o mais provável.

O seu trágico desaparecimento aconteceu, no auge de sua carreira, conforme referenciado antes, em acidente, quando dirigia o seu Volkswagen — modelo TL, que se chocou de frente com uma carreta Scania Vabis, na antiga BR-3, atual BR-040, no bairro Alberto Torres, na cidade de Três Rios, hoje Areá, divisa dos estados do Rio de Janeiro com Minas Gerais. A amargura de sua origem e infância levou-o ao consumo do álcool, provavelmente o que motivou a morte prematura.

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

TECNOLOGIA

G7 lança plano para ampliar o uso de IA

Série de medidas apresentadas mira a inclusão de países em desenvolvimento

Pedro Lima
Agência Estado

O G7 anunciou, na última terça-feira (17), uma série de medidas para ampliar o uso de inteligência artificial (IA) entre governos e empresas, com foco em segurança, inclusão e eficiência energética.

Em comunicado conjunto, os líderes do grupo afirmaram que a IA pode “impulsionar a prosperidade, beneficiar as sociedades e enfrentar desafios globais urgentes”, mas reconheceram os riscos relacionados à tecnologia, como impactos no mercado de trabalho e pressão sobre sistemas de energia.

Entre as iniciativas, o G7 destaca um esforço para integrar IA à administração pública. Sob a liderança do Canadá, que preside o grupo este ano, será criado o G7 GovAI Grand Challenge, com eventos batizados de “laboratórios de soluções rápidas” para enfrentar barreiras à adoção de IA por governos. O grupo também pretende formar uma rede chamada G7 AI Network (Gain), voltada ao desenvolvimento de projetos colaborativos e à criação de um catálogo de ferramentas de código aberto.

No setor privado, o G7 anunciou a criação de um guia prático para que pequenas e médias empresas incorporem IA a seus modelos de negócios. O grupo diz que a iniciativa busca garantir “respeito à privacidade e aos direitos de propriedade intelectual”, ao mesmo tempo em que re-



Presença de líderes mundiais no encontro do G7, que aconteceu na semana passada, no Canadá

força a competitividade e produtividade das empresas. Também está previsto um plano para promover a educação em Ciência, Tecnologia e Matemática (Stem), com ênfase na inclusão de mulheres e grupos marginalizados.

Os líderes reconhecem que o crescimento da IA aumenta a demanda por energia e pode agravar riscos à segurança energética. Em resposta, o G7 promete incentivar a adoção de soluções tecnológicas que otimizem o consumo energético de *data centers* e modelos de IA, além de apoiar pesquisas que a usem para melhorar a eficiência dos sistemas energéticos.

O comunicado também aborda a exclusão di-

gital de países emergentes e em desenvolvimento, que, segundo o G7, enfrentam “riscos de disrupção e exclusão da revolução tecnológica atual”. Como resposta, o grupo promete ampliar parcerias para le-

var infraestrutura, capacitação e acesso à IA a esses países por meio de ações multilaterais.

O G7 é composto por Alemanha, Canadá, França, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos.

Charada

Resposta da semana anterior: Cidade da Colômbia (2) = Cáli + pecado (2) = gula. **Solução:** Calígula. (Obs.: agradecimentos ao dr. Sebastião Costa)

Charada de hoje: Na terra de Abraão (1), o povo (2) só anda apressado (3). (Obs.: agradecimentos ao dr. José Mário Espínola)

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chirossi



Eita!!!!

Lições para perder o medo da matemática

Números podem parecer complexos para adultos e crianças. Dominá-los costuma ser desafiador em qualquer idade, mas é essencial para a realização de diversas tarefas. Foi com o objetivo de aproximar os pequenos leitores da matemática que a escritora Mara Cortez (foto acima) publicou os livros *Mãe, a gente pode levar?* e *Parque de Diversões dos Números*. No primeiro, o porquinho Jujo recebe lições valiosas sobre finanças durante um passeio no shopping com sua mãe, dona Porfíria. No segundo, os próprios números são protagonistas de aventuras. A seguir, você confere algumas das lições encontradas nas obras e que podem ajudar as crianças a apreciar e compreender melhor o tema.

Números não são um bicho de sete cabeças

Cálculos fazem parte da vida de todas as pessoas, mas a dificuldade em resolvê-los pode prejudicar crianças em idade escolar. Nos dois livros, a autora reforça essa proximidade entre as equações e o cotidiano: a personagem dona Porfíria usa exemplos corriqueiros para que Jujo a entenda, e todas as operações mostradas em *Parque de Diversões dos Números* acontecem quando os personagens se aventuram nos brinquedos do local.

Organização é sua melhor amiga

Não basta apenas entender como os números funcionam, é preciso também ser organizado para usá-los a seu favor. Quando Jujo pede à mãe para gastar o salário em compras no shopping, ela explica que é preciso se organizar para garantir que nada essencial vai faltar em casa. No parque de diversões, os números são alertados sobre a importância de respeitar as regras dos brinquedos, para garantir que as transformações, por meio da soma e subtração, deem certo.

Experimentar e errar faz parte do aprendizado

Para ter certeza de que algo foi aprendido, é preciso fazer experimentos e tentativas que nem sempre serão bem-sucedidas. Dona Porfíria não impede que Jujo gaste todo o seu dinheiro de uma vez porque quer que o filho entenda como fazer escolhas inteligentes. Embora o porquinho fique triste com o resultado, já sabe que precisará refletir mais nas próximas oportunidades. Se não tivessem decidido visitar o parque, os números nunca teriam conhecido as operações matemáticas que os transformam.

Aprender em grupo é mais divertido

Em todas as idades da vida nós aprendemos algo novo, e o processo fica mais empolgante quando estamos bem acompanhados. Mesmo diante de tarefas e conteúdos complicados, a companhia e conselhos de pessoas queridas nos permitem ver a questão com outro olhar, e dão ânimo para continuar o aprendizado. Com a ajuda de dona Porfíria, Jujo vai poder cuidar da sua mesada. Do mesmo modo, a amizade entre os números permite que eles façam novas descobertas e se divirtam no processo.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 - cabo do tridente; 2 - ponta do rabo; 3 - cabeça; 4 - boca do peixe; 5 - sifão; 6 - orelha esquerda; 7 - pingo do d'gua; 8 - barba; e 9 - coxa.

Dependência total das telas

Para as novas gerações, estar hiperconectado pode apresentar um fator de risco para o desenvolvimento de problemas como ansiedade, depressão e dificuldades sociais

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Hiperconectada, a infância nunca esteve tão dependente das telas e, talvez por isso, tão vulnerável e ansiosa. Diante do choro insistente de uma criança e de uma rotina familiar exaustiva, é quase impossível para qualquer pai ou mãe resistir à tentação de recorrer ao celular para “acalmar” ou entreter os filhos. Hoje, o aparelho virou o item mais valioso do “kit de sobrevivência parental”, superando muitos brinquedos em importância. Seja na hora do banho, durante as refeições ou antes de dormir, lá está ele, sempre à mão, hipnotizando o público infantojuvenil com vídeos e jogos cheios de cores vibrantes e sons intensos.

Como descreve Laila Rabadan, mãe de duas crianças pequenas, as telas se tornaram uma espécie de “babá eletrônica” da nova geração. “Com tantas demandas para dar conta, como trabalho, casa, alimentação e autocuidado, elas acabam sendo uma ‘solução rápida’ para desafogar pais exaustos”, reflete. Consciente dos riscos, ela se desafia todos os dias a buscar um equilíbrio entre a proteção das filhas e a introdução responsável da tecnologia em suas rotinas.

Manter esse equilíbrio não é simples — e Paulo Zsa Zsa, pseudônimo que assina o livro *Aconteceu com Minha Filha* (Geração Editorial), viveu isso ao extremo. No papel de pai, viu sua filha de 13 anos se perder em um labirinto digital, influenciada por comunidades virtuais que a levaram à automutilação. “Eu tinha a senha do celular dela, dava sempre uma olhada, mas não achava nada. Porque, na realidade, não sabia o que procurar. É

como se todo mundo falasse em alemão, mas você não sabe alemão”. Ele admite: “Eu era ignorante, no sentido de não ter o conhecimento necessário”.

Embora estejam em momentos distintos — e até opostos — dessa jornada digital, Paulo e Laila enfrentam um mesmo inimigo invisível: a nomofobia. O termo vem do inglês (*no mobile phone phobia*) e descreve o medo irracional de ficar longe do celular ou simplesmente se desconectar. Em outras palavras, estamos falando de um padrão de uso “descontrolado” que pode, sim, evoluir para dependência e impactar seriamente a saúde mental dos usuários. No caso das crianças, quando o aparelho começa a ocupar o lugar da brincadeira e das relações pessoais, é sinal de que algo não vai bem. Os efeitos vão desde sintomas mais comuns, como irritabilidade e desatenção, até sentimentos mais profundos, como baixa tolerância à frustração e apatia diante do mundo real. Mas isso é apenas uma parte do problema. Em situações mais graves, essa relação tóxica

com a tecnologia pode escancarar portas perigosas para um submundo digital, onde as cicatrizes causadas pelo vício são ainda mais profundas.

Reduzir a questão apenas ao controle do tempo de tela empobrece — e muito — o debate. Em um país onde mais de 93% das crianças e adolescentes, entre nove e 17 anos, estão conectados à internet, segundo dados da pesquisa “TIC Kids Online 2024”, é urgente ir além da contagem de minutos e entender o que está por trás desse comportamento adoecido. Especialistas em educação digital, como a diretora do Instituto Educadigital, Priscila Gonçales, e a pedagoga Nádia Jane de Sousa, professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), reforçam a necessidade de discutir o que essas crianças estão consumindo, como estão

interagindo com o conteúdo e quem, de fato, está moldando esses ambientes digitais.

Definitivamente, não existem respostas fáceis para perguntas difíceis, mas precisamos nos permitir pensar. Em um mundo cada vez mais digital — moldado por inteligência artificial (IA), algoritmos e aplicativos — será que estamos realmente preparados para educar nossas crianças para essa nova realidade? Que tipo de infância estamos cultivando hoje? E, mais urgente ainda: quais os impactos dessa digitalização acelerada no desenvolvimento infantil? Existe algum ponto de equilíbrio possível para essas crianças que já nascem com o celular nas mãos? Essas são algumas das questões que atravessam este caderno, não com a pretensão de oferecer respostas definitivas, mas com o compromisso de provocar e abrir espaço ao debate.



Ilustração: Bruno Chiessi

Nos dias de hoje, o celular virou o item mais valioso do “kit de sobrevivência parental”, sendo quase impossível para qualquer pai ou mãe resistir à tentação de recorrer ao aparelho para “acalmar” ou entreter os filhos

BOMBA DE ESTÍMULOS

Química por trás da dependência digital precoce

Excesso de impulsos e dopamina em alta transformam o uso dos aparelhos em um risco real ao desenvolvimento das crianças

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Tente tirar de uma criança pequena, já habituada à bomba de estímulos visuais e sonoros que vem do celular, o acesso ao aparelho, e o resultado será um choro retumbante. À primeira vista, esse comportamento pode parecer uma birra comum, mas o que poucos pais percebem é que, por trás das lágrimas, pode estar se formando uma relação muito intensa com a tecnologia. A nomofobia não tem idade – e nem começa, como muitos imaginam, na pré-adolescência, quando ela passa a se perceber como indivíduo independente. Muitas vezes, essa dependência já está presente desde o berço e ganha corpo ao longo da primeira infância. Mas, afinal, por que um bebê teria essa necessidade, mesmo antes de aprender a falar?

Segundo a psicopedagoga Maria Vitória Sabino, a resposta está nas reações químicas provocadas por esse contato tão precoce com o aparelho. “É um estímulo muito passivo, porque a criança não interage de verdade, e isso acaba sobrecarregando o cérebro com dopamina, o neurotransmissor associado ao prazer. E aí nada é tão atrativo quanto as telas, o que causa dependência como qualquer outro vício”, explica. O problema é que, com o tempo, o cérebro passa a pedir mais, como se entrasse em estado de abstinência sempre que a tela desaparece. É nessa hora que o comportamento se desregula, dando sinais de vício.

Entretanto, não se trata apenas de episódios isolados de teimosia ou manha. Os efeitos dessa dependência digital tão precoce são bem mais profundos e, pouco a pouco, podem comprometer o desenvolvimento infantil em diferentes aspectos. Vitória Sabino explica que, quanto mais cedo as crianças entram em contato com as telas, maior o risco de sofrerem prejuízos na linguagem, na sociabilidade e na capacidade de concentração.

Prejuízos cognitivos

Aliás, por conta dessa sobrecarga dopaminérgica provocada pelo uso contínuo do celular, as crianças passam, quase de forma “osmótica”, a perder o interesse por estímulos reais. Aos poucos, o próprio modo de experimentar o mundo se transforma. “Elas não conseguem mais brincar de forma livre, já que nada parece tão estimulante quanto aquilo que é visto no aparelho, o que também gera baixa tolerância à frustração e dificuldade no controle emocional”, observa a especialista. Porém, diferentemente do que possa parecer, o problema, aqui, não é apenas de cinho emocional – o que também está em jogo é a cognição.

Desde que o mundo é mundo, o ser humano aprende pela experiência, e é justamente por conta das frustrações do dia a dia que nos tornamos capazes de planejar, tomar decisões e resolver problemas. Mas nada disso aconte-

ce quando a criança está imersa em um ambiente digital totalmente passivo, que entrega recompensas instantâneas e evita qualquer tipo de desafio. “O lóbulo frontal do cérebro, que é a parte que engloba as funções executivas, de tomada de decisão e planejamento, é o que demora mais a se desenvolver”, analisa Maria Vitória Sabino. Ainda segundo a psicopedagoga, a maturidade dessas funções só vem entre os 13 e 24 anos – e, se não forem bem estimuladas, na infância, podem apresentar atrasos importantes.



Foto: Arquivo pessoal

Segundo a psicopedagoga Vitória Sabino, quanto mais cedo as crianças entram em contato com as telas, maior o risco de sofrerem prejuízos na linguagem, na sociabilidade e na capacidade de concentração

Fragilidade dos adolescentes diante das telas

Na adolescência, período crucial para o desenvolvimento da identidade e da autonomia, o celular deixa de ser apenas uma distração para assumir um papel mais profundo: o de mediador emocional e social. Enraizado no cotidiano desses jovens, ele se torna uma forma prática e acessível de escapar das “chatices” do dia a dia. Porém, quando o uso sai do controle, pode se transformar em uma prisão – só que virtual. Por isso, embora a nomofobia afete de forma semelhante crianças e adolescentes, seus efeitos tendem a ser ainda mais graves nessa fase da vida – marcada por emoções intensas e uma urgência por pertencimento. Foi o que aconteceu com Júlia, hoje com 14 anos, filha de Paulo Zsa Zsa, que viu sua relação com o celular ultrapassar o limite do saudável e se transformar em dependência.

Tudo começou de forma sutil, como ele conta ao *Journal A União*: “Ela foi ficando fascinada pelo celular e passando cada vez mais tempo nele, jogando *on-line*, vendo vídeos e trocando mensagens”. Porém, o que, aos olhos do pai, parecia um comportamento típico da geração dela, de repente, foi agravado pela pandemia de forma exponencial. O fato é que a jovem foi sendo absorvida pelo mundo virtual e ficando emocionalmente vulnerável, mas sua atitude revelava apenas uma parte do problema. “Quando chegávamos a algum lugar, cinema ou qualquer outro passeio, ela já ficava ‘doida’ querendo voltar para casa. Porque aquilo [o celular] é uma coisa muito prazerosa”. Seria apenas uma fase? Definitivamente, não. Júlia estava envolvida em uma comunidade tóxica que incentivava seus membros a se automutilarem, um submundo digital do qual ela, devido ao vício, não seria capaz de sair sozinha.

Uma cicatriz na virilha, na altura do biquíni, foi o primeiro sinal de que algo mais sério estava acontecendo. Paulo entrou em alerta. Já suspeitava que a filha estivesse se cortando, mas foi só depois de reunir coragem para perguntar diretamente que teve a confirmação. “Sim”, respondeu ela. A partir dali, o sinal vermelho se acendeu de vez. “Eu achava que era um problema psicológico. Porque, como ela perdeu a mãe muito bebezinha, eu dizia: ‘Poxa, ela deve estar se sentindo abandonada’”, lembra. Mas os cortes se multiplicaram: primeiro na perna, depois no braço e na barriga.

ga. “Eu continuava achando que era algo psicológico”, diz o autor de *Aconteceu com Minha Filha*.

Sinal vermelho

Quando a situação chegou ao limite – com os dois braços completamente cortados e cobertos de sangue –, Júlia finalmente chamou pelo pai e, pela primeira vez, admitiu que algo estava errado. “Pai, eu surtei, me interna”, implorou. No meio do desespero, Paulo se recorda de um detalhe especialmente doloroso, que revela o nível de dependência da filha: mesmo a caminho do hospital, ainda em estado de choque, ela queria o celular. “Foi a primeira coisa que ela pediu. E eu não atendi. O que ela iria fazer? Provavelmente iria filmar, mostrar que estava chegando ao hospital, que tinha se cortado”, conta. Aquilo não era um pedido qualquer; era parte dos desafios impostos pelo grupo – e o desfecho garantiria a ela mais visibilidade por conta da prova de força. A nomofobia estava ali, escancarada, como se o aparelho fosse o único

elo possível com o mundo que ela acreditava ser seu.

Por isso, a psicopedagoga Vitória Sabino é enfática ao afirmar que “quanto mais cedo começar a redução do tempo de tela, melhor”. No caso da jovem, o episódio trouxe à tona a urgência de desconectar a das telas, já que a menina corria risco de vida. “A overdose, no caso da minha filha, era se suicidar. Então, eu a bani da internet, mas, depois, o caminho foi tentar flexibilizar o uso”, conta o pai. Por um tempo, ela só podia usar o celular dele. E, mesmo assim, em um episódio de fissura, gastou R\$ 1,2 mil no Roblox, uma plataforma de jogos. Não havia, portanto, espaço para meio-termo. Hoje, o cenário é outro: Júlia tem seu próprio aparelho, mas sem redes sociais – apenas para estudar e se comunicar, como deveria ter sido desde o início.



Imagem: Reprodução/Gráfico Editorial

Paulo Zsa Zsa, pseudônimo que assina o livro “Aconteceu com Minha Filha”, testemunhou o que sucede com Júlia e a sua relação com o celular, ultrapassando o limite e levando a dependência para a automutilação

Pensar

Interação passiva com a tecnologia acaba sobrecarregando o cérebro com dopamina, o neurotransmissor associado ao prazer, o que causa dependência como qualquer outro vício



Ilustração: Bruno Chioisi

VIGILÂNCIA Privacidade infantil existe? Os dilemas da mediação parental

Entre proteger e controlar, pais enfrentam o desafio de acompanhar a vida digital dos filhos sem abrir mão do vínculo e da responsabilidade

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Entre o “está tudo bem, só está brincando” e o “não sei mais o acontece na vida do meu filho”, existe uma linha tênue que muitos pais custam a perceber. É fato que o celular faz parte da rotina de crianças e adolescentes, mas, quando uso não é devidamente mediado pelos responsáveis, a brincadeira pode virar um problema sério. Na tentativa de respeitar o espaço dos filhos, muitos pais acabam perdendo o compasso da gestão da tecnologia. E não se trata apenas de controlar o tempo de tela ou impor regras, mas de entender o que está sendo vivido ali – e com quem – e se fazer presente.

Não à toa, encontrar o ponto de equilíbrio entre presença e privacidade é um dos maiores desafios enfrentados pelas famílias atualmente. Laila Rabadan, mãe de duas meninas, de cinco e três anos de idade, tenta lidar com isso de forma consciente e sem demonizar a tecnologia. Para ela, o caminho está no uso com intenção, responsabilidade emocional e, acima de tudo, presença real. O que realmente faz diferença, segundo ela, é ter pais que escutam, acolhem e acompanham os filhos.

Equilíbrio

Na rotina da casa, o acesso às telas não é proibido, mas planejado. As filhas não usam celular ou *tablet*, a não ser em situações muito pontuais, como aquele dia de vacina em que o “poder hipnótico” do vídeo ajudou a acalmá-las. A televisão também entra na programação, mas com moderação e critério. Os pais priorizam conteúdos de baixo estímulo e assistem junto quando aparece algo novo, para garantir que tudo esteja de acordo com a idade das meninas. “Mesmo ainda pequenas, buscamos dar sentido a cada vivência. Explicamos, conversamos, acolhemos. Porque, mais do que obedecer por

“

Os pais precisam entrar em consenso e manter o mesmo posicionamento sobre o uso do celular. Quanto mais claros são os limites, melhor

Maria Vitória Sabino

imposição, queremos que elas escolham com consciência”, destaca Laila.

Segundo a psicopedagoga Maria Vitória Sabino, esse tipo de mediação é indispensável para impedir que a nomofobia se instale na infância. Não se trata de evitar a tecnologia, mas de estar atento ao papel que ela ocupa na vida da criança e do adolescente. Ela explica que o controle não precisa – e nem deve – ser punitivo ou autoritário. O segredo está na combinação entre exemplo, rotina equilibrada e diálogo constante. “Os pais precisam entrar em consenso e manter o mesmo posicionamento sobre o uso do celular. Quanto mais claros são os limites, melhor. E isso deve ser feito através do diálogo”, observa.

A especialista também destaca a importância não só de estipular horários, mas de observar o conteúdo consumido. “Como não dá para tirar 100% das telas, devemos buscar conteúdos que sejam educativos e interativos, que levem a criança a pensar e exijam a mediação do adulto”. O foco, portanto, deve estar na interação e no propósito da atividade.

Acompanhar ou “invadir”?

Nesse cenário, a presença ativa dos pais, além de estreitar vínculos, pode ser decisiva para evitar desdobramentos graves. A lógica do “deixa lá no quarto” é perigosa, principalmente quando o celular se torna o principal canal de interação. Para Paulo Zsa Zsa, pai da adolescente Júlia, o limite entre acompanhar e “invadir” a privacidade é delicado, mas não pode ser negligenciado. “Eu fui esse tipo de pai, que tinha pudor em entrar no celular da minha filha, porque achava que estava invadindo a privacidade dela. Esse foi o meu grande erro – e é um erro muito comum”, destaca o autor do livro *Aconteceu com Minha Filha*.

A comparação que ele faz é direta: nenhum pai deixaria a filha sair com um desconhecido, então por que permitir conversas com estranhos em um ambiente ainda mais vulnerável, como o digital? Para ele, acompanhar significa cuidar e, principalmente, saber o que se passa naquele universo virtual. E completa: “Quando você impõe limites, seu filho vai reclamar. Mas, por mais doloroso que seja, posicione-se como pai para proteger o que você tem de mais importante, que é justamente ele”.



Foto: Arquivo pessoal

Mãe de duas crianças, Laila Rabadan busca dar sentido a cada vivência com elas, explicando, conversando e acolhendo para aceitar a imposição com consciência

SUPORTE

Apenas proibir não basta: a urgência de educar para o digital

Especialistas defendem que o assunto precisa entrar de vez na rotina das escolas e das famílias, preparando os jovens para navegar no mundo virtual com plena consciência

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

À primeira vista, proibir o uso de celulares, principalmente entre as crianças, parece a solução mais eficaz contra a nomofobia infantil. Mas será mesmo que estamos atacando a raiz do problema? Enquanto escolas endurecem as regras e famílias inteiras impõem limites de acesso ao aparelho, especialistas em educação digital alertam: o verdadeiro desafio não é tirar o celular da mão de uma criança, mas oferecer a ela o suporte necessário para usá-lo de forma crítica, em um mundo onde a tecnologia é parte inseparável da vida. É por isso que Nádia Jane de Sousa e Priscila Gonsales defendem que a alfabetização digital precisa começar cedo, para que esta geração aprenda a fazer escolhas conscientes desde o princípio.

Para Priscila, diretora do Instituto Educadigital e pesquisadora em Linguagens e Tecnologias pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São Paulo, falar apenas em “tempo de tela” é adotar uma abordagem “bastante reducionista” diante da complexidade da nossa relação com a tecnologia. Segundo ela, a lógica do *design* digital atual, dominada por algoritmos que recompensam o engajamento contínuo e imediato, ig-



Foto: Arquivo pessoal

Priscila Gonsales defende incluir no debate sobre nomofobia temas como manipulação algorítmica, monetização da atenção infantil e ausência de políticas públicas que responsabilizem as plataformas

verdadeiro impacto que as telas provocam na vida das crianças. “É um sistema que visa explorar vulnerabilidades cognitivas, o que precisa ser discutido com urgência. A pergunta, então, não é só “quanto tempo?”, mas “a serviço de quem?”. Priscila Gonsales defende incluir no debate sobre nomofobia temas como manipulação algorítmica, monetização da atenção infantil e ausência de políticas públicas que responsabilizem as plataformas. “Ignorar isso é culpar a criança ou a família por um problema que é, em grande parte, sistêmico”, ressalta.

Imediatismo

Não dá para ignorar, portanto, a influência das mídias digitais na forma como as crianças experienciam o mundo. Como bem explica a pedagoga e doutora em Educação, Nádia Jane de Sousa, da UFPB, a sociedade vive, hoje, um intenso processo de midiaticização, e a infância também está sendo atravessada por ele. “Isso pode ser visto via brinquedos, publicidade, nos modos das crianças se expressarem e brincarem, e no que é consumido e desejado por esse grupo”, afirma. Nesse cenário, o apelo ao consumo, o imediatismo e os estímulos audiovisuais funcionam como engrenagens cruciais desse sistema, criando um ambiente que, segundo ela, “minimiza a importância das interações reais”. Para Nádia Jane, o resultado disso é preocupante: “lacunas significativas no processo de desenvolvimento integral da criança”, que desafiam não só educadores, mas a sociedade como um todo.

Não à toa, segundo Priscila Gonsales, a educação digital precisa começar muito antes da alfabetização formal. Ela alerta que, mesmo sem saber escrever, crianças pequenas já são educadas por esses mecanismos comerciais invisíveis, “que visam moldar comportamentos de consumo e dependência”. Por isso, essa formação deve ser construída desde cedo – e, aqui, não se trata apenas de ensinar a navegar *on-line* com segurança, mas estimular um olhar mais crítico e empático. “Educar para a cidadania digital é possibilitar que as crianças compreendam, ainda que em linguagem simbólica, que há intenções por trás do que aparece na tela e que seus dados, sua atenção e suas emoções são a ‘moeda de troca’”, explica a diretora do Instituto Educadigital.

Ambas as especialistas concordam que o papel das famílias é central nesse contexto. Mais do que controlar cada clique, cabe aos adultos mediar a relação das crianças com a tecnologia e, sobretudo, servir de exemplo. “Precisamos cultivar um espaço relacional em que o digital possa ser discutido com afeto, presença e escuta. A formação para a cidadania digital começa com o exemplo: como os adultos lidam com seus próprios celulares? Quais conversas se tem em casa sobre o que se vê nas redes? Existe abertura para questionar o que é consumido *on-line*?”, reflete a diretora do Instituto Educadigital. E complementa: “Orientar não é impor; é acompanhar”. Ou seja, é preciso criar combinados, respeitar as fases de desenvolvimento e reconhecer que, nesse território digital, os pais também têm muito que aprender.

Educação formal

Já no contexto das escolas, a pedagoga Nádia Jane de Sousa questiona a lógica da proibição pura e simples, tendo em vista que os “ventos da contemporaneidade nunca deixarão de soprar”, como ela bem lembra. O desafio, a seu ver, é saber lidar com esse novo cenário e aprofundar o debate. Como estratégia, ela sugere que as escolas integrem as mídias ao currículo, ouçam o que as crianças pensam sobre o conteúdo que consomem e promovam atividades que as façam experimentar novas narrativas. “Precisamos reconhecer as habilidades que as crianças têm de avaliar o que está à sua disposição, mas também identificar o que elas precisam aprender para poder ampliar essas capacidades”, afirma a especialista, citando o teórico britânico David Buckingham.

Na visão de Nádia, a educação infantil deve priorizar interações reais e experiências diversas. Isso significa, na prática, possibilitar às crianças o acesso a formas de viver a infância com menos tela e mais imaginação. Um desafio que, segundo ela, não diz respeito apenas às escolas, mas a toda a sociedade, que precisa garantir políticas públicas efetivas nas áreas de lazer, cultura e esportes. “Precisamos entender que as crianças aprendem e se desenvolvem a partir das interações que estabelecem com o mundo ao redor; que desemparedá-las é importante para terem acesso à natureza e que devemos ouvi-las e observá-las”, enumera a pedagoga.

Mão na massa

A proibição dos celulares nas escolas pode até representar um primeiro passo contra a nomofobia infantil, mas não o único. “De nada adianta proibir o celular dos estudantes se a esco-



Precisamos entender que as crianças aprendem e se desenvolvem a partir das interações que estabelecem com o mundo ao redor

Nádia Jane de Sousa

la opta somente por introduzir a tecnologia digital como recurso didático. Isso fica incoerente. Existem diversas formas de pensar metodologias”, complementa Priscila. Ela sugere que as instituições aproveitem a oportunidade para envolver as crianças e os adolescentes em processos de investigação sobre a própria tecnologia, incluindo questões sobre o desenvolvimento de aplicativos e o funcionamento dos algoritmos. “Precisamos de ações ‘mão na massa’: produzir *podcasts*, editar vídeos, criar jogos, experimentar *softwares* livres e recursos alternativos, fora das grandes plataformas”, finaliza.

No fim, não existe uma fórmula mágica para reduzir a dependência das telas na infância. Mas, em meio a tantas incertezas, Nádia Jane de Sousa e Priscila Gonsales convergem em um ponto fundamental: é preciso construir uma relação mais saudável e consciente com a tecnologia. O caminho passa por cultivar pensamento crítico, empatia e senso de justiça, além de criar espaços educativos onde crianças e adolescentes possam refletir, perguntar e entender o porquê das coisas. A lógica do controle pode até funcionar no curto prazo, mas não garante autonomia a ninguém.



Ilustração: Bruno Chaves

Intenso processo de midiaticização cria um ambiente que minimiza a importância das interações reais entre as crianças e entre os adolescentes